

LIDIA SCHNEIDER BRISTOT

**SER REVOLUCIONÁRIO OU REVOLUCIONÁRIA: discursos
sobre juventude na esquerda armada latino-americana (Brasil e
Uruguay, 1959-1973)**

Dissertação submetida ao
Programa de Pós-Graduação em
História da Universidade Federal
de Santa Catarina para obtenção do
grau de Mestre em História
Cultural. Orientadora: Prof^a. Dr^a.
Cristina Scheibe Wolff

Florianópolis
Fevereiro, 2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária
da UFSC.

BRISTOT, LIDIA SCHNEIDER

SER REVOLUCIONÁRIO OU REVOLUCIONÁRIA : discursos
sobre juventude na esquerda armada latino-americana
(Brasil e Uruguay, 1959-1973) / LIDIA SCHNEIDER
BRISTOT ; orientadora, Cristina Scheibe Wolff, 2018.
167 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História,
Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. História. 2. Gênero. 3. Juventude. 4.
Masculinidades. 5. América Latina. I. Scheibe
Wolff, Cristina. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. III.
Título.

Ser revolucionário ou revolucionária: discursos sobre juventude na esquerda armada latino-americana (Brasil e Uruguai, 1959-1973)

Lídia Schneider Bristot

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de

MESTRE EM HISTÓRIA CULTURAL

Banca Examinadora

Prof. Dra. Cristina Scheibe Wolff

Prof. Dra. Cristina Scheibe Wolff (Orientadora) - PPGH/UFSC

Prof. Dra. Roselane Neckel

Prof. Dra. Roselane Neckel (Presidente) – UFSC

Prof. Dra. Silvia Maria Favero Arend

Prof. Dra. Silvia Maria Favero Arend – PPGH/UEDESC

Prof. Dra. Joana Maria Pedro (Suplente interno) – PPGH/UFSC

Prof. Dra. Beatriz Gallotti Mamigonian

Prof. Dra. Beatriz Gallotti Mamigonian

Coordenadora do PPGH/CFH/UFSC

Florianópolis, 06 de março de 2018.

*À todas as pessoas que se foram na luta por um mundo novo.
À todas as pessoas que mantêm viva a utopia de se lutar por um mundo
novo.*

AGRADECIMENTOS

Essa dissertação é fruto de um amplo trabalho coletivo que permitiu que eu pudesse construir meu conhecimento e transmiti-lo nas páginas seguintes. Tentarei agradecer todas essas pessoas, apesar de saber que muitas importantes ficarão de fora. Primeiramente é imprescindível agradecer a Cristina, minha grande orientadora desde a Iniciação Científica durante a graduação em História, sua generosidade, conhecimento e, principalmente, paciência nos últimos momentos de escrita, foram fundamentais para a realização desse trabalho.

Agradeço também a um coletivo essencial: o Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH). Foi através de minha primeira bolsa de iniciação científica com a Cristina que entrei em contato com o LEGH, e dos encontros, debates, pesquisas, experiências e amizades que desenvolvi e tive contato ali foi que me formei como historiadora e como feminista. Minhas vivências no LEGH são essenciais para a realização desta dissertação e de toda a minha formação acadêmica, e agradeço por todas as mulheres maravilhosas que tive o privilégio de conhecer e me tornar amiga através desse espaço.

Agradeço enormemente a hospitalidade com que fui recebida nos espaços de pesquisa uruguaio, principalmente através dos trabalhadores e trabalhadoras do Centro de Estudios Interdisciplinarios Uruguayos (CEIU) da Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación da Universidad de La República em Montevideú.

Agradeço ao CNPq pela bolsa de mestrado que permitiu dedicar-me dois anos à essa escrita, ao Programa de Pós-Graduação em História da UFSC e a todos os seus professores e professoras.

Agradeço aos diferentes espaços de militância que convivi nos últimos anos, pois apesar de terem roubado tempo de escrita da dissertação, foram essenciais em minha formação política, e acredito que muito dessa formação transpassa para a escrita da dissertação.

Agradeço às inúmeras pessoas que nos últimos quatro anos fizeram parte da minha vida, pela amizade, aprendizado, alegrias e amores compartilhadas, agradeço pelos que se mantiveram e pelas renovações.

Agradeço por este ciclo chegar ao fim enquanto carrego e vivo uma nova vida, que ela seja sempre a lembrança viva da possibilidade e urgência de se construir um novo mundo.

*No todo es azul,
no todo es azul
en el cielo claro
de la juventud.
Por eso, con fe
pongamos el pie
al mundo sin alma
que está por caer.*

La Canción del estudiante. Victor Lima. Gravada por Los Olimareños
em 1970.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar discursos sobre juventude na esquerda armada latino-americana entre 1965 e 1973. Para isso busco como fontes textos produzidos por duas organizações de guerrilha, Movimiento de Liberación Nacional - Tupamaros (MLN-T), do Uruguay, e Ação Libertadora Nacional (ALN), do Brasil, e documentos teóricos de referência para ambas as organizações, que foram escritos por Ernesto Che Guevara. Através da análise dessa documentação e da utilização das categorias de análise gênero e juventude procuro refletir acerca de um ideal de sujeito revolucionário ambicionado por ambas as organizações e que foi materializado nos escritos e na imagem de Che Guevara. A partir da relação entre juventude e gênero nesses discursos procura-se perceber como se construiu e quais eram os ideais de masculinidade e virilidade para os militantes que se pretendiam revolucionários e qual o lugar das mulheres nesses discursos.

Palavras-chave: esquerdas armadas; juventude; sujeito revolucionário; masculinidade; Ernesto Che Guevara; gênero; América Latina.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze discourses about youth inside the Latin American armed left, between 1965 and 1973. To achieve it this investigation use as sources texts produced by two guerrilla organizations: Movimiento de Liberación Nacional - Tupamaros (MLN-T), Uruguay, and Action Libertador Nacional (ALN), from Brazil. Beside that use theoretical reference documents for both organizations that were written by Ernesto Che Guevara. Through the analysis of this documentation and the use of the categories of analysis of gender and youth, this research try to reflect on an ideal of a revolutionary subject that has been sought by both organizations and that has been materialized in the writings and image of Che Guevara. From the relationship between youth and gender in these discourses seeks to understand how was built and what were the ideals of masculinity and virility for militants who claimed to be revolutionaries and the place of women in these speeches.

Keywords: armed lefts; youth; revolutionary subject; masculinity; Ernesto Che Guevara; gender; Latin America.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Fotografia de Ernesto Che Guevara. SALAS, Osvaldo. Che Constructor. 1961	2
Figura 2: Homenagem a Che Guevara em folheto tupamaro	2
Figura 4: Fotografia de Camilo Cienfuegos, Fidel Castro e outros membros da guerrilha entrando vitoriosos em Havana. AFP. 8 de janeiro de 1959.....	2
Figura 3: Fotografia de Ernesto Che Guevara, Fidel Castro e Camilo Cienfuegos. CORRAL, Raul. Regresso de Fidel. Maio, 1959.....	2
Figura 5: Capa do jornal O Guerrilheiro n. 2, 1970 apreendida pelo DOPS em 1972. Processo Brasil Nunca Mais 068.....	2
Figura 6: 1971/09/08 - MENSAJE CONFIADO AL SR. GEODFREY JACKSON. Acervo do Centro de Estudios Interdisciplinarios uruguayos (CEIU), “Colección David Campora”, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad de la República, Uruguay.....	2
Figura 7: Ilustrao apreendida pelo exército em junho de 1972. Processo Brasil Nunca Mais 068.....	2

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALN Ação Libertadora Nacional
CEIU Centro de Estudios Interdisciplinarios Uruguayos
CGT Comando Geral dos Trabalhadores
CNT Convención Nacional de Trabajadores
FAU Federación Anarquista Uruguaya
FEUU Federación de Estudiantes Universitarios del Uruguay
MNL-T Movimiento de Liberación Nacional - Tupamaros
LEGH Laboratório de Estudos de Gênero e História
MAC Movimiento de apoyo al Campesinado
MIR Movimiento de Izquierda Revolucionario
MPS Medidas Prontas de Seguridad
MR-26 JULHO Movimiento Revolucionario 26 Julio
MRO Movimiento Revolucionario Oriental
OLAS Organización Latinoamericana de Solidaridad
PCB Partido Comunista Brasileiro
PCBR Partido Comunista Brasileiro Revolucionário
PCU Partido Comunista del Uruguay
PCUS Partido Comunista da União Soviética
PS Partido Socialista
UNE União Nacional dos Estudantes
UTAA Unión de Trabajadores Azucareros de Artigas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 - ESQUERDAS REVOLUCIONÁRIAS NO BRASIL E URUGUAI.....	31
1.1 CONTEXTO BRASIL E URUGUAI.....	33
1.2 PENSANDO AS ESQUERDAS ARMADAS.....	57
CAPÍTULO 2 - “HOMEM NOVO”: MASCULINIDADES NA LUTA ARMADA.....	71
2.1 CHE GUEVARA.....	72
2.2 JUVENTUDE ENQUANTO CATEGORIA DE ANÁLISE.....	79
2.3 PENSANDO O HOMEM NOVO: ARTICULAÇÕES ENTRE MASCULINIDADE E JUVENTUDE.....	90
CAPÍTULO 3 - JUVENTUDE E GÊNERO NA ALN E MNL-T..	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	147
REFERÊNCIAS.....	149

INTRODUÇÃO

A escrita desta dissertação se dá em momentos turbulentos politicamente. Ela se iniciou em meio à onda de protestos que tomou o país devido ao golpe parlamentar consumado em 31 de agosto de 2016 e contra as posteriores “reformas” políticas como a emenda constitucional nº 95, a reforma trabalhista e previdenciária¹. Foi inevitável pensar nas histórias que tento escrever nesta dissertação, ainda mais quando em assembleias, reuniões e conversas pessoais ouvi falar sobre resistência, sobre organização, sobre reformismo e revolução, e até sobre Marighella. Além disso, uma questão central para esta pesquisa insistiu em surgir repetidamente nesses debates: a força da juventude. Florianópolis se destacou entre as cidades brasileiras onde ocorreram manifestações contra o governo Temer, principalmente pelo tamanho das manifestações com relação à população da capital e por seu caráter jovem e autônomo em relação aos partidos tradicionais de esquerda,² e um discurso sobre o papel dessas pessoas jovens esteve inclusive na mídia tradicional, como uma reportagem do Diário Catarinense que acredita na hipótese de que “esteja na juventude dos manifestantes o combustível para atos de protesto e resistência”.³

A escrita da dissertação continuou ao longo de 2017, quando vimos um pouco desse “combustível” se desfazer frente as dificuldades e impossibilidades dos movimentos sociais e partidos políticos de esquerda brasileiros. Nesse ano também ficou mais explícita a relação dos contextos políticos nacionais com os internacionais, nos lembrando

-
- 1 Para um apanhado geral da agenda política neoliberal do governo Temer ver QUEIROZ, Antônio Augusto de. O desmonte do Estado de proteção social. *Le Monde Diplomatique Brasil*, São Paulo, n. 117, maio 2017. Disponível em: <<http://diplomatie.org.br/o-desmonte-do-estado-de-protecao-social/>>. Acesso em 24 set. 2017.
 - 2 Minha argumentação parte de minha experiência política entre 2016 e 2017. Para uma análise sobre a mobilização política em Florianópolis no ano de 2016 recomendo o artigo de Leo Vinicus, *Labirintos do golpe (no golpe)*. Disponível em: <<http://desacato.info/labirintos-do-golpe-no-golpe/>>. Acesso em 07 mar. 2018.
 - 3 LENHART, Felipe. Florianópolis volta ao protagonismo em protestos contra Michel Temer. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 3 set. 2016. Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2016/09/florianopolis-volta-ao-protagonismo-em-protestos-contra-michel-temer-7373574.html>>. Acesso em: 03 set. 2016.

de nossa vinculação latino-americana e a importância da macropolítica para pensar lógicas nacionais.⁴

O objetivo principal deste trabalho não é falar desse tempo presente nem refletir sobre nosso contexto atual. Mas não me nego a afirmar que minha atuação e opções políticas estarão presentes nas linhas que escrevo. Esta dissertação se propõe a pensar um tempo histórico específico, mas através de questões que continuam sendo importantes para mobilizações de esquerda, como a ideia de jovens enquanto catalisadores de ações radicais, de uma juventude rebelde e revolucionária. A juventude enquanto potência transformadora e os jovens enquanto atores sociais capazes de se organizarem e atuarem politicamente se torna intrigante na medida em que continuam sendo utilizadas para pensar transformações na sociedade. Será então que a juventude é realmente lócus privilegiado de rebeldia revolucionária?

Esta dissertação é uma tentativa de pensar um pouco como tais ideias são (re)construídas em determinados períodos históricos, como recorre-se à ideia de uma rebeldia juvenil para pensar a atuação política de pessoas jovens. Partindo de um argumento/sentimento/sensação/hipótese, de que ideias de juventude são mobilizadas em contextos de luta revolucionária e que a juventude pode ser um conceito símbolo para revolução/transformação, me debruço sobre o contexto específico de grupos de esquerda armada no Brasil e no Uruguai entre as décadas de 1960 e 1970 para pensar como pessoas jovens e ideias de juventude foram mobilizadas em prol de ideias de revolução.

Qual a importância da juventude para a revolução? Quem são as pessoas jovens ideais para a revolução? O que é ser jovem nesse contexto? Essas talvez sejam questões centrais, sobre as quais estive

4 Refiro-me tanto a uma “onda conservadora” que parece crescer mundialmente, principalmente com a eleição de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos; como às questões latino-americanas que parecem encerrar um ciclo “progressista” no continente, com novos governos com propostas intensamente neoliberais, como o caso brasileiro, a vitória do argentino Macri, e as eleições chilenas, casos mais recentes e próximos, mas também importante destacar a destituição de Fernando Lugo no Paraguai em 2012. Sobre essa questão ver a entrevista de Julio Gambina sobre o contexto latino-americano. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/570282-o-ciclo-progressista-na-america-latina-nao-acabou-entrevista-especial-com-julio-gambina>>. Acesso em: 24 set. 2017.

refletindo nos últimos tempos. São questões que envolvem diferentes ideias, categorias e contextos que tentarei explicar nesta introdução. Minhas inquietações partiram da percepção dessa construção de jovens como rebeldes, de jovens enquanto uma categoria/identidade naturalmente propensa à rebeldia, à contestação dos padrões vigentes, ao empenho por transformações sociais e culturais, e como essa construção naturalizada permanece influente ainda hoje, seja nas justificativas para a atuação política de jovens, seja para explicar a atuação política de jovens do passado.

Juventude é uma das categorias centrais desse trabalho. Aparentemente tão comum, ela é pouco discutida enquanto categoria de análise, principalmente se pensarmos a área de história em comparação com outras, como a sociologia, onde a categoria é mais teorizada e utilizada. É interessante compreender o caminho dos estudos de juventude nas ciências humanas, pois ele se mistura com o período histórico que essa dissertação se propõe a analisar. A juventude ressurgiu como atriz social nas décadas de 1950 e 1960, e esse ressurgimento é visto com intensidade entre os cientistas sociais do período, fazendo com que na década de 1960 ela seja objeto de estudos de diversos intelectuais.

A emergência da juventude ocorre a partir da década de 1950, no bojo das questões colocadas pelo processo de modernização das sociedades. Hobsbawm afirma que o aumento de uma cultura juvenil específica significava uma mudança profunda entre as gerações, que ficou cada vez mais clara e forte entre os anos de 1960 e 1970.⁵ Essa percepção era compartilhada por diferentes sujeitos e sociedades, uma vez que o tema da juventude era mais discutido em revistas, jornais, em diferentes contextos sociais e em diferentes partes do mundo, dando a sensação de que os jovens, como nunca antes, se constituíam enquanto categoria social específica. Podemos compreender essa condição se pensamos em diferentes contextos envolvendo juventude e pessoas jovens nas décadas de 50, 60 e 70; das discussões sobre delinquência juvenil à mudanças culturais como a música e as roupas, o crescimento do movimento estudantil, o movimento beat e o movimento hippie, o uso de entorpecentes, as grandes mobilizações contra a Guerra do Vietnã, os novos movimentos sociais que envolvem questões identitárias como o movimento feminista, negro ou de diversidade sexual, e as

5 HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

grandes manifestações no ano de 1968 em diferentes e variadas partes do mundo.

Foi nesse contexto de efervescência de um novo sujeito - os jovens ou a juventude -, que surgiram os primeiros estudos que procuravam explicar esse “novo fenômeno”, principalmente nas áreas de ciências sociais e psicologia/medicina. A historiadora Cynthia Machado, ao realizar levantamento sobre a literatura em humanidades acerca de jovens no Brasil afirma que

Tudo leva a crer que “preocupações sociológicas” com os jovens estavam sendo criadas no Brasil dos anos 60, pois no caso brasileiro poucos estudos ocupavam-se do assunto anteriormente. A [coletânea] “sociologia da juventude” foi significativa por ter sido uma das fundadoras das preocupações que influenciaram outros trabalhos no Brasil, que apareceram e cresceram em número e importância ao longo dos anos 70 e 80. A “sociologia da juventude” dialogando com trabalhos que pensavam a “juventude” nos anos 60, com os enfoques teóricos adotados e com a conjuntura da época, pôde inaugurar possibilidades da temática “juventude” ser abordada historicamente.⁶

Acredito que esta dissertação, ao buscar analisar discursos sobre juventude, se inscreve nessa tradição, iniciada no Brasil pela sociologia, de abordar o tema historicamente, como afirma Cynthia Machado. O contexto da juventude enquanto questão, principalmente na década de 1960, não é particular do Brasil, existindo quase como “fenômeno mundial”. Essa questão será melhor abordada no primeiro capítulo, mas é interessante destacar algumas questões. Uma vez que apesar de a juventude não poder ser lida como uniforme em todas as regiões do mundo, é inegável que foi uma atriz política central e radicalizada em diversos lugares, entre eles Brasil e Uruguai.

O objetivo principal deste trabalho é analisar os discursos sobre juventude na esquerda armada latino-americana. Para isso tomo como base duas organizações políticas; mas também busco possibilidades de compreender de forma mais ampla de onde essas organizações buscam

⁶ CAMPOS, Cynthia Machado. Jovens na ditadura e pós-ditadura militar brasileira: escritas em ciências humanas. *História Revista*, Goiânia, v. 18, n. 2, jul./dez. 2013.

esses discursos. A dissertação é então formada por dois pontos principais; as construções de juventude nos grupos de esquerda armada Ação Libertadora Nacional (ALN), no Brasil, e o *Movimiento de Liberación Nacional – Tupamaros* (MLN-T) no Uruguai entre os anos de 1966 e 1973 e como discursos de/sobre juventude e gênero foram construídos e mobilizados pelos grupos e por homens e mulheres deles militantes. Todavia também é uma questão que perpassa toda a dissertação a análise de quais são as referências mais amplas que esses grupos - e diversas outras organizações políticas - tiveram como inspiração para construir suas ideias de sujeitos revolucionários e o papel da juventude nessa construção. Desta forma um dos objetivos secundários importantes para minha análise se tornou compreender a figura de Che Guevara como uma importante referência de juventude. Outro objetivo secundário é compreender como a categoria juventude se relaciona com outras categorias de análise, mais especificamente com o gênero, para assim abordar principalmente a relação entre juventude e masculinidade nas construções de sujeitos revolucionários.

Dessa forma algumas categorias e contextos são fundamentais para compreender a proposta da dissertação e os motivos da escolha desse recorte específico. Primeiro gostaria de destacar que esta dissertação se insere dentro de diferentes campos de estudos (sobre juventude, sobre gênero) e, entre eles, os estudos sobre as esquerdas. Poderia afirmar aqui que em tempos conservadores se faz mais urgente falar sobre este tema, mas acredito que o estudo das experiências e propostas das esquerdas sempre trará questões significativas para refletirmos sobre nosso presente. Propostas revolucionárias são como utopias, e nesse caso, concordo da opinião de Fernando Birri e Eduardo Galeano, mesmo que as utopias revolucionárias jamais sejam alcançadas elas servem para nos fazer caminhar.⁷

Diferentes nomenclaturas serão utilizadas ao longo da dissertação para nomear grupos, ideias, posicionamentos e sujeitos de forma semelhante, serão elas esquerda revolucionária, nova esquerda, esquerda armada, guerrilha. E é importante destacar como articulo essas questões que não se referem necessariamente a mesma coisa. Por esquerda compreende-se o campo político que luta pela mudança no *status quo* em busca de igualdade, e a visão de que o capitalismo é um sistema

7 GALEANO, Eduardo. Entrevista ao programa Singulares. TV3, Catalunya, 23 maio 2011. Disponível em: <<http://www.ccma.cat/tv3/alacarta/programa/Eduardo-Galeano/video/3541530/>>. Acesso em: 5 out. 2017.

desigual e injusto. Compreendendo revolução como um processo de mudança radical das estruturas sociais. Revolucionárias são as pessoas e grupos que buscam agir em prol dessa alteração profunda da sociedade, no caso da esquerda revolucionária uma alteração que ponha fim ao capitalismo e ao atual *status quo*.

Dentro da esquerda a prática revolucionária é uma questão bastante discutida, uma vez que esses grupos e pessoas revolucionárias se opõem à chamada esquerda reformista, que visa agir em busca de igualdade e justiça dentro do sistema capitalista, utilizando de suas próprias instituições, como a democracia representativa. Por essa definição considero os grupos e sujeitos estudados como revolucionários, uma vez que possuíam uma proposta política de atuação que buscava a realização da revolução socialista e uma vez que viam a si próprios dessa forma.

Já a nomenclatura de nova esquerda se dá mais no contexto da historiografia sobre o período, onde há uma oposição entre os partidos clássicos de esquerda e os novos grupos e movimentos surgidos a partir de meados da década de 50 e 60 pelo mundo, que eram críticos da União Soviética e sua burocracia, do stalinismo e dos partidos comunistas. O que é chamado de nova esquerda no mundo também teve influência de outros debates para além do marxismo clássico, com a influência de novos movimentos sociais, tais como o feminismo, o movimento negro, o movimento estudantil, e as lutas terceiro mundistas de libertação nacional ao sul do globo. O historiador espanhol Eduardo Rey Tristán resume bem a relação entre os termos esquerda revolucionária e nova esquerda na América Latina:

En la década de los sesenta se desarrolló en el mundo occidental una corriente política conocida como *Nueva Izquierda*, caracterizada principalmente por su búsqueda de una transformación radical de la sociedad y su oposición a la izquierda tradicional establecida, especialmente a los partidos comunistas. En América Latina esta corriente tuvo una originalidad y unas características propias, debido principalmente a la fuerte influencia ejercida por la Revolución Cubana. La mayor parte de los grupos de nueva izquierda del continente compartieron una serie de ideas comunes en cuanto a estrategias, formas de acción, o discurso político, desarrolladas en buena medida a principios de la década por los *teóricos del*

castrismo. La opción por la lucha armada revolucionaria fue su principal elemento definitorio, de ahí que se haya hecho común denominarla *Izquierda Revolucionaria*. Con este término, por una parte, se hace una distinción con algunos grupos de nueva izquierda de Europa o Estados Unidos por ejemplo, que si bien compartían planteamientos comunes de transformación social, no siempre optaban por la lucha revolucionaria para lograrla.⁸

Assim chegamos às últimas nomenclaturas que utilizo para definir a esquerda neste trabalho: esquerda armada ou luta armada, e guerrilha. Tema ainda visto como espinhoso e controverso, as experiências guerrilheiras são um tema inescapável para quem se propões a estudar as esquerdas revolucionárias latino-americanas. Concordo com Pozzi e Pérez quando afirmam que pensar os fenômenos guerrilheiros permite por em cheque uma versão da historiografia do continente que pensa os setores populares enquanto passivos, dóceis ou irracionais. Para eles:

De hecho, el fenómeno guerrillero sugiere cuestionamientos (o por lo menos matices) a aquellas interpretaciones de las sociedades latinoamericanas que enfatizan en la hegemonía y el consenso, o en los procesos modernizadores que gestan “democracias” e incorporación “ciudadanas”. En realidad, lo que se evidencia es una serie de debates y cuestionamientos sobre el desarrollo socioeconómico latinoamericano que convierten a las guerrillas no en un producto irracional y utópico, sino en el emergente de una realidad social determinada y excluyente de las grandes mayorías de la población. Así evidencian una serie de posibles alternativas a los proyectos de construcción nacional de las burguesías del continente. No estamos planteando que estas alternativas sean “correctas”, sino simplemente constatamos su existencia.⁹

8 TRISTÁN, Eduardo Rey. *A la vuelta de la esquina: la izquierda revolucionaria uruguaya 1955-1973*. Montevideo: Fin de Siglo, 2006, p. 15.

9 POZZI, Pablo A.; PÉREZ, Claudio. *Por el camino del Che: las guerrillas latinoamericanas 1959-1990*. Buenos Aires: Imago Mundi, 2011, p. IX-X.

É a partir desse embricamento de temas que acredito justificar os debates e análises feitos nessa dissertação, que não se focam apenas em um objeto específico de análise, seja os Tupamaros e a ALN, mas focam também na construção de um ideal de sujeito revolucionário vindo da experiência cubana. Os autores acima citados abordam essa questão: Tristán deixa claro a influência da Revolução Cubana para toda a esquerda latino-americana do período, e ambos os grupos estudados nesta dissertação também afirmam seguir essa influência. O título do livro de Pozzi e Pérez se chama *Por el camino del Che*, referindo-se também ao impacto que Cuba, e especialmente a figura de Che Guevara teve para as esquerdas do continente.

Quando iniciei a escrita desta dissertação muitas vezes senti dificuldade em conseguir trazer as questões que considerava importante para entender os grupos específicos de luta armada, e creio que é muito importante para a compreensão deles entender o contexto em que estavam. Dessa forma, minha escrita só se concretizava quando focava primeiramente no que estava “fora” das organizações específicas, e através dessa questão, que poderia ser lida como uma dificuldade, percebi que para que o texto fizesse sentido era necessário expandir, e minha expansão sempre se deu pensando a partir do impacto da Revolução Cubana para a América Latina.

Assim, esta dissertação, apesar de não tratar especificamente da Revolução Cubana, nem intentar isso, se volta muitas vezes para ela enquanto paradigma da esquerda revolucionária latino-americana. E como meu objetivo é analisar um ideal de sujeito revolucionário, a figura de Che Guevara se tornou o espectro incontornável, a referência de sujeito e modelo, um ideal. Ele foi amplamente reconhecido enquanto sujeito revolucionário, tanto num contexto geral como especificamente para os grupos guerrilheiros pesquisados. Foi assim que Ernesto Che Guevara se tornou também central nessa pesquisa, pois através de seus escritos e sua imagem foi possível compreender as possibilidades de sujeito revolucionário para militantes de esquerda armada e como essa questão está interligada com as categorias juventude e gênero, principalmente no que se refere a ideais de masculinidade.

A partir dessas diferentes vozes pretendo pensar quais os significados de ser jovem – ser mulher e jovem ou homem e jovem – no contexto de militância. Ao analisar a juventude nessas organizações não me proponho a pensar essa categoria como um grupo social fixo, como uma identidade que seja mobilizada para propor uma mudança social ou

política a partir dela. Como afirmou Bourdieu¹⁰, penso a juventude enquanto uma “palavra”, não um objeto dado biologicamente ou uma simples transparência da realidade. A ideia de jovens enquanto uma unidade social, com interesses em comum devido a essa idade é também uma construção.¹¹

Os discursos mobilizados por estes grupos e militantes, produtores de sentidos e não apenas tradução de algo já dado,¹² construíram relações de poder e orientaram subjetivações, contribuíram para a construção de ideias de mulheres e homens como jovens revolucionárias e revolucionários, cada qual com especificidades inscritas nos e a partir dos discursos habitados por representações da feminilidade e da masculinidade¹³ imanentes nas sociedades brasileira e uruguaia. Pensar sobre esses discursos é uma possibilidade de questionar os binômios jovem/velho e masculino/feminino e o entrecruzamento de suas potências.

E porque essa categoria é tão utilizada, e manipulada? Acredito, apoiada no estudo de outras/os historiadoras e historiadores, que seja pela característica fundamental de transitoriedade presente na ideia de um “tempo da vida”. Essa transitoriedade permite pensar a juventude enquanto um período de transformação, e a ideia de transformação pode carregar uma carga simbólica revolucionária bastante significativa, que será pautada por esses grupos de esquerda revolucionária.

é precisamente sua natureza fugidia que carrega de significados simbólicos, de promessas e de ameaças, de potencialidade e de fragilidade essa construção cultural, a qual, em todas as sociedades, é objeto de uma atenção ambígua, ao mesmo tempo cautelosa e plena de expectativas. Com esse olhar cruzado e ambivalente, no qual se misturam atração e desconfiança, as sociedades sempre “construíram” a juventude como um fato social intrinsecamente instável, irredutível à rigidez dos dados demográficos ou jurídicos, ou –

10 BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 112-121.

11 *Ibidem*, p. 113.

12 FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 2013.

13 Os conceitos de gênero e masculinidade serão abordados com maior cuidado ao longo do capítulos.

melhor ainda – como uma realidade cultural carregada de uma imensidão de valores e de usos simbólicos, e não só como um fato social simples, analisável de imediato.¹⁴

Acredito que os discursos desses grupos são carregados de usos simbólicos na construção de um sujeito revolucionário e que puderam ser mobilizadores em prol – ou não – da revolução. Se trata de voltar aos documentos com um olhar específico, que permita realizar novas leituras a partir das categorias gênero e juventude, inspirada nos trabalhos com perspectiva de gênero na temática das ditaduras no Cone Sul. Aqui se conjugam os diferentes esforços para pensar sobre gênero nas ditaduras do Cone Sul, em que as pesquisas do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH) na UFSC, do qual faço parte, é referência no debate comparativa nos diferentes países. Além do material produzido pelo LEGH, do qual destaco os dois livros organizados (PEDRO; WOLFF, 2010) (PEDRO; WOLFF; VEIGA, 2011)¹⁵ além da ampla gama de monografias, dissertações, teses e artigos. São importantes os grandes debates realizados sobre o tema por Alejandra Oberti na Argentina e Graciela Sapriza no Uruguai. O papel do LEGH para essa dissertação é essencial, pois é onde se deu minha formação acadêmica e de onde surgiram os debates e o suporte teórico metodológico que sustenta minha análise, mesmo que muitas vezes esta influência não seja explícita.

Outro conceito frequente nessa dissertação é a ideia de sujeito revolucionário, A partir das considerações de Michel Foucault, compreendo o sujeito enquanto sujeito e sujeitado, o sujeito não é natural, é construído na sociedade e na sua própria experiência, em um jogo onde há as relações de poder nas quais se está envolvido, mas há também certo espaço de atuação e construção de si. A construção de um sujeito revolucionário estaria então ligada tanto aos discursos externos que propõem um ideal a ser seguido, quanto com a subjetividade

14 LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean Claude (Orgs.). *História dos jovens: da antiguidade à era moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, v. 1, p. 9.

15 PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe (Orgs.). *Gênero, feminismo e ditaduras no Cone Sul*. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010. e PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe; VEIGA, Ana Maria. *Resistências, gênero e feminismo contra as ditaduras no Cone Sul*. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2011.

individual que se constrói no espaço entre esses discursos e a experiência de cada um. Os trabalhos de Juan Carlos Sánchez Sierra sobre subjetividades revolucionárias no jornalismo mexicano da década de 1960 foram muito importantes para construir a noção de sujeito revolucionário presente nesta dissertação. O autor compreende subjetividade revolucionária enquanto “un campo de prácticas de interacción que dan perfil a la forma de acción colectiva e individual en torno a pautas que pueden alcanzar un carácter normativo o ideológico, por lo que inscribe rasgos, valores y principios morales.”¹⁶

A partir disso, acredito que se pode perceber através dos diferentes discursos analisados aqui, tanto da produção das duas organizações políticas (brasileira e uruguaia) quanto da produção de Che Guevara, um campo onde se constrói um ideal de sujeito revolucionário que foi utilizado por aqueles militantes. A partir disso procuro perceber como essa construção articula ideias de juventude e gênero.

O motivo por escolher organizações de dois países distintos se dá a partir do entendimento de que tanto o desenvolvimento da chamada nova esquerda, como o contexto social e político dos países do Cone Sul compartilham diversas semelhanças.¹⁷ A análise de história comparada aqui proposta vai ao encontro da afirmação de Marc Bloch, de “a unidade do lugar é apenas desordem. Somente a unidade do problema apresenta um centro”¹⁸. Não tenho a pretensão de ordenar qualquer desordem, apenas pensar que a problemática proposta apresenta uma coerência para pensar essas duas realidades em conjunto.

É possível pensar esse centro através do contexto em que esses grupos emergiram em seus respectivos países. Contexto esse que envolve as questões já comentadas sobre nova esquerda e esquerda revolucionária, por exemplo. No entanto, mais significativo que esse contexto mundial da nova esquerda, seja pensar as as conexões entre

16 SIERRA, Juan Carlos Sánchez. Virilidad y subjetividad revolucionaria. elementos conceptuales para el estudio del periodismo de oposición en México: la revista *Política*, 1960-1967. *Ciudad Paz-ando*, Bogotá, v. 7, n. 2, jul./dez. 2014, p. 13.

17 Assim como diferenças, que também serão abordadas nesta dissertação. Obviamente uma realidade nunca é igual a outra, no entanto ao colocar a problemática dessa maneira me proponho a perceber as semelhanças mais do que as diferenças.

18 BLOCH, Marc. Apud. PRADO, Maria Ligia. Repensando a Historia Comparada na América Latina. *Revista de História*, São Paulo, n. 153, ago./dez. 2005, p. 18.

Brasil e Uruguai através da chave continental. A América Latina compartilhou de referências construídas no próprio continente, como a teoria da dependência, a teologia da libertação, e a revolução cubana; marcos estes essenciais para compreender uma mudança no pensamento e – principalmente – ação da esquerda nos dois países. Segundo Tristán este foi um movimento que afetou principalmente grupos sociais urbanos e teve forte influência universitária, conjugando na América Latina marxistas, cristãos progressistas, anarquistas e nacionalistas frente ao imperialismo no continente. Porém a grande vinculação da esquerda latino americana foi a Revolução Cubana, uma vez que esta construiu questões teóricas e práticas fundamentais sobre as possibilidades, natureza, métodos e forma da luta revolucionária no continente.¹⁹ Questão que se liga à figura de Che Guevara enquanto singular para pensar as conexões e semelhanças entre ALN e MLN-T.

No Brasil, as especificidades ocorrem principalmente devido ao golpe militar de 1964. Frustrando as possibilidades de mudança social que eram pautadas pelo governo de João Goulart, o golpe ocorreu sem uma intervenção ativa da esquerda para impedi-lo. O descrédito com a via democrática para uma mudança social, assim como o descrédito com o Partido Comunista que defendia uma linha pacifista de atuação foi de extrema importância para os rachas que ocorreram na esquerda e a formação de novos grupos. A historiadora Maria Paula Araújo afirma que o enaltecimento da violência, nesses casos, estaria ligado “ao desejo de recuperar o próprio sentido da ação política que é, no seu cerne, intimamente ligado à ideia de transformação”.²⁰ É nesse contexto que se formaram muitos dos grupos de esquerda armada brasileiros, que para Ridenti “fizeram parte de uma 'grande recusa' – para usar o termo de Marcuse para caracterizar as lutas de 1968 em todo o mundo – que, no caso brasileiro, não era só da ditadura, mas também da organização social e econômica que ela garantia.”²¹ Assim a Ação Libertadora Nacional (ALN) surge, em 1967, a partir de um grupo de dissidentes de

19 TRISTÁN, Eduardo Rey. *A la vuelta de la esquina...* op. cit.

20 ARAÚJO, Maria Paula. Esquerdas, juventude e radicalidade na América Latina nos anos 1960 e 1970. In: FICO, Carlos; et all. *Ditadura e democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas*. Rio de Janeiro: FGV, 2008, p. 258.

21 RIDENTI, Marcelo. Esquerdas revolucionárias armadas nos anos 1960-1970. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *Revolução e Democracia (1964-...)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (Coleção As Esquerdas no Brasil, 3), p. 49.

São Paulo do Partido Comunista, como uma opção de organização para transformação social pautada na ação revolucionária e na luta armada.

No Uruguai o processo histórico foi bastante diferente. Durante a primeira metade do século XX, o país conquistou um desenvolvimento social e democrático significativo, ainda mais em um continente marcado por crises políticas e econômicas e forte desigualdade social. No entanto, durante a década de 1960 essa visão do país como a “Suíça da América” foi se tornando cada vez mais distante do presente uruguaio. Tristán afirma ser uma consciência da *latinoamericanização* do Uruguai, com uma longa crise econômica, política e social ao longo da década que culminou no governo repressivo, porém “democrático” de Pacheco Areco e o golpe de Estado em 1973.²² Segundo Enrique Padrós, a estagnação econômica dos anos 60 inviabilizou a permanência do legado de Estado de “bem-estar” das primeiras décadas do século e expôs um conflito social latente.²³

Nesse contexto os grupos de esquerda viram-se em uma crise eleitoral e muitos de seus militantes questionaram, através do debate mundial da nova esquerda, as práticas eleitoreiras e reformistas de seus partidos e buscaram orientar sua ação para métodos mais radicais e revolucionários, espelhados no sucesso cubano e das mobilizações da Unión de Trabajadores Azucareros de Artigas (UTAA).²⁴ O Movimiento de Liberación Nacional – Tupamaros surge nesse contexto, ainda sem nome, em 1966, como um grupo de pessoas vindas de diversos partidos de esquerda e críticas a eles.

A perspectiva da história comparativa é importante e acompanha o olhar para as fontes pensando as conexões entre Brasil e Uruguai. Marc Bloch salientou a importância da história comparada e buscou construir uma concepção onde “aplicar o método comparativo no quadro das Ciências Humanas consiste (...) em buscar, para explicá-las, as semelhanças e as diferenças que apresentam duas séries de

22 TRISTÁN, Eduardo Rey. *A la vuelta de la esquina...* op. cit.

23 PADRÓS, Enrique Serra. *Como el Uruguay no hay... Terror de estado e segurança nacional uruguaio (1968-1985): do Pachecato à ditadura civil-militar.* Tese (Doutorado) – UFRGS, Porto Alegre, 2005.

24 *Unión de Trabajadores Azucareros de Artigas*, referência às greves de trabalhadores da cana de açúcar vindos do interior que irrompeu Montevidéu exigindo mudanças profundas da estrutura agrária do país. Uma de suas lideranças, Raúl Sendic fará parte do núcleo fundacional do MLN-Tupamaros.

natureza análoga, tomadas de meios sociais distintos.”²⁵ Já o conceito de história cruzada permite compreender não apenas de maneira comparativa como as questões sobre juventude e gênero eram discutidas em cada organização, mas permite também pensar os cruzamentos e relações existentes ao se colocar em análise as duas organizações conjuntamente. De acordo com Michael Werner e Bénédicte Zimmermann a história cruzada vai além das questões colocadas pela história comparativa:

A história cruzada ambiciona também tratar objetos e problemáticas específicas que escapam às metodologias comparatistas e aos estudos de transferências. Ela permite apreender fenômenos inéditos a partir de quadros renovados de análise. Assim fazendo, ela fornece a ocasião de sondar, por um viés particular, questões gerais como escalas, categorias de análise, relação entre sincronia e diacronia, regimes de historicidade e da reflexividade. Enfim, ela coloca o problema de sua própria historicidade a partir de um triplo procedimento de historicização: do objeto, das categorias de análise e das relações entre o pesquisador e o objeto.²⁶

Pensando que os cruzamentos podem ser múltiplos, ao colocar em análise as duas organizações acredito que entre esses cruzamentos encontram-se questões mais amplas, surgindo mais claramente a importância de Che Guevara como um ponto de conexão para se pensar o ideal de sujeito revolucionário.

No caso desta pesquisa, o problema está formulado a partir do eixo dos discursos sobre a juventude construídos por grupos de esquerda dos dois países nas décadas de 1960/70, e dessa maneira a nacionalidade enquanto limite não possui tanta unidade. Nesse sentido, as fronteiras entre os dois países são compreendidas enquanto fluidas, tanto materialmente quanto simbolicamente. Segundo Maria Ligia Coelho Prado, “a história de cada país latino-americano corre paralelamente às

25 BLOCH, Marc. Apud. THEML, Neyde; BUSTAMANTE, Regina Maria. História comparada: olhares plurais. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, 2007, p. 3

26 WENER, Michael; ZIMMERMANN, Bénédicte. Pensar a história cruzada: entre empiria e reflexividade. *Textos de História*, Brasília, v. 11, n.1-2, 2003, p. 90.

demais, atravessando situações sincrônicas bastante semelhantes”²⁷; o que permite ainda mais perceber as conexões entre Uruguai e Brasil.

As fontes selecionadas para essa pesquisa procuram abarcar dois espaços de análise, a intenção, como já foi dita anteriormente, é analisar os discursos sobre juventude nos grupos de esquerda armada Aliança Libertadora Nacional (ALN) e Movimiento de Liberación Nacional MLN-Tupamaro. As fontes são de um tipo específico, os documentos produzidos pelas organizações e/ou lidos por elas. O material escrito produzido pelas organizações em seu período de atuação se refere a atas, panfletos, jornais, documentos internos e outros. Além desses documentos são utilizados documentos que foram importantes para a construção teórica e prática dessas organizações, no caso foco principalmente nos escritos de Che Guevara, que foi uma importante fonte de inspiração tanto individualmente quanto devido à experiência da Revolução Cubana e algumas fotografias.²⁸

Proponho-me a pensar essas diferentes fontes enquanto textos, tanto escritos quanto imagéticos, e analisar os diferentes discursos presentes nesses textos. No caso das produções textuais das organizações de esquerda há diferentes intencionalidades, tanto pelas documentações que tem por intenção serem debates internos para seus militantes quanto os documentos que visam uma divulgação pública, contendo assim intenções de publicidade e propaganda. Não pretendo me alongar na análise dessas fontes dessa maneira, uma vez que a intenção da dissertação é analisar discursos específicos, mas é importante deixar claro que as fontes possuem em si já intencionalidades e especificidades. É possível, por exemplo, perceber diferenças entre a produção da ALN e do MLN-T no que se refere ao volume e qualidade da impressão, com a organização uruguaia possuindo uma qualidade gráfica muitas vezes superior, no entanto, não acredito que seja capaz de afirmar isso como conclusivo, pois uma questão que fica latente é que a organização dos documentos tupamaros está organizada em um arquivo específico, já a produção textual da ALN está difusa em arquivos como o que pesquisei, que se referem a apreensões de material em inquéritos

27 PRADO, Maria Lígia. Repensando a História Comparada na América Latina... op. cit., p. 12.

28 Apesar do acervo de entrevistas do LEGH terem sido de extrema importância para minha formação ao longo dos anos, para essa pesquisa especificamente não foram utilizadas fontes orais, optando por analisar apenas os discursos “oficiais” das organizações, através de seus textos públicos e dos textos que utilizam como referência.

policiais.

Como afirmei não são apenas os textos escritos que se tornam importantes para analisar os discursos sobre juventude e gênero nessa dissertação, mas também a análise dos textos imagéticos, que no caso passam não só pelas fotografias, como pela estética e utilização de imagens nas fontes das organizações. Pensando que a imagem também carrega uma mensagem - um texto - procuro analisar qual é o discurso presente nesses textos imagéticos, quais discursos sobre juventude é possível atribuir a uma imagem? Procuro assim pensar as imagens produtoras também de um discurso sobre juventude e gênero.

As maneiras de ter acesso a essa documentação também foram distintas. Os documentos da ALN obtive acesso nos arquivos do Laboratório de Estudos de Gênero e História através do projeto Brasil Nunca Mais Digital.²⁹ Os documentos do MLN também foram consultados no acervo do LEGH, e principalmente através de uma importante viagem de pesquisa à Montevideu, realizada em novembro de 2015 com financiamento do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC. Nessa viagem pude visitar o Centro de Estudios Interdisciplinarios Uruguayos (CEIU) da Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación da Universidad de La República, local onde se encontra todo o acervo oficial de documentação do MLN-T.

A análise dessas fontes é centrada no discurso. É importante destacar que como se trata de grupos que viveram processos de ilegalidade e clandestinidade, muitas de suas produções se perderam ou estão em baixa qualidade para a leitura. Mas mais do que isso, pensando esses grupos como autônomos e dispostos a construir uma nova sociedade, em luta contra um Estado repressivo, a possibilidade de construir seus próprios discursos tem uma importância significativa, é um dos campos de luta revolucionária. Como afirma Michel Foucault “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”.³⁰ O discurso é uma prática que constrói sujeitos e

29 “O projeto Brasil Nunca Mais Digital (BNM Digital) traz para a era virtual o acervo do histórico Brasil: Nunca Mais, desenvolvido nos anos oitenta pelo Conselho Mundial de Igrejas e a Arquidiocese de São Paulo. (...) Esse valioso material passa a ser acessível de qualquer lugar do planeta. E melhor, pode ser pesquisado com uso de programas sofisticados de busca indexada.” BRASIL NUNCA MAIS [DIGIT@L](mailto:BNM@L). Disponível em: <<http://bnmdigital.mpf.mp.br/#!/bnm-digital>>.

30 FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso...* op. cit., p. 10.

que constrói relações de poder, e nesse caso procuro perceber através do discurso a construção de homens e mulheres jovens revolucionários.

É importante destacar que busco um olhar de gênero para com as fontes, uma vez que acredito que a categoria de análise gênero deve estar presente nos mais diversos trabalhos históricos. Compreendo gênero enquanto uma categoria de análise relacional que permite compreender como mulheres e homens recebem funções e atribuições diferenciadas e construídas social e culturalmente.³¹ A análise de um contexto histórico envolve perceber como mulheres e homens os vivenciaram, uma vez que o apagamento dessa questão faz com que se construa um sujeito universal, que no caso sempre é masculino. Entretanto, ao se utilizar apenas essa categoria posso correr o risco de universalizar os sujeitos estudados por outras relações de poder, como raça e classe. Acredito que a interseccionalidade, conceito formulado dentro da teoria feminista, permite uma análise mais qualitativa dos sujeitos dessa pesquisa. Segundo Crenshaw

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as conseqüências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras³²

Busco assim compreender como essas diferentes relações de poder se inter-relacionam e se entrecruzam, sendo assim constituidoras de sujeitos. Através desses aportes teórico-metodológico procuro compreender como esses discursos sobre juventude revolucionária foram construídos e como sujeitos militantes mulheres e homens foram constituídos e significados por esses discursos. Apesar das principais discussões sobre interseccionalidade se darem a partir das categorias

31 SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, n. 16, v. 2, jul/dez 1990.

32 CRENSHAW, Kimberlé. Apud. Rodrigues, Cristiano. Atualidade do conceito de interseccionalidade para a pesquisa e prática feminista no Brasil. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10, 2013. Florianópolis. *Anais eletrônicos...* Florianópolis: IEG, 2013. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384446117_ARQUIVO_CristianoRodrigues.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2015.

gênero, raça e classe, nesta dissertação procuro articular gênero com outras categorias de análise. Ao cruzar gênero e juventude outras questões surgem de maneira mais forte, como a virilidade, objeto de reflexão de um dos capítulos.

A escrita dessa dissertação se deu em diferentes momentos e é resultado de meus próprios processos de escrita e reflexão. A organização dos capítulos reflete essas particularidades e a maneira individual que se dá essa escrita. Cada capítulo foi pensado como um texto que poderia ser único, de maneira que possui um início e fim e, apesar de haver subdivisões ao longo do texto, não há subdivisões clara dos capítulos, nem mesmo no sumário, uma vez que a escrita vai e volta na temática maior de cada unidade.

O primeiro capítulo busca trazer um debate mais amplo sobre as experiências de militância de esquerda em ambos os países, assim como as especificidades de ambos os grupos armados. A intenção é construir um campo de debate para que os próximos capítulos sejam mais compreensíveis, dessa forma procuro discutir questões que considero importantes, como uma discussão mais ampla sobre o contexto de juventude no período no mundo, os processos históricos em cada país e os cruzamentos e conexões possíveis de se compreender entre essas diferentes questões abordadas a partir da experiência da ALN no Brasil e do MLN-T no Uruguai.

O segundo capítulo procura pensar sobre a formação do sujeito revolucionário a partir dos estudos de gênero e juventude, pensando primeiramente qual é o ideal de sujeito revolucionário para essas esquerdas. A partir da discussão iniciada com Ernesto Che Guevara busca-se pensar essa constituição a partir do ideal de homem novo e como a masculinidade estará imbuída nessa construção em relação com a juventude. Esse capítulo, apesar de focar em uma questão que pode ser lida como “afora” do tema central, uma vez que não está fechada na produção das duas organizações, é de outra forma de intensa importância para se compreender o contexto e os debates mais amplos que moldaram o ideal de sujeito revolucionário tanto para essas organizações específicas quanto para a esquerda revolucionária do período como um todo. Che Guevara personifica o ideal e a imagem a ser seguida, ideal e imagem repletos cargas sobre juventude e gênero.

O terceiro capítulo se propõe a pensar como as duas organizações construíram seus discursos acerca de juventude e gênero, partindo agora para pensar esses contextos em relação ao lugar das mulheres nesse sujeito revolucionário e perceber as possíveis tensões que o gênero coloca na construção de um sujeito revolucionário para as mulheres que

militaram nessas organizações. Se o ideal de sujeito revolucionário aponta para questões de masculinidade, é importante perceber como essa questão é articulada a partir da presença de sujeitos que podem ou não se encaixar nesse ideal nas organizações aqui pesquisadas.

Essa dissertação se apresenta, assim, com a humilde proposta de contribuir para o debate acerca das esquerdas latino-americanas a partir do enfoque nas questões de gênero e juventude. Espero que seja uma leitura agradável e pertinente para o momento, e que inspire outras pessoas a seguirem com as utopias revolucionárias de transformação de mundo.

CAPÍTULO 1 - ESQUERDAS REVOLUCIONÁRIAS NO BRASIL E URUGUAI

LOS TUPAMAROS EN URUGUAY Y MARIGHELA EN BRASIL

El 15 de agosto, un grupo armado en el que fueron identificados el exdiputado comunista Carlos Marighela y el ex-capitán de ejército, Carlos Lamarca, tomó por asalto la Radio Nacional de Sao Paulo. Durante 25 minutos esa emisora transmitió una cinta magnetofónica con la voz de Marighela, señalando al pueblo brasileño las razones por las cuales los revolucionarios de ese país han optado por la lucha armada.

El 15 de mayo, un grupo armado identificado como un destacamento del Movimiento de Liberación Nacional (Tupamaros), tomó por asalto la radio Sarandí de Montevideo, reclamando apoyo del pueblo uruguayo para la lucha armada.

En ninguno de ambos asaltos hubo víctimas. Fueron ejecutados con toda limpieza y con gran respeto por las personas que estaban a cargo de las plantas de las radioemisoras. Ambas acciones revolucionarias revelaron, además, un perfecto conocimiento técnico para interrumpir las transmisiones normales y lanzar al aire las respectivas proclamas.

Los Tupamaros en Uruguay y la Vanguardia Popular Revolucionaria del Brasil, constituyen actualmente los destacamentos más perfeccionados de acción revolucionaria en esos dos países. Sus actividades, además causa honda repercusión en todo el continente que observa con atención el crecimiento de nivel de la lucha revolucionaria en Uruguay y Brasil.³³

33 A reportagem traz algumas falhas acerca da ação armada no Brasil, a tomada da Radio Nacional foi executada apenas pela Ação Libertadora Nacional, sob o comando de Carlos Marighela, Carlos Lamarca, dirigente da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) não participou da ação, assim como ninguém dessa organização.

(REVISTA PUNTO FINAL. Documentos. Suplemento de la edición n. 87. Martes, 9 de septiembre de 1969. Santiago, Chile, p. 11)

Esta pesquisa entrelaça diferentes objetos de pesquisa e categorias de análise, duas organizações, de países distintos, diferentes fontes e perguntas. Entrelaçar todas estas questões em uma narrativa histórica é um trabalho artesanal, de tentativas e erros, ou como afirmou Durval Muniz de Albuquerque Junior, um trabalho de tecelagem.³⁴ Essa tecelagem em minha escrita se assemelharia mais ao bordado livre³⁵, esse trabalho historicamente feminino e potencialmente subversivo, como a experiência chilena das arpilleras³⁶ e propostas feministas atuais.³⁷ Bordado livre pois a escrita desta narrativa se assemelha a

-
- 34 ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M.. O Tecelão dos Tempos: o historiador como artesão das temporalidades. In: Ligia Bellini, Antônio Luigi Negro e Everton Sales Souza. (Org.). *Tecendo Histórias: Espaço, política e identidade*. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2009, v. 1, p. 13-26.
- 35 O bordado livre é uma técnica de bordado manual onde se é empregado diversos pontos diferentes sobre um risco no tecido ou feito diretamente sem um desenho a seguir. Ao contrário do ponto cruz e outras técnicas que exigem apenas um tipo de bordado e uma estética específica, o bordado livre, como o nome já diz, permite uma maior liberdade tanto na construção do desenho quanto nas possibilidades de pontos empregados.
- 36 “As mulheres de camadas populares chilenas, concretizaram uma forma inusitada de protesto: a narrativa de suas histórias de perdas e buscas de parentes através do bordado das arpilleras, tapetes em estilo rústico. Mulheres solitárias, casas destruídas, pessoas atacadas nas ruas pela polícia, perdidos de paz, iam brotando através de crônicas construídas pela agulha e lã. Os trabalhos eram expostos em pátios de igrejas, vendidos em feiras. As arpilleras chegaram a ser proibidas pelo governo Pinochet, sob perigo de tornarem-se poderosas armas de anti-propaganda do regime. A própria esposa de Pinochet, Lucia Hiriart, teria financiado artesãs para produzirem trabalhos sem a presença de protestos” DUARTE, Ana Rita Fonteles. Em guarda contra a repressão: as mulheres e os movimentos de resistência à ditadura na América Latina. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24, 2007, São Leopoldo. *Anais...* ANPUH. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S24.0646.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2017.
- 37 Atualmente no Brasil há uma renovação do bordado livre enquanto possibilidade artística e terapêutica feminista, com diversas artistas

minha experiência com esta técnica: aprendizado de alguns pontos, pelo ensino de mulheres mais velhas e pela leitura de manuais, a criação de uma imagem (baseada em outras, baseada em minhas experiências e desejos), e a construção do bordado livremente, a escolha do ponto ideal a ser empregado em cada parte do desenho, o emaranhado de fios, o cuidado em conectar as linhas, o bordado se desenvolvendo para além, ou contrariamente ao que anteriormente planejado e imaginado.

Aqui também procuro entrelaçar os diferentes aspectos desta(s) história(s) de maneira a construir uma imagem, não inteira, não completa, mas compreensível; de uma parte da história uruguaia e brasileira, das esquerdas armadas, das juventudes revolucionárias nas décadas de 1960 e 1970. Um pequeno bordado que possa se conectar nesse tecido maior que é a história da América Latina.

O entrelaçamento dos diferentes aspectos dessa narrativa as vezes parece um emaranhado sem ordem, um vai e vem de assuntos e pequenas histórias e análises, procuro então, como uma bordadeira, tentar construir um caminho, tendo consciência que talvez tenha que desfazê-lo e refazê-lo várias vezes, e que as conexões de linhas e pontos não serão perfeitas, pois possíveis de ver suas falhas e incompletudes. Após esse prólogo procuro iniciar agora de maneira clássica, voltando-me inicialmente às duas primeiras diferenças e suas semelhanças: o contexto social e político brasileiro e uruguaio.

1.1 CONTEXTO BRASIL E URUGUAI

Para construir esta narrativa são importantes diferentes níveis de escala e diferentes metodologias. Pensando os jogos de escala, na proposta elaborada por Jacques Revel,³⁸ e a qual se articula muito bem com a metodologia da história cruzada, irei caminhar algumas vezes entre o micro e o macro, e pensando os diferentes espaços, entre a

trabalhando com linhas e agulhas. Sobre o assunto há diversas reportagens na mídia sobre o tema, algumas abordados mais especificamente a questão feminista, outras abordando como uma possibilidade terapêutica ou como fonte de renda.

Ver<<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/12/22/Como-o-antigo-ato-de-bordar-acabou-ganhando-um-novo-significado-nos-dias-atuais>>.

Acesso em 15 jul. 2017.

38 REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, v. 15, n. 45, set./dez. 2010.

comparação e o cruzamento.

Existem variadas leituras metodológicas e teóricas sobre as possibilidades de fazer história em abordagens que ultrapassam as fronteiras nacionais. Para pensar o ambiente entre os dois países, uma questão mais macro e contextual, a história comparada me pareceu a melhor opção metodológica. Propor uma história que não seja centrada no nacional ainda sofre resistências. Como afirma Maria Lygia Prado:

As práticas historiográficas que recortam o espaço nacional como o “ideal” vêm sendo acolhidas, desde o século XIX, pela maioria dos pesquisadores. A perspectiva de tomar as fronteiras da nação como os limites naturais estabelecidos para a pesquisa histórica é ainda a escolha majoritária. A força persuasiva do nacionalismo continua presente e fortemente estabelecida tanto no cenário da política como também no mundo universitário, onde a centralidade das disciplinas referidas à história nacional é prova cabal dessa visão hegemônica.³⁹

Baseio-me em Prado e Marc Bloch para pensar uma história que esteja para além das fronteiras nacionais, como afirmou Bloch, “a unidade do lugar é apenas desordem. Somente a unidade do problema apresenta um centro”.⁴⁰ A América Latina, como sustenta Prado, é um terreno fértil para a comparação, uma vez que a história de cada país, apesar de paralela, atravessa momentos sincrônicos semelhantes – a colonização, a formação dos Estados Nacionais, e para o caso desta dissertação, os grupos de esquerda armada e as ditaduras civis-militares.

A história das esquerdas latino-americanas também tem suas conexões e particularidades, e é através desse fio, da história das esquerdas e como elas pensaram e atuaram sob a realidade social latino-americana que viviam que busco iniciar esse capítulo. Pensando que a

39 PRADO, Maria Ligia Coelho. Repensando a História Comparada da América Latina. *Revista de História*, São Paulo: USP, v. 153, n. 2, 2005, p. 13.

40

Histoire Economique et Sociale, no.6, janeiro de 1934, citado por SKOCPOL, Theda; SOMERS, Margaret. “The uses of Comparative History in macrosocial inquiry”, *Comparative Studies in Society and History*, vol. 22, no 2, 1980. p. 194. Apud PRADO, Maria Ligia Coelho. Repensando a História Comparada da América Latina... op. cit., p. 18.

esquerda não é um bloco homogêneo ou cristalizado, mas um modo de pensar e viver o mundo, uma justa visão de que outro mundo é possível, o sonho de um mundo sem exploração. Como ambos os grupos se inserem dentro da tradição marxista, é interessante pensar o seu desenvolvimento no continente. Michael Löwy argumenta que o marxismo latino-americano viveu três períodos históricos:

1) um período revolucionário, dos anos 20 até meados dos 30, cuja expressão teórica mais profunda é a obra de Mariátegui e cuja manifestação prática mais importante foi a insurreição salvadorenha de 1932. Nesse período, os marxistas tendiam a caracterizar a revolução latino-americana como, simultaneamente, socialista, democrática e antiimperialista; 2) o período stalinista, de meados da década de 1930 até 1959, durante o qual a interpretação soviética de marxismo foi hegemônica, e por conseguinte a revolução por etapas, de Stalin, definindo a etapa presente na América Latina como nacional-democrática; 3) o novo período revolucionário, após a Revolução Cubana, que vê a ascensão (ou consolidação) de correntes radicais, cujos pontos de referência comuns são a natureza socialista da revolução e a legitimidade, em certas situações, da luta armada, e cuja inspiração e símbolo, em grau elevado, foi Ernesto Che Guevara.⁴¹

Para pensar melhor sobre essas questões irei tratar agora dos contextos dos países específicos, Brasil e Uruguai, a partir da formação e análise das esquerdas pensando, a partir de Löwy, essa mudança do segundo para o terceiro período. No qual tanto ALN quanto os Tupamaros são referências de correntes radicais que emergem na década de 1960.

Estudar o contexto brasileiro na década de 1960 é pensar em rupturas. Da curta experiência democrática à frustração da imposição da ditadura militar e a renovação da cultura política no período, ele foi marcado por crescente urbanização e industrialização aceleradas, pela presença política do operariado e dos trabalhadores rurais com a eclosão de sindicatos e ligas camponesas. Foi também um período marcante na

41 LÖWY, Michael. *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Perseu Abramo, 2006, p. 9.

cultura brasileira, do Cinema Novo, da Bossa Nova e da arte engajada, com os Centros Populares de Cultura da UNE (União Nacional dos Estudantes).

Os debates intelectuais e na esquerda se baseavam na conjuntura nacional e internacional que passava por questões importantes em relação à desenvolvimento versus subdesenvolvimento, marcados pelo avanço no processo de descolonização, pelo início do “cisma” sino-soviético, no crescimento do bloco dos “não alinhados”, pela emergência do chamado “terceiro-mundismo” e pelo intenso desenvolvimento capitalista industrial em alguns países periféricos, como o próprio Brasil.

Essas análises intelectuais foram importantes também nas esquerdas do período, tanto para construir uma visão do país – colocado em relação ao espaço latino-americano e mundial – quanto para pensar as propostas políticas de transformação social. Para construir uma pequena trajetória das esquerdas que possa levar até as formações das organizações de luta armada procuro no momento discutir sobre como as esquerdas – e principalmente o Partido Comunista Brasileiro (PCB), de onde vem o racha que cria a ALN – pensaram o Brasil que viviam e qual o caminho vivido por essas organizações.

Não cabe aqui realizar uma genealogia do Partido Comunista, mas é importante pensar como o partido se organizou e pensou o país nos anos antes do golpe de 1964 e logo após. Mesmo tendo apenas um breve período de legalidade, de 1945 a 1947, o PCB experimentou um significativo momento de crescimento de sua atuação política no cenário brasileiro. Esse crescimento se deu devido à sua atuação entre os trabalhadores em movimentos sindicais, a participação na política institucional, com deputados eleitos para participar da Assembleia Nacional Constituinte e vitórias significativas em eleições municipais, e sua popularidade em camadas médias intelectualizadas.⁴²

O PCB, como partido marxista-leninista, tem como objetivo final e principal promover a revolução proletária e realizar a passagem do sistema capitalista para o sistema socialista no país. Para isso, é importante ter uma leitura correta do contexto social, político e econômico brasileiro para saber como atuar e qual estratégia construir para alcançar seus objetivos. Falo isso pois as análises do PCB foram

42 SEGATTO, José Antonio. PCB: a questão nacional e a democracia. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília. O Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática (1945-1964). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 217-240.

importantes para a esquerda pensar a situação brasileira e como outros grupos se colocariam em relação à essas análises.

A década de 1950 foi de mudanças significativas no partido. Em 1956, durante o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), é tornado público um relatório secreto com denúncias de culto à personalidade e de crimes políticos do governo de Josef Stalin, morto três anos antes. O relatório tem um impacto grave no movimento comunista do mundo todo, gerando traumas, separações e autocríticas dolorosas; situação da qual o PCB não escapou. A demora do Comitê Central em abrir a discussão com o partido deixou a situação mais desconfortável, e nos órgãos de imprensa do PCB começam a surgir artigos que discutem tanto sobre a invasão da Hungria como sobre a relação do PCB com o PCUS, com críticas ao sectarismo, dogmatismo, personalismo de Prestes e falta de democracia interna.

No entanto, a medida que o debate se intensifica e as divergências ficam mais claras, a direção intervém para restabelecer a ordem e manter a unidade do partido. Em meio a essa crise, dois grupos acabam se separando: o que havia iniciado o debate e propunha uma renovação drástica foi expulso do partido, e um grupo conservador que se recusava a fazer uma autocrítica foi isolado. O centro, mesclando ideias de ambos os grupos implementa mudanças importantes que se materializam na Declaração de março de 1958.⁴³ Documento importantíssimo, trazia uma nova orientação e interpretação política para a situação brasileira pautado no desencadeamento da revolução no país. Afirmava em seu primeiro capítulo que o desenvolvimento capitalista nacional não havia conseguido eliminar as características de subdesenvolvimento do país, principalmente referentes ao campo: “As sobrevivências feudais são um dos fatores que acentuam a extrema desigualdade de desenvolvimento das diferentes regiões do país, especialmente entre o sul e parte do leste, que se industrializam, e o resto do país, quase inteiramente agrário.”⁴⁴ Por esse motivo caberia primeiro o desenvolvimento completo do capitalismo no país, em uma luta anti-imperialista e anti feudal com vistas à implantar um capitalismo nacionalista e democrático. Dessa forma as contradições principais se davam entre nação e o imperialismo norte-americano e entre forças produtivas em desenvolvimento e as

43 Idem.

44 Comitê Central do Partido Comunista do Brasil. Declaração sobre a política do PCB. 22/03/1958. *Voz Operária*. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/tematica/1958/03/pcb.htm>>. Acesso em: 27/02/2017.

relações de produção semifeudais na agricultura.

Através desse programa o PCB defendia um caminho pacífico para a revolução, com a formação de uma frente única nacionalista de todas as forças interessadas na luta anti-imperialista. Essa frente seria formada por forças heterogêneas: operários, camponeses, pequena burguesia urbana e setores latifundiários e da burguesia nacional que possuíam contradições com o imperialismo norte-americano.⁴⁵ O proletariado se aliaria à burguesia em torno de um objetivo comum de lutar por um desenvolvimento independente e progressista contra o imperialismo norte-americano, uma vez que “a contradição entre o proletariado e a burguesia” não exigia “uma solução radical na presente etapa. Por conseguinte, a revolução brasileira não é ainda socialista, mas anti-imperialista e antifeudal, nacional e democrática”.⁴⁶

Essas questões são importantes pois evidenciam a visão marxista etapista presente na avaliação do PCB. Ideia baseada no texto de Stálin *Materialismo histórico e materialismo dialético*, publicado em 1938, o qual afirmava que “a história conhece cinco tipos fundamentais de relações de produção: a comuna primitiva, a escravatura, o regime feudal, o regime capitalista e o regime socialista”.⁴⁷ De acordo com Dória,

o fato de o esquematismo de Stálin ter sido alcançado à condição de “teoria da história” com foro de lei universal deve ter suas razões buscadas extratexto, isto é, no contexto político em que surgiram ou, mais precisamente, na teoria do “socialismo em um só país”, vigente durante a Segunda Guerra Mundial e, depois, alimentada pelo capitalismo durante a chamada “guerra fria”. É apenas a partir desses suportes que o referido texto pode ser reinterpretado, adequando-se ao “faseamento” da história dos países de capitalismo

45 ABREU, Alzira Alves. Partido Comunista Brasileiro (PCB). In: ABREU, Alzira Alves de [et al]. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001.

46 Comitê Central do Partido Comunista do Brasil. Declaração sobre a política do PCB. 22/03/1958. Op. Cit.

47 J. Stálin, “O materialismo dialético e o materialismo histórico” (1938), in José Paulo Neto (org.), Stálin. São Paulo: Ática, 1982, p. 149. Apud DÓRIA, Carlos Alberto. O dual, o feudal e o etapismo na teoria da revolução brasileira. In: MORAES, João Quartim de. (Org.) *História do Marxismo no Brasil*, v. 3. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p. 270.

atrasado, isto é, ao mundo colonial e ex-colonial. Assim reconsiderado, o Materialismo dialético e materialismo histórico, de fato, contém afirmações tendentes a “esfriar” os ímpetus revolucionários não alinhados com as orientações político-ideológicas emanadas da URSS.⁴⁸

Ou seja, a partir dessa teoria, cabia aos comunistas brasileiros identificar em que estágio o país se encontrava, para assim compreender qual as especificidades da revolução brasileira. A identificação do país enquanto feudal deixava claro qual o próximo passo: era preciso realizar no país a revolução burguesa antes de intentar o socialismo. Para tal cabia se alinhar com a burguesia nacional e expulsar primeiramente o imperialismo estadunidense, os traços conservadores e feudais existentes principalmente no campo, e manter uma defesa do Estado democrático e nacionalista. Essa teoria serviu de base a atuação do partido e seus membros durante a década de 1960 e explica a atuação pelas reformas de base durante o governo de João Goulart.⁴⁹

É importante destacar que, apesar de atualmente parecer uma discussão bastante equivocada, ela foi um esforço de militantes e intelectuais para compreender o país, e muito dos debates realizados por comunistas no período se tornaram questões clássicas na análise da sociedade brasileira, como é o caso de pensar o Estado brasileiro como sendo heterogêneo, composto por frações e forças diversas e divergentes; a constatação de que o Estado era permeável à ação e aos interesses das classes subalternas e que, inclusive, seria passível de transformação mesmo dentro da legalidade burguesa; a afirmação de que a democracia (ainda que numa concepção instrumentalista) seria fundamental aos trabalhadores.⁵⁰ Nas véspera do golpe de Estado de 1964, essa era a visão corrente do PCB, o que fez com que o partido se unisse à campanha por reformas de base do governo Jango.⁵¹

48 DÓRIA, Carlos Alberto. O dual, o feudal e o etapismo na teoria da revolução brasileira. In: MORAES, João Quartim de (Org.). *História do Marxismo no Brasil...* Op. Cit., p. 270-271.

49 LÖWY, Michael. *O marxismo na América Latina...* op. cit.

50 SEGATTO, José Antonio. PCB: a questão nacional e a democracia. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília. *O Brasil Republicano...* Op. Cit. p. 232.

51 PANDOLFI, Dulce. O cenário político-partidário do período. Dossiê sobre a trajetória política de Jango. *CPDOC-FGV Centro de Pesquisa e*

Além do PCB, outros grupos políticos se destacavam pela militância no período. Cabe destacar a construção de um central sindical unificada, a CGT, Comando Geral dos Trabalhadores, as Ligas Camponesas, com a importante liderança de Francisco Julião, e a União Nacional dos Estudantes (UNE). Esses e outros grupos políticos – como a Ação Popular, o PCdoB, grupos trotskistas e os grupos ligados à Leonel Brizola – também tiveram influência no período e construíram mobilizações. Cabe destacar que existem diferenças importantes entre esses grupos, principalmente porque alguns deles são organizações políticas, outros são entidades de classe e outros podem ser lidos como movimentos sociais. Coloco todos conjuntamente aqui porque apesar de suas inúmeras distinções, todos eles tiveram importância por pensar politicamente o Brasil e por atuarem politicamente em prol de transformações sociais.⁵²

Para o recorte desta dissertação, é importante também falar da UNE, uma vez que grande parte da militância que depois irá para a

Documentação de História Contemporânea do Brasil. Rio de Janeiro, São Paulo, 2004. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidenciaRepublica/O_cenario_politico_partidario_do_periodo>. Acesso em: 21 jan. 2018.

- 52 Penso a diferenciação entre movimento social e movimento político a partir das definições seguintes, presente no Dicionário de Política, organizado por Norberto Bobbio. Movimento político enquanto “'Movimento' se distingue especificamente de partido e indica a não institucionalização de uma ideia, um grupo, uma atividade. “Político” se refere aos objetivos do movimento, à sua atuação na área das decisões coletivas, ao seu empenho em questionar os detentores do poder de governo e em influir nos processos decisórios.” PASQUINO, Gianfranco. Movimentos políticos. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Brasília: UNB, 1998, v. 1, p. 786. Já os movimentos sociais “constituem tentativas, fundadas num conjunto de valores comuns, destinadas a definir as formas de ação social e a influir nos seus resultados. Comportamentos coletivos e movimentos sociais se distinguem pelo grau e pelo tipo de mudança que pretendem provocar no sistema, e pelos valores e nível de integração que lhes são intrínsecos.” PASQUINO, Gianfranco. Movimentos sociais In: *Ibidem*, p.787. Por entidades de classe e sindicatos compreendo o fenômeno enquanto “reação à situação dos trabalhadores na indústria capitalista, mas constitui também uma força transformadora de toda a sociedade. (...) Gera e alimenta o conflito dentro e fora da empresa, mas canaliza a participação social e política de grandes massas, contribuindo para integrá-las na sociedade.” REGINI, Marino. Sindicalismo. In: *Ibidem*, p. 1150

esquerda armada iniciou sua militância política através do movimento estudantil. Penso a UNE não como a única mobilização estudantil, mas como o espaço onde se conformaram e por onde lutaram inúmeros movimentos sociais estudantis, minha intenção é que através dessa instituição se possa visualizar como estudantes se mobilizaram no país.

O marco da institucionalização do movimento estudantil é a fundação da União Nacional dos Estudantes (UNE), fundada em 1937 ou 1938⁵³, apesar de desde o século XVIII ocorrerem manifestações protagonizadas por grupos de estudantes. Falando especificamente do movimento estudantil universitário, é preciso pensar também na expansão das faculdades e universidades pelo país para compreender seu crescimento ao longo do século XX. Apesar de a primeira universidade do país ter sido criada em 1920, a maioria dos cursos superiores se dava em forma de faculdades isoladas. É principalmente durante a década de 1950 que as universidades são criadas por todo o país através da reunião dessas faculdades e criação de mais cursos superiores.⁵⁴

Entre as décadas de 1950 e 1960 foi o primeiro momento de crescimento do número de estudantes universitários no Brasil, e também o momento de estruturação do movimento estudantil através da recém-criada UNE. A porcentagem da população brasileira com acesso ao ensino superior era ínfima, e a presença das mulheres era mais restrita ainda. Os dados do IBGE mostram que em 1960 havia 93.202 pessoas matriculadas no ensino superior, o que equivalia à 0,13% do total da população brasileira. Em 1968 o número de matriculados no ensino superior já havia aumentado significativamente, com um total de 278.205, o que aponta um índice de crescimento de 408%.⁵⁵ Entre as

53 Existe uma disputa de memória acerca da data da fundação da UNE. O livro *O Poder Jovem*, de Artur Poerner se refere a 11 de agosto de 1937, com o I Conselho Nacional de Estudantes sendo instalado solenemente pelo Ministro da Educação como a data de Fundação da UNE. Segundo Irum Sant'Anna, que vivenciou essa época enquanto estudante, a UNE foi fundada em 22 de dezembro de 1938, no II Congresso Nacional de Estudantes (o primeiro tinha sido realizado em 1910) (ARAÚJO, 2007).

54 MARTINS FILHO, João Roberto. O movimento estudantil nos anos 1960. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (orgs.). *Revolução e democracia: 1964-....* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (Coleção As Esquerdas no Brasil, 3), p. 187.

55 Resultados obtidos a partir dos dados do censo do IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Estatísticas do Século XX*. Rio de Janeiro: Centro de Documentação e Disseminação de Informações, 2006. E INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E

décadas de 1950 e 1970 houve um crescimento significativo também da presença de mulheres nas universidades: em 1956 elas eram 26%, em 1971 chegam a 40%.⁵⁶ Esses dados são significativos, uma vez que, se apontam para uma parcela mínima da sociedade tendo acesso ao nível superior, também apontam para o crescimento das matrículas ao longo da década. Aspectos que podem trazer um questionamento acerca de mudanças no perfil de estudantes universitários desse período, com muitos estudantes sendo os primeiros de suas famílias a terem acesso ao ensino superior. Fato importante para se destacar pois auxilia a quebrar o estereótipo de uniformidade de classe que muitas vezes se vê na argumentação sobre os estudantes do período. É também importante destacar que essa argumentação não invalida as significativas questões de classe, raça e gênero no acesso ao ensino superior no país, apenas apontam que a questão envolve um grande número de variáveis.⁵⁷

A universidade é um espaço bastante característico, e segundo Souza “era percebida pelos estudantes e pela sociedade como um lugar onde o conhecimento permitia o domínio sobre os acontecimentos”⁵⁸. Essa condição específica traz uma cultura política própria, onde laços de amizade, solidariedade e liberdade são construídos. Na universidade todos podiam ser vistos como iguais, uma vez que apenas os “melhores” conseguiam chegar até ali. Essa noção de igualdade entre os pares e a relação entre saber e poder existente no meio acadêmico tornava o movimento estudantil universitário como um agente reconhecido como uma força política importante.⁵⁹

É um fato que a UNE se envolveu em diversos momentos políticos importantes do país, desde a campanha “O Petróleo é Nosso!”

ESTATÍSTICA. *Sinopse do Censo demográfico de 2010*. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=4&uf=00>>. Acesso em: 26 de junho de 2017.

- 56 BARROSO, Carmen Lúcia de Melo; MELLO, Guiomar Namó. O acesso da mulher ao ensino superior brasileiro. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 15, dez. 1975, p. 52. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/278.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2014.
- 57 Sobre essa questão ver PINTO, José Marcelino de Rezende. O acesso à educação superior no Brasil. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 25, n. 88, out. 2004.
- 58 SOUSA, Janice Tirelli Ponte. *Reinvenções da utopia: a militância política de jovens nos anos 90*. São Paulo: Hacker Editores, 1999, p. 36
- 59 RIBEIRA NETO Apud SOUSA.

e o apoio as reformas de base do governo Jango, até todas as mobilizações contra o golpe de Estado de 64 e o regime ditatorial. No entanto, é uma questão significativa como a história do movimento estudantil construiu para si o mito de que “os estudantes sempre estiveram ao lado do povo brasileiro em todas as suas lutas”,⁶⁰ uma narrativa histórica que visa construir um heroísmo inato à militância política estudantil, e que apesar de atender a interesses ainda hoje, não resiste a uma análise histórica cuidadosa.⁶¹

Essa é uma questão importante a ser pontuada, pois muito da discussão sobre movimento estudantil está ligada à uma construção da ideia de juventude rebelde. Um exemplo clássico dessa questão é o livro referência na construção do imaginário da UNE, *O Poder Jovem*, de Poerner. Este livro, produzido em meio a efervescência política e cultural de 1968, tornou-se uma referência para a reestruturação da UNE durante a redemocratização e pinta o movimento estudantil como heroico e representante de um *poder jovem*.⁶² Poerner constrói esse mito do poder jovem da seguinte maneira

O estudante aqui, como em muitos outros países da América Latina, é movido por algo mais do que o simples espírito anarquista que caracteriza o jovem moderno na Europa ou nos Estados Unidos. Esse algo mais, que torna o estudante brasileiro muito mais maduro, politicamente, do que o seu

60 ROMAGNOLI; GONÇALVES Apud MARTINS FILHO, João Roberto. Movimento estudantil e ditadura militar: 1964-1968. Campinas: Papirus, 1987, p. 16.

61 Sobre uma história crítica do movimento estudantil brasileiro vale a leitura dos trabalhos de Martins Filho (1987), LANGLAND, Victoria. *Speaking of Flowers: student movements and the making and remembering of 1968 in military Brazil*. Durham and London: Duke University Press, 2013; ARAUJO, Maria Paula. *Memórias estudantis: da fundação da UNE aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fundação Roberto Marinho, 2007.

62 POERNER, Arthur. *O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros*. 2a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. O livro foi editado a primeira vez em 1968, sendo no ano seguinte censurado e tirado de circulação pelo regime. Em 1977 foi lançado clandestinamente pela UNE, o que aponta seu já simbolismo enquanto narrativa oficial do movimento estudantil institucionalizado, e foi reeditado a segunda vez em 1979. Informações retiradas do blog pessoal de Arthur Poerner, disponível em: <<https://arthurpoerner.blogspot.com.br>>. Acesso em 8 jul. 2017.

colega europeu ou norte-americano, consta de uma profunda decepção quanto à maneira como o Brasil foi conduzido no passado, de uma violenta revolta contra o modo pelo qual ele é dirigido no presente e de uma entusiástica disposição de governá-lo de outra forma no futuro. Devido a essa perspectiva de poder – que muitas pessoas, imediatistas e carentes de imaginação podem considerar utópica, mas que é, afinal, uma consequência inevitável das leis naturais –, o estudante brasileiro é um oposicionista nato. E tem sobejas razões para isso. [grifos meus]⁶³

Para o autor jovens e estudantes são sinônimos, e essa relação é construída de maneira a pensar que existem características inatas à esses sujeitos (a oposição ao governo, no caso). A questão dessa dissertação não é buscar as características inatas à sujeitos jovens ou estudantes, até porque uma análise mais profunda dos “estudantes brasileiros” levaria a inevitável constatação de que esses sujeitos não são naturalmente oposicionistas, de esquerda, ou críticos ao *status quo*.⁶⁴ A pesquisa da historiadora Sílvia Arend sobre jovens brasileiros na revista *Realidade* na década de 1960 traz alguns dados interessantes sobre o tema, pois de acordo com a pesquisa realizada pelo periódico em 1967, a maioria dos jovens não se encaixaria nesse ideal de naturalmente rebelde, tanto em questões de costumes como inclusive relativos à política. Para a autora:

Apesar de uma parcela significativa daqueles jovens ser favorável ou indiferente ao regime ditatorial, que se caracterizava modernizar o capitalismo brasileiro, o “caminho” escolhido por metade dos/as entrevistados, em ambas as pesquisas, em relação ao “sistema econômico-social que oferecia maiores possibilidades de desenvolvimento” era o “socialismo”. O

63 POERNER, Arthur. *O poder jovem...* op. cit., p. 32

64 São diversos os trabalhos que ao analisarem estudantes ou jovens encontram outros dados. Entre eles cabem não apenas as já citadas análises críticas do movimento estudantil como a de Martins Filho, mas também os trabalhos que focam especificamente na análise de estudantes e jovens conservadores, entre eles a pesquisa de Katya Braghini. (BRAGHINI, Katya Mitsuko Zuquim. *Juventude e pensamento conservador no Brasil*. São Paulo: Educ, 2015.

“capitalismo”, por sua vez, era citado por 30% dos entrevistados/as como resposta para a indagação relativa ao melhor sistema econômico-social. Por fim, somente 5% dos/as jovens compreendia que o “comunismo” poderia levar o país para patamares mais elevados em relação ao universo socioeconômico. (...)

No plano da família constatamos que os/as jovens brasileiros “retratados” na revista *Realidade* possuíam práticas e valores ainda distantes, em certa medida, da chamada revolução sexual em curso na década de 1960 no mundo ocidental.⁶⁵

O objetivo da pesquisa dessa dissertação é analisar a produção de discursos, e como esses discursos constroem ideias de sujeitos. A análise de Foucault procura apreender o discurso “em seu poder de afirmação, e, por aí, entendo não um poder que se oporia ao poder de negar, mas o poder de constituir domínios de objetos, a propósito dos quais se poderia afirmar ou negar proposições verdadeiras ou falsas”⁶⁶ Logo, o interessante a ser analisado é como esse discursos de Poerner sobre o *poder jovem* construiu um domínio ao afirmar os jovens latino-americanos como inatos opositores, uma narrativa positiva, do ponto de vista foucaultiano, ao pensar que ela afirma proposições, constrói um conceito de juventude. O que se diz sobre algo constrói sentidos, constitui sujeitos e ajuda a construir também práticas sociais.

Para as análises específicas dessa dissertação meu interesse é pensar se esse sentido de juventude e estudantes enquanto sujeitos rebeldes ou *oposicionistas* foi um discurso também utilizado pelos grupos de esquerda aqui analisados. A rebeldia e o poder “inatos” aos jovens foram postos a serviço da construção de uma revolução socialista? Antes de entrar nessa questão mais especificamente cabe pensar sobre o contexto do outro país tema dessa dissertação, o Uruguai. Para iniciar o entrelaçamento narrativo dessas histórias me vem uma questão interessante à vista, que é o fato de há também um livro uruguaio muito semelhante ao livro de Poerner.

65 AREND, Silvia Maria Fávero. Jovens brasileiros nas páginas da revista *Realidade: família e trabalho* (Brasil 1966-1969). *Projeto História*, São Paulo, v. 54, set./dez. 2015. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/25354>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

66 FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso...* op. cit., p. 65.

Em 1968, assim como no Brasil - e em outras partes do mundo -, a sociedade uruguaia se viu às voltas com grandes manifestações de pessoas jovens. O estopim para as mobilizações de estudantes foi o aumento da passagem dos ônibus em Montevideu, no entanto as mobilizações cresceram ao longo de alguns meses para além dessa pauta, com ocupações de faculdades, a popularização da pauta de mobilidade através da busca pela nacionalização dos transportes públicos, respostas violentas à crescente repressão do governo e ao crescente recrudescimento do Estado com medidas de seguridade nacional. O auge da repressão culminou com a morte de três estudantes, todos feridos por armas de fogo da polícia.⁶⁷ O primeiro estudante assassinado foi Líber Arce⁶⁸, em 13 de agosto, tornado mártir estudantil e velado no átrio da Universidad de la Republica, em outra grande manifestação. Para Tristán os significados que essas mobilizações estudantis tiveram para a esquerda revolucionária uruguaia foram muito importantes:

La peculiaridad e importancia de la movilización estudiantil no residió tanto en las causas de sus protestas o en la acción desarrollada, como en el hecho de que dio a luz nuevos actores y nuevas formas de acción política. Su significado hay que entenderlo dentro del proceso global de transformación de la sociedad uruguaya de aquellos años. El movimiento estudiantil no era el único proceso radical o violento que se

67 TRISTÁN, Eduardo Rey. Movilización estudiantil e izquierda revolucionaria en el Uruguay (1968-1973). *Revista Complutense de Historia de América*. Madri, v. 28, 2002, p. 188-191. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/index.php/RCHA/article/view/RCHA0202110185A>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

68 Líber Arce era estudante de odontologia na Universidad de La Republica, e foi ferido em uma manifestação relâmpago de estudantes de odontologia, enfermagem e veterinária, em prol da autonomia universitária, ocorrida em 12 de agosto. Líber Arce, então com 28 anos, foi ferido na coxa por policiais que interceptaram a manifestação e acabou falecendo em 14 de agosto. Seu velório se tornou uma das grandes manifestações de 1968 no Uruguai, com cerca de 300 mil pessoas presentes. Informações retiradas do comunicado *Mártires estudiantiles: el mejor homenaje es seguir luchando* publicado em 13 de agosto de 2017. Disponível em: <<http://www.universidad.edu.uy/prensa/renderItem/itemId/40917>>. Acesso em: 4 de set. 2017.

desarrollaba. Entraba dentro del conjunto en el que también se encontraban la radicalización de ciertos sectores obreros o la aparición de grupos armados.

La protesta estudiantil presentó rasgos particulares: en general, tanto en secundaria como en la universidad, fue masiva, si bien con diferentes características en cada uno de esos ámbitos. Fue radical, aunque con grados; permanente, pues no se trató de algo puntual si no que perdurará en los siguientes años; autónoma y descentralizada, no fue controlada — al menos en 1968 — por ningún partido ni grupo político, si no que fue algo propio, aunque en su interior sí se manifestasen tendencias ideológicas representativas de parte —que no todo— del espectro político uruguayo. En este sentido, fue un campo fértil para la aparición de nuevas expresiones y formas de organización y conflictividad social.⁶⁹

Assim como Poerner escreveu em meio aos acontecimentos de 68 no Brasil, alguns livros foram produzidos no Uruguai que buscavam compreender esse contexto que Tristán analisa mais de 30 anos depois. Entre eles está o livro chamado *La Rebelion Estudiantil*, de Carlos Bañales e Enrique Jara, dois jornalistas uruguayos que buscaram realizar uma extensa reportagem em forma de livro, com diversos testemunhos de jovens, professores e psicólogos, entre outros, buscando compreender os motivos e o contexto das mobilizações estudantis daquele ano no país. Interessante também, que da mesma forma que Poerner não é historiador ou cientista social, mas um advogado, essa produção uruguia também não tenha sido produzida por acadêmicos, o que pode demonstrar a intensidade e importância que a ideia de juventude teve em ambos os países naquele período.

O sentimento de que jovens estavam tomando cada vez mais espaço na sociedade, e com uma rebeldia crescente não foi exclusividade do Uruguai e do Brasil. Essa será uma sensação presente mundialmente, principalmente a partir das mobilizações estudantis de 1968, sentida também nos dois países. Luis Antônio Groppo, em sua

⁶⁹ TRISTÁN, Eduardo Rey. Movilización estudiantil e izquierda revolucionaria en el Uruguay (1968-1973). *Revista Complutense de Historia de América*. Madri, v. 28, 2002, p. 191.

tese sobre as revoltas estudantis mundiais afirma que

Os movimentos de contestação, não apenas em 1968, mas durante todos os anos 1960, tiveram na condição juvenil a principal - talvez a única - categoria social estruturante comum, Movimentos de contestação, muitas vezes tidos como heterogêneos demais para serem analisados como um processo único (movimentos estudantis nos três mundos, contraculturas, novos movimentos de minorias, movimentos de guerrilha, feminismo, ecologismo etc.), tem como denominador comum a “juventude” real, presumida ou assumida de seus integrantes, da fonte de seus *slogans* ou da sua motivação.⁷⁰

Importante destacar essa questão para não pensar as questões aqui apresentadas como exclusividades uruguaias ou brasileiras. Até porquê foi a percepção da juventude enquanto uma questão global que incentivou o mercado editorial em publicações sobre o tema. O livro de Bañales e Jara é dividido em dois capítulos, um primeiro que busca compreender quem são os jovens uruguaios desse período, pensando questões como mudanças na organização familiar e afetiva, imigração, possibilidades de profissionalização, a relação desses jovens com o contexto político internacional, com os esportes, com os mais velhos. A segunda parte do livro busca compreender os motivos das manifestações daquele ano, tanto os motivos mais imediatos quanto o contexto político e ideológico onde se encontravam diversas organizações estudantis, a radicalização, a relação com outras classes como os operários e a repressão.⁷¹ A avaliação dos autores sobre essa rebeldia jovem estão de certa forma colocados no trecho abaixo:

Pero además, deben resistir el embate de los jóvenes que ven así densaturalizado lo que acaban de aprender y aún quieren creer que el mundo no está compuesto por políticos sin política, sindicalistas burocratizados, conductores de la opinión atados a intereses, artistas populares

70 GROppo, Luís Antonio. *Uma onda mundial de revoltas: movimentos estudantis nos anos 1960*. 2000. 696 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000, p. 12.

71 BAÑALES, Carlos; JARA, Enrique. *La rebelion estudiantil*. Montevideo: Arca, 1968.

mercantizados en su protesta o deportistas que tarifican su esfuerzo.

Los actores de la revuelta de otoño conforman una minoría, ya sea dentro del ambiente estudiantil, como en el sector obrero y tienen dos cosas en común: su juventud y el deseo de formar, por los métodos que eligieron, una sociedad absolutamente diferente, porque ya no creen en los remiendos a la actual. (...)

Las calles fueron ganadas por una minoría de jóvenes del casco urbano, combativos y unidos en su afán de lucha, por encima de sus desgarramientos internos. Un reportaje de esa rebelión, es el testimonio de sus actores; no un estudio de toda la juventud uruguaya, desde que no todos los jóvenes del país participaron de la movilización. Pero es también el buceo en ciertos fenómenos comunes a todos los jóvenes, en cuanto forman el andamiaje que sustentó parte de esta rebelión. [grifos meus]⁷²

Apesar de menos generalizador que a narrativa de Poerner sobre os jovens estudantes brasileiros, os autores uruguaios também sustentam uma certa naturalização de características jovens, “certos fenômenos comuns a todos os jovens”. Mesmo tratando mais das especificidades que dão forma às manifestações estudantis, Bañales e Jara também veem, assim como Poerner, uma juventude que se decepciona ao perceber os graves problemas sociais existentes e que se vê como a portadora de um novo mundo a ser criado. Certos discursos sobre pessoas jovens se assemelham, dessa forma, em ambos os países, e se caracterizam por colocar enquanto características juvenis a radicalidade, a rebeldia, a oposição, características também importantes nos grupos de esquerda armada a serem analisados aqui.

Compartilho da opinião de que o método comparado ainda pode ser útil para compreender paralelos e contrastes de processos históricos, que apesar de serem simultaneamente influenciados por contextos maiores - uma ideia compartilhada do que seja juventude, no caso - quanto limitados por instituições concretas como os Estados Nacionais - que no caso influenciam a formação de ambas organizações políticas.⁷³

⁷² Ibidem, p. 66-67.

⁷³ PURDY, Sean. A história comparada e o desafio da transnacionalidade.

Por isso acredito que é importante pensar um pouco mais sobre a sociedade uruguaia para compreender as questões que virão a seguir.

O Uruguai, até a década de 1960, possuiu uma trajetória republicana e democrática um pouco mais firme que seus vizinhos do Cone Sul, pelo menos enquanto memória e discurso. O Batllismo⁷⁴ e sua tradição consolidaram um Estado moderno progressista no início do século XX que até hoje é uma herança em disputa. Essa memória tem razão pela modernização considerada progressista para a época, voltada para um Estado forte e laico, responsável por uma política de redistribuição e com uma atenção especial ao social, inclusive com conquistas de direitos para as mulheres, como a lei de divórcio só pela vontade da mulher em 1913 e diversas leis trabalhistas. Pode-se dizer que era um governo de bem-estar social consideravelmente acima da média para a realidade latino-americana.

Essa construção de um caráter progressista do país como história e destino entrou em crise ao longo das décadas de 1950 e 1960. De acordo com Tristán, até 1973 havia uma consciência generalizada de que o Uruguai como “Suíça Americana” tinha ficado para trás, havendo uma “latino-americanização” do país.⁷⁵ Era o início do esfacelamento de uma ilusória prosperidade com o esgotamento da expansão sustentada pela produção agropecuária agora sem mercado e pelos efeitos da industrialização sem horizontes e com um comércio exterior desequilibrado. Hargain afirma que a tentativa de superar esses problemas econômicos com a adoção de políticas liberais capitaneadas pelo FMI fracassou rapidamente e a “população começou a enfrentar problemas inéditos de pauperização, inflação descontrolada, publicidade de fenômenos de corrupção e políticas repressivas em face do crescente

Revista de História Comparada, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, 2012, p. 66.

74 Referência à corrente do Partido Colorado historicamente vinculado a José Batlle y Ordoñez, presidente do país entre 1903-1907 e 1911-1915. Caracterizada por defender propostas de ativa intervenção estatal na economia e na intermediação capital-trabalho e políticas públicas inclusivas (ênfase na educação pública e no sistema previdenciário). De fundo nacionalista e reformista, teve um perfil urbano-industrial com forte representação da classe média e dos trabalhadores urbanos. PADRÓS, Enrique Serra. *Como el Uruguay no hay...* Terror de estado e segurança nacional uruguaia (1968-1985): do Pachecato à ditadura civil-militar. Tese (Doutorado) – UFRGS, Porto Alegre, 2005.

75 TRISTÁN, Eduardo Rey. *A la vuelta de la esquina: la izquierda revolucionaria uruguaya 1955-1973*. Montevideo: Fin de Siglo, 2006

protesto social.”⁷⁶

Dessa forma a crise estrutural vivida no país ao longo desses anos não foi apenas econômica, mas também política e social, uma vez que as dificuldades de superação da crise econômica evidenciavam um esgotamento do modelo político existente até aquele momento. Esse modelo político era o bipartidarismo, onde a hegemonia dos partidos tradicionais Nacional e Colorado⁷⁷ dava sinais de esgotamento, exigindo transformações constitucionais e de equilíbrio dos poderes, que resultava em um Parlamento cada vez mais central na tentativa de controlar a crise. Na síntese de Tristán:

La polarización política y social del período, la desaparición del tradicional consenso que había caracterizado a la política uruguaya, así como la profundización de la crisis y la ausencia de respuestas por parte del sistema político, provocaron la aparición de opciones y propuestas desde la periferia del sistema.⁷⁸

A crise vivida pelo país aumentava a conflitividade de diversos atores sociais. A combinação dessas questões internas, junto com o contexto mundial da década de 1960 – seja a Revolução Cubana, a Guerra de Libertação do Vietnã, as críticas à esquerda tradicional –

76 HARGAIN, Gerardo Caetano. Uruguai. In: LATINOAMERICANA: Enciclopédia contemporânea da América Latina e do Caribe. São Paulo: Boitempo, 2007.

77 Quase tão antigos como o Estado uruguaio, os partidos tradicionais sobreviveram à modernização do Estado e passaram a constituir-se como aglomerado de correntes (federação de partidos, segundo alguns analistas) dentro de um amplo leque entre o conservadorismo e o liberalismo-reformista. Historicamente, o Partido Colorado tem sido predominantemente vinculado a um cenário urbano-industrial, com destaque conjuntural de algumas correntes que defenderam forte intervenção estatal como mecanismo distributivo e reformista. Quanto ao Partido Nacional, tem representado, principalmente, setores mais vinculados à agropecuária, portanto, rurais e localizados no interior do país. De qualquer forma, sendo partidos policlassistas, tais afirmações devem ser relativizadas em função da conjuntura e da relação de forças internas. In: PADRÓS, Enrique Serra. Como el Uruguay no hay... Terror de estado e segurança nacional uruguaio (1968-1985): do Pachecato à ditadura civil-militar. Tese (Doutorado) – UFRGS, Porto Alegre, 2005.

78 TRISTÁN, Eduardo Rey. *A la vuelta de la esquina...* op. cit., p. 22.

fizeram com que novas possibilidades de atuação fossem construídas, numa atmosfera de efervescência do movimento operário, estudantil e do campo.

Esse contexto mundial é o mesmo vivido pelos sujeitos da esquerda brasileira. E também acarretará em crises e novas possibilidades na esquerda uruguaia. Os principais pontos reconhecidos nas análises sobre as esquerdas latino-americanas como mais significativos para pensar as mudanças ocorridas nas décadas de 60 são as mudanças no comunismo internacional, com a morte de Stálin e a polêmica sino-soviética, e o desenvolvimento de um movimento de países não-alinhados, e, a nível latino-americano - mas extremamente significativo -, a teoria da dependência, a teologia da libertação e a Revolução Cubana.

Algumas dessas questões já foram discutidas ou introduzidas nos debates sobre a esquerda brasileira iniciada nesse capítulo e na introdução da dissertação. Outros ainda serão mais aprofundados devido a sua grande importância para as análises posteriores e perpassaram todos os capítulos, como o caso da Revolução Cubana e uma de suas principais figuras, Che Guevara.

Considero muito importante pontuar essas questões maiores uma vez que, propondo-me a fazer uma análise de dois grupos distintos, inclusive nacionalmente, acredito que perceber a influência de um contexto mais geral dos debates da esquerda auxilia a pensar as possibilidades e questões vividas especificamente por ambas as organizações e a inscreve numa história maior, que pode-se considerar a da nova esquerda latino-americana.

Tristán se utiliza do termo nova esquerda para pensar as experiências das esquerdas latino-americanas desse período, que possuem como características a oposição aos partidos comunistas tradicionais e sua linha de ação e a defesa de novas formas de atuação em prol de uma transformação radical e socialista da sociedade. O termo também é utilizado para pensar as experiências que ocorreram na Europa e Estados Unidos, onde essas questões de nível mundial também estavam postas, principalmente a crítica à União Soviética e o surgimento de novos movimentos sociais e a mobilização de setores para além do proletariado tradicional. O historiador espanhol diferencia essa nova esquerda do Norte da nova esquerda latino-americana através do papel que a questão da violência teve para os grupos de esquerda daqui, fortemente influenciados pela experiência da Revolução Cubana. Tristán então argumenta que é a Revolução Cubana a “parteira” da nova esquerda latino-americana, e é através desse modelo de ação

revolucionária, postulado principalmente por Che Guevara, que muitos grupos e setores juvenis irão vivenciar o objetivo da revolução como realmente tangível e próximo; para o autor a relação com a Revolução Cubana e a questão da violência é o que permite definir a nova esquerda latino-americana como *esquerda revolucionária*.⁷⁹ Tendo a concordar com essa definição e ao discutir melhor tanto ALN quanto MLN-T creio que essa definição ficará mais clara.⁸⁰

A experiência das esquerdas no Uruguai convive com essas crises mais amplas das posições políticas soviéticas ao mesmo tempo em que se vê às voltas com uma aproximação com a América Latina, seja pelas crises políticas-sociais-econômicas vividas quanto pelas possíveis maneiras de superá-las. É nesse contexto de tentativas de superação de crise que muitas mudanças ocorrem nos movimentos sociais uruguaios, por exemplo o movimento sindical se unifica, construindo a *Convención Nacional de Trabajadores (CNT)* em 1966 e é também nesse período que o movimento do campo terá suas mais emblemáticas manifestações, com a formação da *Unión de Trabajadores Azucareros de Artigas (UTAA)* e as marchas dos *cañeros* até Montevideu em 1962, 1964, 1965 e 1968. Este último movimento estará intimamente ligado ao surgimento dos Tupamaros.

Assim como no Brasil, há no Uruguai uma crise em relação a esse novo contexto e as a linha política seguida pelo Partido Comunista. A visão stalinista da direção do partido não dava conta de resolver as contradições vividas pelos uruguaios nem de oferecer saídas realmente utilizáveis. Tristán afirma que o ano de 1962 havia terminado com uma grave crise nas esquerdas tradicionais, uma vez que muitos militantes iniciavam a questionar as linhas de ação de suas próprias organizações.

79 TRISTÁN, Eduardo Rey. *A la vuelta de la esquina...* op. cit., p. 41-63.

80 É necessário destacar que apesar dessa característica forte da esquerda latino-americana, a opção da luta armada não ficou restrita a essa região. Houveram organizações políticas que optaram por pegar em armas em diferentes contextos, nos Estados Unidos é importante destacar os Panteras Negras e o grupo *Wethermen Underground*, na Europa houveram diversos grupos como os que lutaram contra as ditaduras portuguesas e espanholas, as Brigadas Vermelhas na Itália, e outros grupos armados na França e Alemanha, além dos grupos nacionalistas como IRA e ETA. Além do caso estadunidenses e europeu é de grande importância destacar as lutas de libertação africanas, entre as quais os grupos armados de Angola e Moçambique. No entanto, é significativo que essas organizações, apesar de também optarem pela luta armada, têm características distintas das latino-americanas, e por isso não irei focar nesse contexto mais global.

“as acusavam de reformistas e eleitoreiras, de orientar seu trabalho para manutenção de um sistema em que o papel que haviam conquistado era totalmente marginal, e de deixar de lado o espírito revolucionário e o questionamento de desse sistema na busca de uma mudança profunda.”⁸¹ Para diversos autores este momento da história uruguaia foi visto como de intensa polarização, o que possibilitou o surgimento de alternativas mais radicais para resolver os problemas sociais postos no período. Aldo MArchesi e Jaime Yaffé, ao pesquisarem sobre a violência revolucionária no país na década de 1960 afirmam

El creciente anticomunismo de algunos sectores de los partidos tradicionales, (...) la creencia en la revolución continental impulsada por la Organización Latinoamericana de Solidaridad (OLAS) y por el ejemplo concreto de la acción revolucionaria emprendida por Ernesto Guevara, y la Doctrina de la Seguridad Nacional adoptada como propia por gran parte de los militares latinoamericanos, son sólo algunos ejemplos que muestran la manera en que los actores locales se apropiaron de discursos que circulaban a nivel transnacional, que en última instancia tenían que ver con la idea de que América Latina estaba viviendo un momento revolucionario que había que promover o contener, especialmente después de la revolución cubana.⁸²

Para diversos militantes de esquerda essa percepção de viver um momento revolucionário, em conjunto com as frustrações políticas implicadas no projeto de reforma política constitucional e nas eleições, alavancaram propostas cada vez mais radicalizadas. Entre os principais exemplos do período esteve as crises e rupturas dos partidos tradicionais de esquerda do país, o Partido Comunista (PCU) e o Partido Socialista (PS), além das mobilizações radicais da UTAA. Assim como no caso brasileiro, o PCU, em tese referendada no XVII Congresso do Partido em 1958, afirmava que “es posible conquistar el poder político por vías

81 TRISTÁN, Eduardo Rey. *A la vuelta de la esquina...* op. cit., p. 89-96.

82

60: conceptos y explicaciones. In: JORNADAS DE SOCIOLOGIA DE LA UNLP, 5, 2008, La Plata. *Anais...* La Plata: Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Departamento de Sociología, p. 12.

pacíficas y convertir ao parlamento en auténtico órgano ejecutor de la voluntad popular”⁸³, proposta que guiou a atuação do partido ao longo da década seguinte, afastando do partido grupos militantes mais radicalizados e críticos às vias eleitorais. Mesmo assim cabe destacar sua importância e crescimento significativos ao longo da década de 1960 até o golpe militar de 1973, tornando-se uma força dominante na esquerda uruguaia.

Já o Partido Socialista, fundado no início de século e próximo às sociais-democracias europeias, passou também por modificações, relacionadas principalmente com um processo de diminuição da influência de seu principal líder e fundados, Emílio Frugoni. Esse processo aproximou o partido de uma visão terceiomundista, influenciada por uma nova geração de militantes, como Vivian Trias e Raúl Sendic.⁸⁴ O segundo é particularmente significativo neste caso, uma vez que se tornou a principal liderança tupamara. Sendic foi militante do PS desde sua juventude, e após formar-se em Direito começou a advogar para movimentos sindicais, dando assim sua aproximação com os cañeros⁸⁵ do norte do país através da UTAA e tornando-se uma liderança política dos mesmos. Foi através de sua militância com os trabalhadores agrícolas e das mudanças de posições dentro do PS que Sendic foi radicalizando sua posição, compreendendo a via legal como estéril para a transformação revolucionária da sociedade.⁸⁶ De acordo com Tristán

El vínculo con el sindicalismo rural correspondió de inicio a otro joven militante socialista, Raúl Sendic, si bien ya de larga trayectoria. Su tarea en la creación del sindicato Unión de Trabajadores Azucareros de Artigas en torno a 1959-1960, así como las movilizaciones impulsadas por éste en su lucha por derechos sociales y laborales, sería a la larga una de las claves de la constitución del principal movimiento revolucionario armado en el Uruguay, el Movimiento de Liberación Nacional

83 ARISMENDI, RODNEY. *Informe de balance del Comité Central y resumen de la discusión, a cargo de*. XVII CONGRESO DEL PARTIDO COMUNISTA DE URUGUAY. Agosto, 1958.

84 TRISTÁN, Eduardo Rey. *A la vuelta de la esquina...* op. cit., p. 89-96.

85 Termo uruguaio para se referir aos trabalhadores agrícolas da cana-de-açúcar.

86 TRISTÁN, Eduardo Rey. *A la vuelta de la esquina...* op. cit., p. 89-96.

Tupamaros (MLN-T).⁸⁷

Foi dessa forma, princiamente fora dos âmbitos partidários, que, no início de 1963, o debate na esquerda uruguaia acontecia; apesar da participação destacada de militantes de organizações legais (e muitos que iniciavam sua separação, formal ou não, de diferentes partidos). No centro do debate estavam as questões comuns a boa parte da esquerda latino-americana, como a Revolução Cubana e a polêmica sino-soviética. Mas também problemas nacionais: a evolução da crise e da conflitividade social, especialmente após as MPS de fevereiro; as possibilidades revolucionárias ou a atitude frente a uma possível regressão política; e a colaboração com os trabalhadores de cana-de-açúcar. Durante vários meses a colaboração com os cañeros foi o catalizador de todos aqueles pequenos grupos que haviam se incidido desde o ano anterior da esquerda tradicional. No mesmo lugar em que se reuniam e discutiam com o resto da esquerda, e além da atividade militante de cada grupo e partido específico, esses grupos seguiram em contato para oferecer apoio aos cañeros e estudar o tipo de ações a realizar para conduzir este compromisso com os trabalhadores do norte.⁸⁸

Eram principalmente quatro núcleos que fazem parte dessas discussões: 1. Movimiento Revolucionario Oriental (MRO), organizado principalmente no bairro de La Teja, e que posteriormente se tornou Movimiento de apoyo al Campesinado (MAC); 2. Movimiento de Izquierda Revolucionario (MIR), partido comunista de orientação marxista-maoísta.; 3. Anarquistas da Federación Anarquista Uruguaya (FAU); 4. grupo ao redor de Sendic, principalmente com trabalhadores do norte e cañeros.⁸⁹ É através dessa coordenação de vários grupos e da necessidade de apoiar os *cañeros* em 1963 que se encaminhará para a necessidade de ações revolucionárias mais radicais e a necessidade de se armar. Dessa forma a primeira ação considerada de luta armada se dá

87 TRISTÁN, Eduardo Rey. La inmediatez de la revolución o la pasión como clave de participación política: los jóvenes uruguayos y la lucha armada en 1968. *Atlante Revue d'études romanes*, n. 4, 2016, p. 56-81.

88 Idem.

89 Sobre a gestão do MLN-T através do *Coordinador* ver os trabalhos de Tristán e Clara Aldrighi, *Acerca da história da militância anarquista uruguaia*, bastante significativa, ver, além Tristán, o trabalho de RUGAI, Ricardo Ramos. *Um partido anarquista: o anarquismo uruguaio e a trajetória da FAU*. São Paulo: Ascaso, 2012.

nesse contexto, antes mesmo da criação dos Tupamaros, e foi o assalto/expropriação ao Club de Tiro Suízo no departamento de Colonia em 13 de julho de 1963. Essa ação, que teve alguns problemas de execução, acabou por se tornar a referência para um compromisso realmente sério e revolucionário. Uma vez que implicou em começarem a se reunir formalmente e regularmente, nascendo assim o que seria chamado *Coordinador*, uma vez que não eram uma organização, mas uma coordenação de diferentes organizações para pensar ações conjuntas.

1.2 PENSANDO AS ESQUERDAS ARMADAS

Voltando à conjuntura brasileira, é necessário pensar criticamente a posição dos partidos de esquerda tradicionais para se compreender a formação dos grupos de esquerda armada no país, como foi o caso da ALN. Apesar de reconhecer as importantes contribuições do PCB para a esquerda brasileira e para a análise de nossa sociedade, não se deve negar ou esconder as falhas importantes que o partido cometeu nesse período, ao seguir fortemente a linha stalinista. Löwy argumenta que entre os partidos comunistas latino-americanos, o PCB foi o que provavelmente experienciou a crise mais profunda após a Revolução Cubana. Integrado ao regime populista do presidente João Goulart, o PCB foi surpreendido pelo golpe militar de abril de 1964. Contudo, ao contrário de outros PCs latino-americanos, como o guatemalteco, que emitiu uma autocrítica acerca de suas análises errôneas após a queda do presidente em 1954; o PCB, em resolução de 1965 do Comitê Central criticou a tendência “sectária e esquerdista” do partido durante 62-64, uma tendência que teria “afastado da frente única importantes setores da burguesia nacional”. Ou seja, apesar da derrota de 1964 a autocrítica do partido se voltou contra os setores mais radiciais da esquerda, mantendo noção stalinista de revolução por etapas ao invés de pensar as críticas vindas da esquerda em consonância com a experiência cubana, de que não é possível uma ligação com as oligarquias nacionais, uma vez que os grupos nacionais estão ligados ao capitalismo internacional.⁹⁰

Essa “autocrítica” do PCB, considerada direitista por alguns setores, provocou uma crise interna no partido que se aguçou com o impacto da primeira Conferência da *Organización Latinoamericana de Solidariedad* (OLAS). A Organização Latino-Americana de

90 LÖWY, Michael. *O marxismo na América Latina...* op. cit., p. 53.

Solidariedade foi criada em agosto de 1967 em Cuba, composta por diversos movimentos revolucionários e anti-imperialistas da América Latina que, em maior ou menor grau, compartilhavam as propostas estratégicas da Revolução Cubana. A reunião realizou-se em Havana, de 31 de julho a 10 de agosto de 1967, e contou com a participação de diversos militantes principalmente latino-americanos, de diferentes organizações e grupos políticos. entre eles uruguaios e brasileiros. Mais do que uma coordenação das guerrilhas latino-americanas (função que não conseguiu exercer realmente), a OLAS serviu como divulgadora das lutas por libertação na América Latina.

Após 1967 muitos militantes e alguns dos principais líderes deixaram o partido para fundar organizações de esquerda e engajar-se na luta armada. Foram diversos os grupos de esquerda armada brasileiros e latino-americanos, não cabe aqui falar exaustivamente sobre todos, mas para pensar melhor como esses grupos se dividiam e se organizavam é interessante pensar as características que dividem esses grupos, no caso são principalmente o caráter da revolução e as formas de tomada de poder.

No caso desta dissertação são analisados duas organizações políticas que possuem semelhanças teóricas nessas questões. Uma vez que ambas as organizações vislumbravam uma revolução nacionalista, antiimperialista e de caráter socialista como maneira de superar os problemas internos de cada país, afirmavam o caminho da luta armada para alavancar o processo revolucionário, valorização a ação revolucionária, eram críticos aos partidos tradicionais e influenciados pela visão foquista da guerrilha cubana. Também é significativo que ambas as organizações, apesar da aproximação com o método cubano e as teorias guevaristas desenvolveram uma proposta de guerrilha urbana, diferentemente de outros grupos armados.

1.2.1 ALN

A formação da Ação Libertadora Nacional se deu em um contexto de rachas internos do PCB, com a saída de dois dirigentes importantes e seu grupo de influência do partido. Estes fundaram o que inicialmente se chamou Agrupamento Comunista de São Paulo, esses dirigentes, que foram figuras importantíssimas na ALN eram Carlos Marighella e Joaquim Câmara Ferreira. Carlos Marighella vinha, desde 1965, tendo discordâncias dentro do PCB devido a linha política deste. Em 1966 publicou um artigo intitulado “A crise brasileira” onde criticava intensamente a crença na via eleitoral e “democrática” e a política de alianças com a burguesia. Procurava argumentar pela importância do

proletariado e dos camponeses para alcançar a revolução brasileira, que não seria conquistada por vias pacíficas.⁹¹ Essa posição entrava em choque com a direção do partido, o que levou Marighella a se demitir da Comissão Executiva Nacional do Partido. Na carta que expunha essas questões ele escreveu:

O centro de gravidade do trabalho executivo repousa em fazer reuniões, redigir notas políticas e elaborar informes. Não há assim ação planejada, a atividade não gira em torno da luta. Nos momentos excepcionais, o Partido inevitavelmente estará sem condutos para mover-se, não ouvirá a voz do comando, como já aconteceu em face da renúncia de Jânio e da deposição de Goulart.

Solicitando demissão da atual Executiva — como o faço aqui —, desejo tornar público que minha disposição é lutar revolucionariamente junto com as massas e jamais ficar à espera das regras do jogo político burocrático e convencional que impera na liderança.⁹²

Apesar desse desligamento Marighella se manteve no comitê estadual de São Paulo, o qual possuía forte influência de suas posições políticas. A crise irá se agudizar no ano seguinte, quando as teses expostas por ele vencem na Conferência Estadual de São Paulo por larga maioria e podem vir a vencer no VI Congresso Nacional do Partido. A direção do PCB inicia um processo de intervenção nos comitês estaduais ao mesmo tempo em que proíbe Marighella de ir à Cuba para a primeira conferência da Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS).

Essa grave crise aponta também para o estreitamento de Marighella com as ideias de Che Guevara e da Revolução Cubana, através de uma nova concepção de revolução para os países subdesenvolvidos da América Latina através da guerra de guerrilhas. Marighella, contrariando o PCB, estava em Cuba para a OLAS, de onde tomou conhecimento da morte de Che Guevara na Bolívia e estreitou

91 MARIGHELLA, Carlos. A crise brasileira. 1966. In: *Escritos de Carlos Marighella*. São Paulo: Livramento, 1979, p. 49-88,

92 MARIGHELLA, Carlos. Carta à Comissão Executiva do Partido Comunista Brasileiro. 1 dez. 1966. In: *Escritos de Carlos Marighella... op. cit.* p. 89-98,

ainda mais sua concepção de revolução com a proposta cubana. Foi nesse contexto que o comunista escreveu o texto “Algumas questões sobre as guerrilhas no Brasil”, ainda em Havana. Nesse texto ele deixava claro sua filiação a proposição da guerra de guerrilhas e da via armada como estratégia para a revolução brasileira.

Quando se desencadeou o golpe de abril de 64, no Brasil, não houve resistência. O imperialismo norte-americano e os "gorilas" nacionais se aproveitaram disso e estão massacrando o nosso povo. Se fizermos a resistência, eles tentarão aniquilá-la, para que tenha prosseguimento a exploração do Brasil. Mas a resistência deve ser feita. A resistência do povo brasileiro é a guerrilha.

A guerrilha é para defender a causa dos pobres, dos humilhados e ofendidos, dos homens e mulheres de pés descalços. É para conquistar a libertação do Brasil, expulsar o imperialismo norte-americano, aniquilar a ditadura e suas forças armadas, derrubar seu poder, e instaurar o poder do povo.

Nossa guerrilha não tem base fixa. Sua base é o povo, é o homem brasileiro. Seu principal sustentáculo é o núcleo operário-camponês, a aliança armada de operários e camponeses brasileiros, que constituem a maioria da nação.

(...)

O fator decisivo da vitória da guerrilha está no apoio do povo, na confiança cega e absoluta nas massas. A guerrilha deve fazer a mobilização política do povo, uma ardente agitação no meio dele. Nos ombros de milhões de mulheres e homens do povo, particularmente entre a juventude, devem ser colocadas as tarefas de responsabilidade: coletar fundos, conseguir armas, munições, remédios, recursos de toda natureza, enviar combatentes e voluntários à guerrilha.

Para vencer é preciso unidade. O povo deve unir-se pela base, em suas organizações, e com isto chegar à unidade das forças populares e revolucionárias e jamais permitir o engodo das frentes burguesas do tipo "frente ampla".

O segredo da vitória é o povo. [grifos meus]⁹³

Essa declaração, além de selar um compromisso com a via guerrilheira, também foi um esforço de pensar as características próprias da luta armada no Brasil, não apenas enquanto cópia da teoria do foco guerrilheiro. Também é interessante perceber que já há uma valorização das pessoas jovens, ao afirmar que a responsabilidade pelas tarefas guerrilheiras devem estar *particularmente entre a juventude*. Questão significativa, uma vez que apesar de defender que é a aliança proletário-camponesa a principal força que deve construir o exército revolucionário, a juventude já é colocada como um grupo com valor específico.

Após o Congresso da OLAS a crise no Partido Comunista realmente tomou seus principais desfechos, com a expulsão de Marighella, Joaquim Câmara Ferreira, Mário Alves, Jacob Gorender, Miguel Batista, Manuel Jover Teles e Apolônio de Carvalho. Além disso foram afastados diversos dirigentes intermediários e delegados eleitos para o VI Congresso do partido, que iria ocorrer em dezembro daquele ano, e alguns comitês estaduais foram colocados sob intervenção.⁹⁴ Desses dirigentes expulsos, vários irão organizar novos grupos revolucionários, que apesar de próximos irão divergir em algumas aspectos, como é o caso de Mário Alves, Jacob Gorender, Manuel Jover Teles e Apolônio de Carvalho que fundaram o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), enquanto Carlos Marighella e Joaquim Câmara Ferreira, próximos do grupo comunista de São Paulo - ao contrário do PCBR mais ligado aos comunistas do Rio de Janeiro - organizou o que depois seria denominado ALN, Ação Libertadora Nacional. A principal diferença entre os dois grupos era que o PCBR defendia a manutenção de uma estrutura partidária de apoio à guerrilha aos moldes do PC, ao contrário da ALN. É importante destacar que além dessas figuras, nomeadas por serem dirigentes e importantes também na produção teórica desses grupos, muitas outras pessoas ligadas ao partido comunista os seguiram nestas novas organizações, principalmente entre

93 MARIGHELLA, Carlos. Algumas questões sobre as guerrilhas no Brasil. Havana, out. 1967. Publicado no Brasil no Jornal do Brasil em 5 set. 1968. In: *Escritos de Carlos Marighella*. São Paulo: Livramento, 1979, p. 129-130.

94 ABREU, Alzira Alves. Ação Libertadora Nacional (ALN). In: *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV CPDOC, 2001.

as camadas mais jovens próximas ao partido.⁹⁵

O surgimento do que viria a ser a ALN se dá então pelo documento intitulado “Pronunciamento do Agrupamento Comunista de São Paulo”, em fevereiro de 1968. Nesse documento, que é a base da proposta da ALN o agrupamento deixa claro uma das propostas do que virá a estar no nome da organização: a *ação*. Para o grupo revolucionário mais importante do que os debates, os documentos programáticos, a estrutura partidária, o importante é agir revolucionariamente. E agir, nesse caso, é através da luta armada, a ação revolucionária por excelência. No documento é mostrado qual o perfil dos membros e qual os princípios dessa nova organização:

Os membros desta organização são homens e mulheres decididos a fazer a revolução. Os comunistas de tal organização são companheiros e companheiras de espírito de iniciativa, livres de qualquer espírito burocrático e rotineiro, que não esperam pelos chamados assistentes, nem ficam de braços cruzados aguardando ordens.

(...)

Os princípios pelos quais se rege esta organização são três: o primeiro é que o dever de todo revolucionário é fazer a revolução; o segundo é que não pedimos licença para praticar atos revolucionários e o terceiro é que só temos compromissos com a revolução. [grifos meus]⁹⁶

É interessante perceber no discurso da organização um certo despojamento, seja no perfil de seus militantes seja no modo de escrever esse pronunciamento. A ideia de despreendimento das normas burocráticas e um elogio a iniciativa rebelde aparece no texto do documento, onde não só aparece o lema de Che Guevara, de que o dever de todo revolucionário é fazer a revolução, como há a insinuação de uma rebeldia a afirmar que não pedem licença para praticar atos revolucionários. Pedir licença a quem? Provavelmente essa questão se refere às polêmicas com o Comitê Central do PC, mas é possível analisar esse discurso de maneira mais subjetiva. Pedir licença é

95 ABREU, Alzira Alves. Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR). In: *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro...* op. cit.

96 AGRUPAMENTO COMUNISTA DE SÃO PAULO. Pronunciamento do Agrupamento Comunista de São Paulo. São Paulo, fev. 1968. In: *Escritos de Carlos Marighella...* op. cit. p. 133-134.

considerado uma questão de bons modos, de ser uma pessoa bem educada, uma norma social. Assim, negar essa necessidade se revela enquanto uma pequena audácia, uma rebeldia que pode ser lida como uma questão jovem, uma vez que a juventude é vista como o tempo de questionar normas sociais.

Dessa forma o que viria a ser a ALN surge “dessa rebeldia e dessa resistência”,⁹⁷ e passa a fazer ações armadas urbanas de “expropriação”, a fim de angariar recursos para deflagrar a almejada guerrilha rural, o que acabou não se concretizando. A organização era uma espécie de federação de grupos armados, com amplo grau de autonomia, e que apesar de minimamente coordenados por Marighella e Joaquim Câmara Ferreira, seus membros possuíam liberdade para organizar e realizar ações independentemente. A ALN defendia como estratégia para alcançar a revolução brasileira que caberia ao proletariado e ao campesinato liderarem o processo de guerra revolucionária desencadeado pela vanguarda dos grupos armados revolucionários no país e, concordando com Marcelo Ridenti, considero que foi o grupo de guerrilha urbana mais significativo pela ousadia, número de integrantes e de ações armadas.⁹⁸

É necessário também atentar à composição social desses grupos armados. A análise de dados mais completa me parece ser ainda a de Ridenti, com base nos documentos do Brasil Nunca Mais, o autor calcula que 51,76% dos processados por serem simpatizantes ou militantes de organizações de esquerda armada tinham menos de 25 anos de idade, e se elevarmos esse número até 30 anos, a porcentagem sobre para 75,33%, especificamente sobre a ALN os números são de 53,3% até 25 anos.⁹⁹

É também significativa a participação das mulheres, principalmente nos grupos armados. Ridenti traz dados interessantes, mostrando que o percentual de mulheres na guerrilha, de 18,3%, era próximo do percentual de mulheres economicamente ativas no Brasil em

97 “Dessa rebeldia e dessa resistência surgiu um pequeno centro de coordenação que já existe em função da guerrilha. Dessa rebeldia e dessa resistência também estão surgindo grupos revolucionários.” Idem.

98 RIDENTI, Marcelo. Esquerdas revolucionárias nos anos 1960-1970. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *Revolução e Democracia* (1964-...). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (Coleção As Esquerdas no Brasil, 3), p. 37.

99 RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: EdUNESP, 1993.

1970. Em relação a ALN os dados são semelhantes, 15,4% dos processados judicialmente por integrarem a ALN eram mulheres, e em relação a suas atividades, um terço eram estudantes.¹⁰⁰ As fontes utilizadas por Ridenti para chegar a esses dados foram fartas, pautando-se principalmente nos processos coletados pelo Projeto Brasil: Nunca Mais. Essa questão é importante destacar, pois apesar de trazer um panorama interessante sobre a composição social dessas organizações, é importante ter em conta que não é baseada na totalidade de seus militantes, mas sim no número de atingidos pela repressão. Além disso, apesar de para questões de apontamentos haver a separação entre mulheres, pessoas jovens e estudantes, tenho em conta que essas divisões não são estanques, uma vez que muitos sujeitos militantes transitaram por essas diferentes categorias. Cristina Scheibe Wolff ao analisar questões de gênero na luta armada afirma que

Se tomamos por base as pessoas que fazem parte do Dossiê dos Mortos e Desaparecidos na Ditadura, podemos dizer que em termos de origem social dos guerrilheiros e guerrilheiras havia entre os militantes efetivamente um grande contingente de estudantes universitários, mas também um grande número de trabalhadores urbanos: operários, comerciários, bancários, entre outros. Muitas vezes uma mesma pessoa era estudante e comerciário, por exemplo, como costuma acontecer no Brasil. No caso das mulheres isto se acentua, pois se tomarmos as biografias descritas nos dossiês, o seu envolvimento político teria duas principais “origens”: o movimento estudantil, tanto no caso das estudantes como das profissionais liberais que iniciaram este envolvimento na universidade, ou os relacionamentos afetivos com militantes.¹⁰¹

Dessa forma podemos perceber que tanto pessoas jovens - de ambos os gêneros - quanto mulheres - de diferentes idades - foram importantes não apenas no discurso da organização, mas também

¹⁰⁰ Idem.

¹⁰¹ WOLFF, Cristina Scheibe. *Jogos de gênero na luta da esquerda armada no Brasil; 1968-1974*. In: WOLFF, Cristina Scheibe, FÁVERI, Marlene de; RAMOS, Tânia Regina Oliveira Ramos. *Leituras em rede: gênero e preconceito*. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2007, p. 100-101.

integraram sua fileiras. A relação entre juventude e grupos armados é simbólica e material, uma vez que envolve discursos sobre o que seria ser jovem e envolve a participação de pessoas jovens, já que mais da metade dos militantes da organização possuíam menos de 25 anos. Essa relação entre simbólico e material intensifica o debate sobre o que é um jovem para a organização, e de certa forma possibilita uma naturalização, pois acaba colando as questões simbólicas a uma essência etária. Assim, as relações com jovens presentes nos discursos da ALN, são pautadas por essa questão dentro da organização, e pensando que essas pessoas jovens são mulheres e homens, são pautadas também por questões de gênero, ou como afirma Wolff, “são ao mesmo tempo construídas *a partir* de representações de gênero e constituidoras de relações de gênero”¹⁰².

1.2.2 MLN-T

O surgimento do Movimiento de Liberación Nacional - Tupamaros surge a partir da experiência do chamado Coordinador, um agrupamento de militantes de diferentes organizações da esquerda uruguaia e independentes que se formou entre 1962 e 1963.¹⁰³ Esse grupo se reunia tanto para debater questões comuns às esquerdas latino-americanas como questões específicas uruguaias, principalmente as possibilidades revolucionárias e a colaboração com os *cañeros*. Segundo Tristán, durante vários meses a colaboração com os trabalhadores de cana-de-açúcar foi o catalizador desse grupo, que buscou estar em contato para oferecer apoio e estudar as possibilidades de ações a realizar para selar esse compromisso com os trabalhadores.¹⁰⁴ Para Aldrighi o propósito do grupo era começar a transitar o caminho da luta armada com objetivos revolucionários, apesar de não intentar desatá-la

102 Ibidem, p. 98.

103 As datas entram em conflito segundos os autores. Tristán afirma pela formação do Coordinador no início de 1963 (P. 96-97), Aldrighi refere-se à maio de 1962 (p. 244-246), citando informações do livro de Fernández Huidobro (HUIDOBRO, Eleuterio Fernández. *Historia de los tupamaros*. Montevideo: Banda Oriental, 2001, (Los orígenes, v.1), p. 23, 90-92.) . Talvez a diferença se dê por inicialmente os grupo se reunir e só algum tempo depois se autodenominar *Coordinador*, de qualquer forma creio que não influêncie de sobremaneira a discussão aqui posta essa pequena diferença de datas.

104 TRISTÁN, Eduardo Rey. *A la vuelta de la esquina...* op. cit., p. 97-120.

naquele momento. Inicialmente impulsionariam a combatividade das lutas de massas com ações diretas radicais, oporiam resistência à grupos violentos de extrema direita e adquiririam experiência para resistir a um possível golpe de Estado.¹⁰⁵

Fazia parte dessa experiência diversos grupos políticos e militantes independentes. Os principais grupos eram: anarquistas da FAU (Federación Anarquista Uruguay) e de outros grupos libertários menores; maoístas provenientes principalmente da juventude do MRO (Movimiento Revolucionario Oriental) e do MIR (Movimiento Izquierda Revolucionaria); trabalhadores rurais organizados por Raúl Sendic, onde se encontravam *cañeros* da UTAA e outros; e militantes do PS (Partido Socialista). Entre 1963 e 1965 o *Coordinador* empreendeu uma série de ações audaciosas e exemplares, e, de acordo com Aldrighi, já em 1964 algumas dessas ações começaram a ser assinadas por “Tupamaros” em panfletos ou pintadas em muros da capital.¹⁰⁶

No ano de 1964 se processou um intenso debate político entre os grupos que faziam parte do *Coordinador*, apurando e diferenciando posições, e em maio de 1965 se deu por concluída essa experiência.¹⁰⁷ Entre 1965 e 1966¹⁰⁸ o Movimiento de Liberación Nacional - Tupamaros nasceu, ainda sem nome, como uma nova organização resultado dessa experiência e com cerca de dois terços de seus integrantes. Com exceção dos anarquistas da FAU, que decidiram não ingressar na nova organização, os outros grupos que formavam o *Coordinador* estavam na fundação do MLN-T como organização política autônoma.

O MLN-T iniciou como uma organização reduzida, clandestina, estururada em células compartimentadas e que possuía duas direções

105 ALDRIGHI, Clara. El Movimiento de Liberación Nacional Tupamaros (1965-1975): estructura interna, fases de desarrollo y política de alianzas. In: POZZI, Pablo A.; PÉREZ, Claudio. *Por el camino del Che: las guerrillas latinoamericanas 1959-1990*. Buenos Aires: Imago Mundi, 2011, p. 244-247.

106 Idem.

107 Fica o questionamento se a emergência desses debates se deu relacionada com o contexto político do país vizinho, com o golpe militar no Brasil em abril daquele ano. Essa é uma questão pertinente para futuras pesquisas.

108 Também há uma divergência de datas no surgimento do MLN, assim como em relação ao *Coordinador*, entre os autores, por isso a escolha, novamente, de não citar uma data específica. Para Tristán o MLN surge em janeiro de 1966, para Aldrighi em agosto de 1965.

coletivas intermediárias, uma política e outra militar. Foi aprovado um Estatuto e eleito um Comitê Executivo, do qual faziam parte Sendic, Tabaré Rivero, Eleuterio Fernández Huidobro e Antonio Saraiva. A proposta da organização nesse momento era consolidar uma estrutura clandestina, obter materiais necessários (armas, materiais para documentação falsa, dinheiro e locais) e aperfeiçoar política e militarmente seu pequeno número de militantes. No seu primeiro documento conceitual, em 1967, onde afirmava suas opções políticas e teóricas e a análise para alcançar a revolução no país afirmava:

Entendemos que es necesario para las organizaciones revolucionarias rebasar el marco de los manifiestos, de las declaraciones, de los enunciados teóricos referentes a la revolución, etc. comprendiendo que son fundamentales las acciones revolucionarias, las que precipitan las condiciones revolucionarias.

(...)

La tarea principal es desarrollar el aparato armado, crear la infraestructura de apoyo, capacitar y probar su organización de combate, desarrollar los servicios fundamentales. Implica acciones de pertrechamiento, ejercitación, propaganda (destinada a ganar apoyo de la población, fundamentalmente de sus contingentes más combativos), acompañamiento, apoyo y radicalización de la lucha de clases (con los mismos objetivos, y para la creación de condiciones subjetivas). Al procesar hechos que violentan la legalidad burguesa se genera conciencia, se organiza el aparato, se consolidan y desarrollan las condiciones que posibilitan la creación del movimiento político que debe rodear al aparato armado y que es su brazo semilegal.¹⁰⁹

É possível perceber semelhanças com texto da ALN, onde também se afirma a crítica aos debates da esquerda e um apelo à ação revolucionária. Apesar disso é importante destacar que os Tupamaros foram um grupo guerrilheiro muito maior e mais organizado que a ALN. Nos primeiros momentos o crescimento da militância não foi um

¹⁰⁹ MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL - TUPAMAROS. Documento nº 1. Uruguay, 1967.

objetivo prioritário, tanto que se deu de forma natural, na medida em que as relações anteriores com militantes políticos e sindicais se aprofundava. Também era importante destacar que o recrutamento passou a ser individual, não se admitiam mais subgrupos como os que iniciaram a organização.

Interessante destacar que em dezembro de 1966 o MLN-T sofreu um enfrentamento armado com a polícia nas ruas de Montevideú, que além de contar com duas mortes de militantes, tornou a organização conhecida do Estado. Clara Aldrighi, que divide a história da organização em quatro fases, considera esse fato o início de uma segunda fase da organização, após o primeiro momento de organização e preparação citado anteriormente.¹¹⁰ Foi um momento importante uma vez que os Tupamaros foram postos a prova e conseguiram superar um forte ataque repressivo. Nesta etapa se realizam ações de propaganda armada e operações demonstrativas para despertar a simpatia ou adesão da população, e esse acontecimento também significou que a organização se tornava pública, o que permitiu uma maior relação com setores e militantes da esquerda que antes não estavam em contato.

Foi nesse momento que a organização entrou em contato de forma mais aberta com grupos radicais do movimento estudantil. A consequência será a chegada do primeiro contingente de estudantes ao MLN-T, grupo que desde 1969 será dominante nas fileiras da organização. Especificamente sobre as características sociais da militância tupamara, Tristán contabiliza algumas estatísticas com bases nos dados por ele e outros estudiosos contabilizados acerca das ocupações de militantes tupamaros. Apesar de não serem dados sobre a idade dos integrantes, pode-se supor a faixa etária ao levar em conta a quantidade de estudantes que participaram da Organização. A partir de 1968 a quantidade de estudantes gira em torno de 20 e 44% de acordo com diferentes bases de dados.¹¹¹ Tristán afirma que o aumento do

110 ALDRIGHI, Clara. *La izquierda armada: ideología, ética e identidad en el MLN-Tupamaros*. Montevideo: Trilce, 2001.

111 Os dados são de Tristán, que computou 20% identificados enquanto estudantes, sua base de informação foram a imprensa e demais fontes consultadas, contabilizando 109 militantes, desses 66 sem identificação. Arocena contabiliza 39% de estudantes entre os detidos antes de 1973, com base nos registros da *Federación de Religiosos Uruguayos* e D'Oliveira que calculou 30,4% de estudantes em 1969 e 44,1% de estudantes em 1972 a partir de diferentes critérios a cada ano. (TRISTÁN, Eduardo Rey. *A la vuelta de la esquina: la izquierda revolucionaria uruguaya 1955-1973*.

número de estudantes que integram as fileiras tupamaras toma grandes proporções a partir desta data devido a explosão do movimento estudantil, o recrudescimento do governo com as Medidas Prontas de Seguridad (MPS)¹¹² e as primeiras mortes de estudantes em manifestações.¹¹³

O MLN também foi uma organização que se preocupou intensamente com a formação de seus militantes, tanto em aspectos objetivos (capacidade militar, conhecimento teórico) como subjetivos (disciplina, sanidade). E isso é demonstrado em alguns dos discursos de seus documentos como o que reproduzo abaixo:

EL MLN NO ES UN ORGANISMO ACABADO Y ESTÁTICO:

Es dinámico, es además una escuela donde todos nos autoformamos para la lucha y la nueva sociedad. Provenimos de una sociedad determinada y por lo tanto traemos de ella grandes deformaciones, toda una ideología. Dentro del Movimiento debe haber una constante lucha contra esa deformación, tendiente a ir creando el hombre del mañana en cada compañero.

Esa lucha se inicia hoy en las organizaciones revolucionarias para continuarla mañana en la sociedad socialista.

Esa lucha es en pureza de verdad, la forma más alta de la lucha de clases. Todas las ideas, todos los esquemas mentales (que se trasuntan en hechos) que arrastramos de la vieja sociedad deben ser combatidos y derrotados por cada uno de nosotros en nosotros mismos y en los demás compañeros para que triunfen las ideas socialistas. [grifos meus]¹¹⁴

Montevideo: Fin de Siglo, 2006.)

112 Medidas Prontas de Seguridad, sua implantação em 13 de junho é o início do que se considera o Pachecato, a escalada autoritária do governo de Pacheco Areco (1968-1973) marcada pela utilização indiscriminada das MPS, expressão da autonomia do Poder Executivo diante dos demais poderes e sociedade civil. (PADRÓS, Enrique Serra. *Como el Uruguay no hay...* Terror de Estado e Segurança Nacional Uruguai (1968-1985): do Pachecato à ditadura civil-militar. Tese (Doutorado) – UFRGS, Porto Alegre, 2005, p.272-281.)

113 TRISTÁN, Eduardo Rey. *A la vuelta de la esquina...* op. cit., p. 128.

114 MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL - TUPAMAROS.

Nesse documento, escrito em 1968, momento de grande crescimento da organização, pode-se perceber essa preocupação com o sujeito revolucionário, com o indivíduo mesmo. A questão que fica, para além de apontar para as deformações atuais individuais, uma vez que se vive em uma sociedade deformada pelo capitalismo, é pensar qual é esse *homem de amanhã*? Essa é a questão que será discutida no próximo capítulo. Uma vez que já aponta para algo importante a se analisar: se é o homem de amanhã, onde cabe as mulheres da organização?

CAPÍTULO 2 - “HOMEM NOVO”: MASCULINIDADE E JUVENTUDE

*Lo haremos tú y yo,
Nosotros lo haremos,
Tomemos la arcilla
Para el hombre nuevo.*

*Por brazo, un fusil;
Por luz, la mirada,
Y junto a la idea
Una bala asomada.*

*Y donde el amor,
Un grito escondido,
Millones de oídos
Serán receptivos.*

*Su grito será
De guerra y victoria,
Como un tableteo
Que anuncia la gloria.*

*Y por corazón
A ese hombre daremos
El del guerrillero
Que todos sabemos.*

(Canción del Hombre Nuevo. Daniel Viglietti 15. 1968.)

Pensei muitas vezes sobre como iniciar a discussão sobre como juventude e gênero se relacionam nas organizações de luta armada analisadas nesta dissertação. Como conseguir relacionar tantos aspectos variados que se entrelaçavam nessa temática? Apesar do capítulo anterior que inicia a abordagem sobre essas diferentes questões, pensava

115 Daniel Viglietti (1939-2017) foi um poeta e cantor uruguaio e um dos principais expoentes da música popular uruguaia e da canção política latino-americana. Sua presença nessa dissertação é subjetiva: tanto foi uma importante presença nas horas de escrita e fichamento de fontes através de sua música e poesia, quanto uma referência para pensar que o contexto e os debates realizados pelas esquerdas armadas extrapolavam os espaços das organizações.

que precisava de um ponto específico para construir a narrativa desse segundo capítulo. Minha maneira de construir esse capítulo foi trazer os elementos que eu acreditava serem simbolicamente mais intensos para a pesquisa. Se a importância dos discursos acontece também por formar uma subjetividade específica, quais imagens eu sentia que eram importantes para pensar a construção de um sujeito revolucionário para a ALN e MLN-T e que envolviam gênero e juventude?

Foi nesse contexto subjetivo da esquerda latino-americana, da qual me sinto fazendo parte atualmente, que busquei as referências mais amplas. E acredito que foi nesse reconhecimento de certas imagens ainda hoje comumente compartilhadas que encontrei a figura que serve de eixo para pensar as questões desse capítulo: Ernesto Che Guevara. Esse capítulo procura percorrer questões sobre a construção de um ideal de sujeito revolucionário e como essa questão é articulada com gênero e juventude. O caminho que construí foi através da principal figura de revolucionário do período para a esquerda latino-americana, e como questões sobre juventude e gênero se articulam. Assim, o texto a seguir articulará as categorias juventude, masculinidade e virilidade, e terá como eixo para refletir sobre essas questões a figura de Che, tanto a partir de sua imagem como de seus escritos, e também como essas questões fora pensadas nas organizações armadas MLN-T e ALN.

2.1 CHE GUEVARA

Ernesto Che Guevara é muitas coisas, e aqui minha intenção não é analisá-las todas, mas reconhecer que seu apelo simbólico e subjetivo, ainda hoje tão forte, é um marco importante para pensar o que foi intentar ser um revolucionário nas décadas de 1960 e 1970. Dessa maneira, a figura dele se torna central para pensar o engajamento político de milhares de pessoas com as guerrilhas latino-americanas. Os significados de Ernesto Che Guevara para os diferentes grupos políticos e militantes envolvem muitas facetas, não só sua imagem de guerrilheiro humano, não apenas seu pensamento teórico sobre a revolução e o socialismo, não apenas sua estratégia militar.

Che Guevara condensa em sua história muitos dos aspectos que serão centrais para as organizações de esquerda: a Revolução Cubana, a luta armada, a opção latino-americana, a ideia de homem novo e de guerrilheiro. A intenção aqui não é fazer uma biografia, mas falar sobre aspectos de sua vida e suas ideias, e especialmente seu significado político, ajudam a compreender o contexto político que jovens militantes dos anos 60 e 70 estavam inseridos. Dessa forma a

música/poema que inicia esse capítulo me parece sucinto de uma visão que serviu de modelo de revolucionário para organizações e militantes como os do MLN e ALN.

Michel Löwy afirma que, para Che, o marxismo autêntico não rejeita o humanismo, ambos se integram numa mesma visão de mundo.¹¹⁶ Essa ideia de marxismo, profundamente humana e centrada na ação das pessoas, pautará sua teoria revolucionária. A atuação das pessoas pode acelerar o processo histórico revolucionário, a ação dos revolucionários, enquanto vanguarda, pode forçar a “marcha dos acontecimentos dentro dos limites do objetivamente possível”.¹¹⁷

Se é ação das pessoas é essencial para se atingir um processo revolucionário, há então um dever moral naqueles que se veem, que procuram ser, revolucionários. O que é ser revolucionário? Sendo revolução a mudança radical nas estruturas da sociedade, revolucionários são as pessoas que trabalham em prol de uma mudança radical.

A ideia de revolução é moderna, remete à Revolução Francesa. Sergio Luzzatto aponta que a ideia de geração e juventude também se constrói nesse momento.

Os jovens contra os velhos: foi muito presente, durante o século XIX, a tentação de sublinhar as razões dos movimentos de protesto ou de lamentar seus erros, tendo por base considerações de ordem geracional. À primeira vista, tentação paradoxal: no momento em que a juventude perdeu o papel culturalmente reconhecível e socialmente coesivo, que mantivera na economia da sociedade tradicional, ela se tornou objeto de reivindicação e de denúncia política. Observando melhor, tentação conseqüente: no “novo regime” que o decênio revolucionários e os quinze anos napoleônicos entregaram à posteridade, no século da “descoberta” da família, torna-se ainda mais urgente definir segundo novas fórmulas os respectivos papéis da juventude, da maturidade e da velhice; (...) De qualquer modo, a tentação de louvar ou de mascarar, nos momentos de crise e

116 LÖWY, Michel. *O pensamento de Che Guevara*. São Paulo: Expressão Popular, 1999, p. 29.

117 GUEVARA, Che. *Textos Políticos*. p. 195 *apud* LÖWY, Michel. *O pensamento de Che Guevara... op. cit.*, p. 36.

de ruptura, a inevitável intromissão da juventude está bastante presente na cultura política do século XIX, e merece ser levada em consideração pelo historiador.¹¹⁸

Parece-me que a opção de questionar a juventude nos momentos de crise será uma constante também nas décadas de 1960 e 1970. Dessa maneira duas questões importantes e que apesar de não serem obrigatoriamente ligadas, se tornam temas de debates em conjunto, em que uma influencia a outra. Revolução e juventude, ligadas de alguma maneira pela ideia dos jovens como rebeldes, contestadores, radicais.

Essa ideia se construirá com força também a partir das imagens de jovens lutando pela revolução e obtendo sucesso. Luzzato aponta para essa relação entre juventude e revolta no século XIX, o autor afirma que apesar dos atores sociais não serem necessariamente jovens, como apontam os estudos mais rigorosos, que demonstram que os não eram tão jovens nem os revolucionários na Paris de 1830 e que em 1848 os jovens serviram muito melhor à causa da ordem que à causa revolucionária. No entanto, já nesse momento “a juventude assusta”.¹¹⁹

Para o autor, mais do que “presença real” dos jovens, ele procurou tratar da sua “presença presumível”, de como ideias de juventude foram agenciadas por revolucionários, mesmo eles não sendo mais jovens, e como seus adversários políticos sentiram esse embate como um embate de geração.¹²⁰ Curioso perceber como na metade do século XX essa juventude assustará ainda mais. Agora não é apenas a ideia e o simbolismo da juventude que espreita o poder, mas pessoas jovens materialmente tomando o poder, construindo algo novo a partir das ruínas de um mundo velho de pessoas velhas.

Esse é um dos impactos da Revolução Cubana, quando um grupo de jovens que iniciou a guerrilha em 1956 toma o poder em 1959. Fidel Castro tinha apenas 32 anos e Che Guevara 30 anos. Hobsbawm aponta o impacto que pessoas tão jovens tomando o poder tiveram, no contexto de um mundo governado por uma gerontocracia, mesmo nos países comunistas e nos recentes Estados pós-coloniais.¹²¹ Dessa maneira os

118 LUZZATTO, Sergio. Jovens rebeldes e revolucionários: 1789-1917. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Claude. *História dos Jovens*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Vol. 2. p. 196.

119 Idem.

120 Ibidem, p. 197-198.

121 HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991*. São

exemplos dos líderes guerrilheiros tem força de realidade, ao alcançarem ainda jovens o sucesso da revolução e afirmar o caminho que se deve tomar: que os revolucionários façam a revolução.

No discurso de encerramento da Organización Latinoamericana de Solidariedad (OLAS), em 1967 em Havana, Fidel afirmava, ao criticar os teóricos de esquerda que não fazem muito mais que engessar o marxismo em fórmulas prontas:

Claro que a juicio de algunos de estos “ilustres pensadores revolucionarios” nosotros no somos más que unos pequeño-burgueses aventureros y sin madurez revolucionaria. ¡Menos mal que llegó la revolución primero que la madurez! (APLAUSOS) Porque al fin y al cabo los maduros, los supermaduros, se han madurado tanto que se han podrido (APLAUSOS).¹²²

A Revolução Cubana é símbolo da possibilidade da ação revolucionária bem sucedida, mesmo ainda jovem. Mais do que isso, é símbolo dessa ação vitoriosa e sendo positivada pela sua juventude: mais importante a revolução do que a maturidade. Essa positivação da juventude revolucionária será um exemplo de como os jovens do período pautaram sua militância. Um espelho para moldarem sua militância e um discurso guia para construir suas atuações. Não pretendo fazer uma reflexão extensa sobre a Revolução Cubana nesta dissertação, mas algumas questões podem ser importantes de serem frisadas. O processo histórico que culminou com a vitória da Revolução em Cuba foi relativamente curto, o assalto fracassado ao Quartel Moncada se deu em 26 de julho de 1953, no ano seguinte os sobreviventes exilados fundaram o Movimiento Revolucionario 26 de Julio (MR 26 Julho), em 1956 iniciaram a Guerrilha em Sierra Maestra e em 1º de janeiro de 1959 a revolução era vitoriosa tomando o poder e derrubando a ditadura de Fulgêncio Batista. Além disso, a Revolução Cubana, luta iniciada como democrática e de libertação nacional, rapidamente se desenvolveu nos primeiros anos de novo governo rumo ao socialismo, uma vez que as medidas nacionalistas como reforma agrária radical, desapropriação

Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 319.

122 CASTRO, Fidel. Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer secretario del comite central del Partido Comunista de Cuba y primer ministro del Gobierno Revolucionario, en la clausura de la primera conferencia de la Organización Latinoamericana de Solidariedad (OLAS), celebrada en el teatro “Chaplin”, el 10 de agosto de 1967.

das refinarias estrangeiras de petróleo tiveram forte oposição da burguesia nacional e internacional. Questão que forçou ainda mais a radicalização das medidas, com a desapropriação dos principais setores de capital estadunidense na ilha e a desapropriação de toda a grande burguesia e abolição *de facto* do capitalismo em Cuba em outubro de 1960, com a criação de um novo Estado e milícias de camponeses e operários.¹²³ Em dezembro de 1961 Fidel Castro concluiu: “Tivemos de fazer uma revolução anti-imperialista e socialista. Mas estas duas são uma só e a mesma, porque existe apenas uma revolução. Essa é a grande verdade dialética da humanidade: o imperialismo só tem diante de si o socialismo.”¹²⁴

Não foi apenas a rapidez e o sucesso da Revolução Cubana e o uso da tática de Guerra de Guerrilhas, mas também a transição ao socialismo sem passar pela “etapa democrática burguesa” então referendada por partidos comunistas e pela União Soviética; as questões essenciais para a mudança de perspectiva das esquerdas latino-americanas, tornando assim a experiência cubana um exemplo a ser seguido de que a revolução socialista era possível. É assim também que Che Guevara se tornou uma referência para o marxismo latino-americano, uma vez que além de sua participação essencial no processo revolucionário cubano, influenciou toda a esquerda com seus escritos teóricos e sua atividade prática.

Uma das principais questões que influenciaram as organizações de esquerda revolucionária, no que se reconhece enquanto guevarismo foram a importância de uma ética comunista no processo revolucionário, o caráter socialista da revolução na América Latina, a luta armada como principal forma de combate aos regimes ditatoriais latino-americanos e um certo voluntarismo revolucionário, político e ético, resumido na frase de que “o dever de todo revolucionário é fazer a revolução”.¹²⁵ Não pretendo me alongar na teoria marxista de Guevara, mas é importante salientar que as duas últimas questões, tanto a opção dela guerrilha quanto o voluntarismo pessoal foram os aspectos mais

123 Sobre a Revolução Cubana ver BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.; SADER, Emir. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Moderna, 1985.; LÖWY, Michael. *O marxismo na América Latina...* op. cit.

124 CASTRO, Fidel. 1961. *Apud* LÖWY, Michael. *O marxismo na América Latina...* op. cit., p. 44.

125 LÖWY, Michael. *O marxismo na América Latina...* op. cit., p. 43-50.

influentes para as novas organizações de esquerda armada, principalmente após a publicação do livro/folheto de Régis Debray *Revolução na Revolução?* em 1966, onde radicalizava essas questões e as colocava em evidência.¹²⁶

Penso que não se deva levar por acaso que essa afirmação, sobre a revolução vir antes da maturidade, tenha sido parte do discurso de Fidel. Discurso simbólico e carregado de significados e diretrizes para a esquerda latino-americana no encerramento do primeiro congresso da OLAS. A OLAS (que além de ser uma sigla, significa 'ondas' em espanhol) foi uma importante tentativa de construir uma unidade e uma rede de solidariedade entre as esquerdas latino-americanas. Em sua sua declaração geral, a conferência se definiu como uma organização dos movimentos anti-imperialistas no continente e optou abertamente pela luta armada e pelos movimentos guerrilheiros como instrumento de luta pela emancipação dos povos da América Latina.¹²⁷ Concluiu a declaração da seguinte forma:

Nosotros, revolucionarios de nuestra América, (...) armados de una voluntad inquebrantable de luchar y de una orientación revolucionaria y científica y sin otra cosa que perder que las cadenas que nos oprimen,

AFIRMAMOS:

Que nuestra lucha constituye un aporte decisivo a la lucha histórica de la humanidad por librarse de la esclavitud y de la explotación.

EL DEBER DE TODO
REVOLUCIONARIO ES
HACER
LA REVOLUCIÓN¹²⁸

126 Há diversas críticas quanto ao livro de Debray, acusado de vulgarizar, deformar e dogmatizar a teoria de Guevara acerca da guerra de guerrilhas, por colocar o foco guerrilheiro como o único caminho para o processo revolucionário e diminuir a importância do apoio popular para lograr sucesso no processo da guerrilha. Sobre essa questão ver, entre outros, GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas: a esquerda brasileira das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Ática, 1987, p. 79-84.

127 SADER, Emir Simão. OLAS (Organização Latino-Americana de Solidariedade). In: LATINOAMERICANA Enciclopédia Contemporânea da América Latina e do Caribe. São Paulo, Rio de Janeiro: Boitempo, Laboratório de Políticas Públicas-UERJ, p. 880.

128 DECLARACIÓN GENERAL DE LA PRIMERA CONFERENCIA LATINOAMERICANA DE SOLIDARIEDAD. OLAS. Havana, Cuba,

A escolha da frase final retorna a Che, que no momento da OLAS estava lutando na guerrilha boliviana, e faz um chamado a todos os revolucionários. É possível perceber outros sentimentos e ideias sendo agenciados nesse texto como a abnegação e o altruísmo, mas penso que esses sentimentos tem mais força com a sensação geral de emergência: é necessário lutar, é necessário agir sem demora.

Essa visão de emergência facilmente pode ser conectada como uma característica de pessoas jovens. Ao falar sobre jovens e para jovens, Che Guevara também faz essas ligações. Em seu discurso na comemoração do segundo aniversário de integração das Organizações Juvenis em Cuba, em outubro de 1962, o guerrilheiro fez uma importante fala para compreender certas ideias juvenis, pois argumentava como deveria ser um jovem comunista:

una gran sensibilidad ante todos los problemas, gran sensibilidad frente a la injusticia; espíritu inconforme cada vez que surge algo que está mal, lo haya dicho quien lo haya dicho. (...) declararle la guera al formalismo, a todos los tipos de formalismos. Estar siempre abierto para recibir las nuevas experiencias, para conformar la gran experiencia de la humanidad, que lleva muchos años avanzando por la senda del socialismo, (...) Ser un ejemplo vivo, ser el espejo donde se miren los compañeros que no pertenezcan a las juventudes comunistas, ser el ejemplo donde puedan mirarse los hombres y mujeres de edad más avanzada que han perdido cierto entusiasmo juvenil, que han perdido la fe en la vida y que ante el estímulo del ejemplo reaccionan siempre bien. Esa es otra tarea de los jóvenes comunistas. (...) Ustedes serán auténticamente juventud y representación de lo más avanzado de juventud. No tengan nunca miedo, los que son jóvenes, jóvenes de espíritu sobre todo, de preocuparse de qué es lo que hay que hacer para agradar.¹²⁹

1967, p. 104. Disponível em: <http://www.ruinasdigitales.com/revistas/ConferenciaTricontinental.pdf>. Acesso em: 17 setembro de 2016.

129 GUEVARA, Ernesto Che. *¿Que debe ser un joven comunista?* 20 octubre 1962. Discurso en la conmemoración del segundo aniversario de la integración de las Organizaciones Juveniles, 20 de octubre de 1962.

[grifos meus.]

É interessante perceber algumas das características tidas como juvenis nesse discurso: como a sensibilidade, o espírito inconformado, a crítica às formalidades, estar aberto a novas experiências, o entusiasmo e não fazer algo apenas para agradar a terceiros. São variadas características que dialogam com o que acreditamos serem qualidades de pessoas jovens, e, dessa forma, tornam o discurso significativo e com capacidade de dialogar com uma visão de mundo ampla e popular. É também durante a década de 1960 e 1970 que a sociologia irá se aprofundar na análise da juventude, também buscando responder a questionamentos e anseios do período. A partir da análise da sociologia da juventude do período e da história da juventude podemos ter uma maior compreensão dessas características tidas enquanto juvenis.

2.2 JUVENTUDE ENQUANTO CATEGORIA DE ANÁLISE

Uma das primeiras questões que se deve apontar sobre o debate acadêmico acerca da juventude, a meu ver, é o quanto ele é conectado com os debates sobre estudantes e movimento estudantil. Ser jovem e ser estudante são elementos que muitas vezes se confundem na análise, e apesar de nossa necessidade de separar essas categorias, é importante ressaltar que é normal essa junção, uma vez que a maior parte dos estudantes são jovens, e, mais que isso, assim como os discursos de Guevara que vimos, os discursos do movimento estudantil também são repletos de características jovens. Mas, agora, falando sobre os jovens: quem são eles? O que os fazem se tornarem tão significativos na segunda metade do século XX?

Hobsbawm, ao analisar o breve século XX atentou para essa questão,

(...) o aumento de uma cultura juvenil específica, e extraordinariamente forte, indicava uma profunda mudança na relação entre as gerações. A juventude, um grupo com consciência própria que se estende da puberdade até a metade da casa dos vinte, agora se tornava um agente social independente. Os acontecimentos políticos mais dramáticos, sobretudo nas décadas de 1970 e 1980,

foram as mobilizações [dessa] faixa etária (...). A radicalização política dos anos 60, antecipada por contingentes menores de dissidentes culturais e marginalizados sob vários rótulos, foi dessa gente jovem, que rejeitava o status de crianças e mesmo de adolescentes (ou seja, adultos ainda não inteiramente amadurecidos), negando ao mesmo tempo humanidade plena a qualquer geração acima dos trinta anos de idade, com exceção do guru ocasional.¹³⁰

O papel da juventude no mundo social e político a partir da década de 1960 era inegável. Inegável porque, como aponta Hobsbawm, existe uma cultura juvenil específica e forte. A construção dessa categoria na América Latina não será idêntica às construções do Norte, uma vez que os contextos específicos influenciam quem são os jovens e quais suas características, no entanto, é notável que ocorre essa especificidade jovem, que pode ser entendida como um enfrentamento de gerações. Isabella Cosse, historiadora argentina, argumenta acerca da ideia de geração:

la noción de generación, entendida aquí como un grupo de personas que se distingue de forma significativa de otros grupos por su experiencia compartida, tiene especial interés por dos razones. Primero, porque refiere a una interpretación propia de la época, según cual las transformaciones eran motorizadas por las nuevas generaciones, abiertas a las innovaciones, en oposición a los adultos. Segundo, porque permite advertir las diferencias entre el modelo que había regido la vida dos progenitores y los cambios inaugurados por los jóvenes en los años sesenta y, al mismo tiempo, las distancias que existieron entre los propios jóvenes según el momento de su socialización que definió el contexto de su experiencia. Estas fracturas generacionales en relación con los valores familiares se inscribieron, a diferencia de lo sucedido en Europa e Estados Unidos, en escenario de incremento de la

¹³⁰ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 317-318.

Uma das mudanças principais entre essas mulheres e homens jovens da década de 1960 e as gerações anteriores está na educação. O período de escolaridade esteve crescendo significativamente, fazendo com que essas pessoas passassem mais tempo na escola, ensino médio e universidade. Fato que, segundo Jean-François Sirinelli, modificou o tempo social, formando uma “praia de vida intermediária” com suas características próprias.¹³² É dessa maneira que podemos pensar a conexão entre juventude e estudantes, talvez.

No Brasil, nesse período, é notável o aumento do escolarização, por exemplo. Apesar de a primeira universidade do país ter sido criada em 1920, a maioria dos cursos superiores se dava em forma de faculdades isoladas. É principalmente durante a década de 1950 que as universidades são criadas por todo o país através da reunião dessas faculdades e criação de mais cursos superiores.¹³³

Esse é o primeiro momento de crescimento do número de estudantes universitários no Brasil, e é também o momento de estruturação do movimento estudantil através da recém-criada UNE. A porcentagem da população brasileira com acesso ao ensino superior era ínfima, e a presença das mulheres era mais restrita ainda. Os dados do IBGE mostram que em 1960 havia 93.202 pessoas matriculadas no ensino superior, o que equivalia à 0,13% do total da população brasileira. Em 1968 o número de matriculados no ensino superior já havia aumentado significativamente, com um total de 278.205, o que aponta um índice de crescimento de 408%.¹³⁴ Entre as décadas de 1950

131 COSSE, Isabella. *Pareja, sexualidad y familia em los años sessenta*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2010, p. 14.

132 SIRINELLI, Jean-François. *Abrir a História: novos olhares sobre o século XX francês*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p. 53.

133 MARTINS FILHO, João Roberto. O movimento estudantil nos anos 1960. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (orgs.). *Revolução e democracia: 1964-...*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (Coleção As Esquerdas no Brasil, 3), p. 187.

134 Resultados obtidos a partir dos dados do censo do IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Estatísticas do Século XX*. Rio de Janeiro: Centro de Documentação e Disseminação de Informações, 2006. E INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Sinopse do Censo demográfico de 2010*. Disponível em:

e 1970 houve um crescimento significativo também da presença de mulheres nas universidades: em 1956 elas eram 26%, em 1971 chegaram a 40%.¹³⁵

Esse aumento da escolarização também se deu no ensino básico, uma vez que o aumento do ensino superior e da possibilidade de ascensão social através dele incentivou o aumento da demanda na educação secundária. Entre 1950 e 1960 as matrículas no ensino secundário aumentaram em 1090%, e entre 1960 e 1968 aumentou mais 2960%, com um total de 3 205 689 jovens matriculados no ensino secundário.¹³⁶ É importante também destacar esse aumento do ensino secundário, pois quando analisamos a participação de pessoas jovens nos grupos de esquerda não nos referimos apenas aos universitários ou trabalhadores, uma parte significativa dos militantes iniciou sua atuação política ainda como secundaristas.

No Uruguai, também houve um aumento da escolarização. Durante a década de 1960, um aumento no número de vagas universitárias e o crescimento de uma juventude sedenta de participação política foram notáveis. A Federación de Estudiantes Universitarios del Uruguay (FEUU) e as diferentes vertentes de esquerda dentro da Federação foram extremamente ativas nessa década. De acordo com Sapriza, historiadora uruguaia, “Para las mujeres jóvenes particularmente las de clase media, “la política estaba en la calle” y sobre todo en las movilizaciones estudiantiles reflejo del incremento de la matrícula femenina en la enseñanza media y superior.”¹³⁷

Diferentemente do Brasil e de outros países latino-americanos, o Uruguai não sofria com o analfabetismo de forma tão drástica, uma vez que possuía o ensino primário praticamente universalizado. Mesmo

<<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=4&uf=00>>.

Acesso em: 26 de junho de 2017.

135 BARROSO, Carmen Lúcia de Melo; MELLO, Guiomar Namó. O acesso da mulher ao ensino superior brasileiro. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 15, dez. 1975, p. 52. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/278.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2014.

136 Resultados obtidos a partir dos dados do censo do IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Estatísticas do Século XX...* op. cit.

137 SAPRIZA, Gaciela. “Nos habíamos amado tanto”. Años revueltos. Mujeres, colectivos y la pelea por el espacio público. Revista Estudios Feministas, Florianópolis, v. 23, n. 3, set/dez, 2015, p. 942.

assim, as matrículas no ensino médio aumentaram 411% entre 1942 e 1963, sobre o ensino superior as estatísticas só se iniciam em 1960¹³⁸, mas entre 1960 e 1968 houve um aumento de 23% no número de matrículas universitárias¹³⁹, crescimento muito mais ínfimo que em relação ao brasileiro, mas ao analisar a parcela de universitários em relação ao número total de uruguaios vemos que eram relativamente maiores que os dados do Brasil.¹⁴⁰

Esses dados auxiliam a compreensão da importância que as categorias jovens e estudantes vem tendo nesse período, havia uma vontade de explicar essa juventude que se rebelava tão intensamente e que antes não era observada. Diversas reportagens e pesquisas foram feitas para a grande mídia em busca de compreender o fenômeno.¹⁴¹ Para além das reportagens houve também um esforço acadêmico, do qual, no Brasil, é importante citar o trabalho da socióloga Marialice Foracchi, com sua tese, postumamente transformada em livro, *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*.

Para seu importante estudo sobre os estudantes universitários brasileiros na primeira metade da década de 1960, Foracchi considerou importante destacar que a diferença entre jovens e estudantes, em sua pesquisa, acabou por se tornar uma diferença de classe. Os jovens estudantes são em sua maioria da pequena-burguesia, enquanto os jovens de classes mais baixas estarão majoritariamente apenas no

138 Ministerio de Instrucción Pública y Previsión Social. Comisión de Inversiones y Desarrollo Económico. Comisión Coordinadora de Entes de Enseñanza, *Informe sobre el estado de la educación en el Uruguay. Plan de desarrollo educativo*, 110. Tomo 1

139 OFICINA DEL CENSO. Principales características de los estudiantes de la Universidad de La República en 1999. Universidad de La República: Montevideo, 2000.

140 De acordo com a *Oficina del Censo* a taxa de crescimento anual na população universitária entre 1960 e 1968 foi de 2,49%, que leva a um total, por cálculos, de 15909 pessoas no ensino superior em 1963, ano em que há censo nacional no Uruguai e podemos calcular a porcentagem de universitários no total da população, que chega a 0,61%. Fonte: Censos 1963-1996, Instituto Nacional de Estadística (INE) – Uruguay.

141 No Uruguai temos como exemplo o livro-reportagem publicado em 1968 *La rebelion estudiantil*, de Carlos Bañale e Enrique Jarra. No Brasil houve algumas reportagens especiais, como atesta o artigo da historiadora Sílvia Arend já apontado nesta dissertação, *Jovens Brasileiros nas páginas da Revista Realidade: família e trabalho (Brasil, 1966-1969)*.

mercado de trabalho.¹⁴² A autora também conclui, com base em seus estudos, uma interessante análise sobre a juventude – da qual os estudantes não são os únicos membros, porém estão inseridos.

A juventude é, ao mesmo tempo, uma fase da vida, uma força social renovadora e um estilo de existência. Se a concebermos como uma etapa que antecede a maturidade e que apresenta características singulares, notaremos que ela corresponde a um momento definitivo da descoberta da vida e da história e a uma fase dramática da revelação do eu. Sob este aspecto, é uma experiência particular que se universaliza como componente indispensável da formação da *pessoa*, como afirmação dos seus recursos e das suas potencialidades humanas. Os quadros desta experiência particular e os caminhos da sua universalização são, no entanto, socialmente estabelecidos. Isto quer dizer que cada sociedade constitui o jovem à sua própria imagem. As representações que valoriza e as manipulações que estimula tendem, no geral, a fazê-lo agir dentro de limites que ela mesma estabelece e que são os limites de sua preservação.¹⁴³

Essa análise é interessante pois argumenta que as particularidades da ideia de juventude são socialmente estabelecidas pelo contexto em que estes jovens estão inseridos. Apesar de não negar o espaço de atuação e autonomia das pessoas jovens, a autora percebe que esse espaço é moldado por outros interesses que não apenas os dos próprios jovens. Pensando dessa maneira é possível argumentar que na militância das esquerdas armadas latino-americanas, essa cultura política específica, com suas referências e representantes, também moldaram maneiras de ser jovem revolucionário.

Pensando cultura política enquanto um sistema de representações, é possível pensar as esquerdas armadas que existiram na década de 1960-1980 nesta chave, uma vez que essa experiência foi significativa

142 FORACCHI, Marialice M. *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*. 2ª. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977, p. 12.

143 *Ibidem*, p. 302.

para a constituição de uma visão de mundo comum e o compartilhamento de um determinado comportamento político.¹⁴⁴ Se “as culturas políticas articulam, de maneira mais ou menos tensa, ideias, valores, crenças símbolos, ritos, mitos, ideologias, vocabulário, etc”¹⁴⁵, podemos pensar que ideias de juventude também foram articuladas pela esquerda armada latino-americana. Mas mais que isso, podemos pensar também em certos mitos, símbolos e representantes que essas esquerdas construíram ou tomaram para si.

É a partir disso que podemos pensar Che Guevara enquanto um símbolo das esquerdas armadas latino-americanas e analisar a construção dessa imagem e seus usos. Pode-se pensá-lo inclusive enquanto mito, enquanto uma ideia-força que mobiliza e estimula um grupo de pessoas para a ação. De acordo com Raoul Girardet:

O mito político é fabulação, deformação ou interpretação objetivamente recusável do real. Mas, narrativa legendária, é verdade que ele exerce também uma função explicativa, fornecendo certo número de chaves para a compreensão do presente, constituindo uma criptografia através da qual pode parecer ordenar-se o caos desconcertante dos fatos e dos acontecimentos.¹⁴⁶

No entanto, para além de uma ideia-força, penso que para as pessoas jovens revolucionárias das décadas de 1960 e 1970, Che Guevara esteve mais próximo, mais palpável que apenas um mito: era um homem, um jovem, um revolucionário no qual podia-se espelhar e com o qual podia-se aprender um modo de ser. Como Hobsbawm já destacou, o mundo ainda era dominado por uma gerontocracia na década de 1960, apesar da crescente importância das pessoas jovens no cenário mundial. A imagem de Che Guevara se torna ainda mais forte dessa

144 SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda; GOUVÊA, Maria de Fátima. Apresentação. In: _____. *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

145 GOMES, Ângela de Castro. História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões. In: SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda; GOUVÊA, Maria de Fátima. *Culturas políticas... op. cit.*, p. 32.

146 GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Cia das Letras, 1987, p. 13.

forma, uma vez que destaca sua juventude em relação à imagem de outros líderes. Juventude que não se demonstra apenas através da idade, mas também através de uma certa descontração, uma certa espontaneidade bastante visível através das diversas fotografias do guerrilheiro amplamente divulgadas.

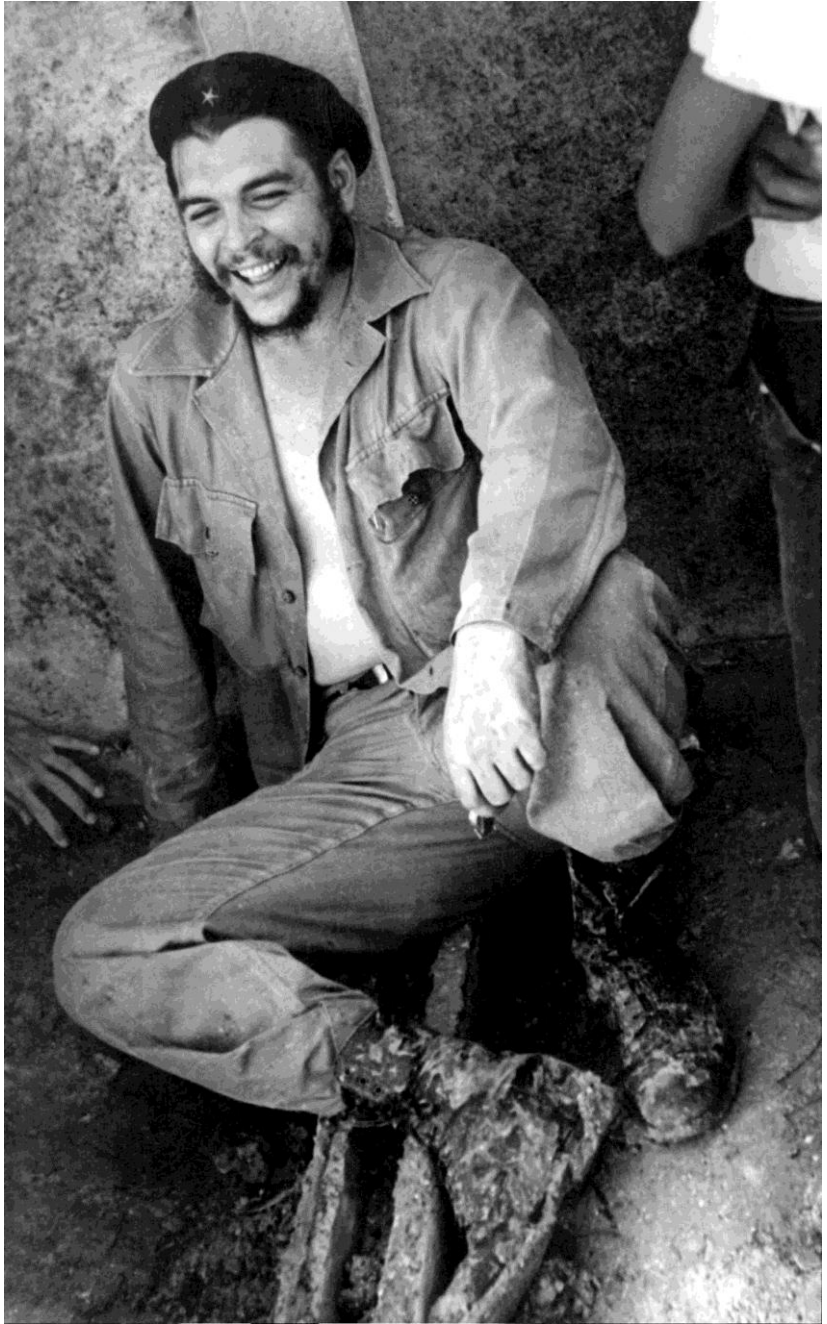


Figura 1: Fotografía de Ernesto Che Guevara. SALAS, Osvaldo. Che Constructor. 1961

“O QUE VALE PARA NÓS É O EXEMPLO DE CHE GUEVARA”¹⁴⁷, assim, em letras garrafais, estava estampado no segundo exemplar do jornal *O Guerrilheiro*, da Ação Libertadora Nacional, em texto que comentava sobre os três anos de sua morte na Bolívia. Para se compreender essa proximidade, cabe ressaltar que nesta edição do jornal era comentada a recente morte de Joaquim Câmara Ferreira, principal líder da organização após a morte de Marighella. Ou seja, para as pessoas engajadas naquelas lutas, a vida e o destino de Che – sua morte prematura na tentativa de construir a guerrilha nas montanhas bolivianas – eram não apenas um símbolo, eram uma possibilidade real.

¹⁴⁷ O GUERRILHEIRO, n. 2, Ação Libertadora Nacional. PROCESSO BRASIL NUNCA MAIS 068. No jornal, interno da organização, não é possível encontrar a data da publicação, porém é feito após a morte de Joaquim Câmara, com pronunciamento de outubro de 1970.



Figura 2: Homenagem a Che Guevara em folheto tupamaro

Essa proximidade: Che Guevara como o melhor do que poderia ser um guerrilheiro latino-americano; permite que sua imagem seja uma inspiração de como agir. Seu sacrifício perdura vivo através dos novos sujeitos revolucionários, que seguem com o dever de levar adiante a bandeira uma vez empunhada pelo grande guerrilheiro. De acordo com Esther Ruiz e Juana Paris, a militância foi vivida com profunda alegria, emoção derivada da interiorização de utopias vistas como possíveis, mas também pelo fato de assumir o compromisso de sacrifícios e entregas entendidos como únicas respostas possíveis para a criação de um homem e sociedade novos.¹⁴⁸ A fotografia de Che Guevara também produz um discurso semelhante, ela não é a tradução de um militante sério, frio; seu texto é de alguém que também vive sua militância como um momento de alegria, onde pode haver descontração, e essa tranquilidade não o impede de ser um grande revolucionário. Nesse caso alguns aspectos podem ser destacados enquanto um ideal de revolucionário. Proponho aqui pensá-los a partir de duas chaves: masculinidade e juventude, que se conjugam no ideal de homem novo proposto pelo guerrilheiro argentino.

¹⁴⁸ RUIZ, Esther; PARIS, Juana. Ser militante en los sesenta. In: BARRÁN, José Pedro; CAETANO, Gerardo; PORZECANSKI, Teresa (orgs.). *Histórias de la vida privada en el Uruguay: individuo y soledades 1020-1990*. Montevideo: Taurus, 1998, p. 295-296.

2.3 PENSANDO HOMEM NOVO: ARTICULAÇÕES ENTRE MASCULINIDADE E JUVENTUDE

A ideia de homem novo não é exclusiva de Che Guevara ou dos processos revolucionários do século XX, estando presente em diversos momentos como uma tentativa de transformação subjetiva humana frente a novas realidades. Principalmente em momentos em que houve mudanças radicais na sociedade, houve também um esforço de se construir pessoas que representassem os novos ideais propostos, pessoas com uma moral e ética de acordo com as intenções dessa nova sociedade, e oposição com a antiga moral e ética. Seja na França revolucionária de 1789, no Estado Novo varguista ou nas lutas de libertação africanas, essa noção de um novo homem é uma constante.¹⁴⁹

A questão da construção de uma nova mentalidade é também um debate importante entre revolucionários, há muito tempo. Como afirma Löwy:

O sonho de todos os revolucionários, de Rousseau a Lenin, foi modificar não só “o mundo”, mas também “o homem”: para eles, a revolução não era apenas uma transformação das estruturas sociais, das instituições, do regime, mas igualmente uma transformação profunda, radical e “assombrosa” (*Umwälzende*) dos homens, da sua consciência, de seus costumes, valores e hábitos, das suas relações sociais. Uma revolução não é autêntica se não for capaz de criar esse “homem novo”.¹⁵⁰

Para Che Guevara esta foi uma questão central a ser pensada e posta em prática em Cuba pós a vitória da Revolução. Era importante

¹⁴⁹ Há diversos trabalhos sobre essa questão, entre eles BOTO, Carlota. *A escola do homem novo: entre o Iluminismo e a Revolução Francesa*. São Paulo: EdUNESP, 1996; GOMES, Ângela Maria Castro. *A construção do homem novo: o trabalhador brasileiro*. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Velloso; GOMES, Ângela Maria Castro. *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982; SUMICH, Jason. *Construir uma nação: ideologias de modernidade da elite moçambicana. Análise Social*, Lisboa, n. 187, v. 2, 2008.

¹⁵⁰ LÖWY, Michel. *O pensamento de Che Guevara...* op. cit., p. 41.

construir o socialismo não só alterando os modos de produção, mas alterando a consciência e a moral das pessoas: de uma prática capitalista e colonial para uma nova mentalidade em acordo com os ideais socialistas. Uma nova sociedade necessita de homens que encarnem esses novos ideais. Isso é ainda mais importante ao se interpretar a sociedade capitalista como uma sociedade que cria pessoas alienadas e sem senso de solidariedade:

Para ele, também, a tarefa suprema e última da revolução era criar um homem novo, um homem comunista, negação da dialética do indivíduo da sociedade capitalista, transformado em homem-mercadoria alienado, ou capaz de se tornar, graças ao maquinismo imperialista, um animal carniceiro, um “homem-lobo” em uma “sociedade de lobos”. E porque a sociedade burguesa é baseada, em última análise, na lei da selva, só o malogro dos outros permite o êxito; é uma sociedade em que objetivamente, necessariamente, inevitavelmente, quaisquer que sejam as “boas vontades”, cristãs ou outras, o homem é inimigo do homem.¹⁵¹

E como deveria ser este homem novo para Che Guevara? Inúmeros de seus textos e discursos falam disso. É importante destacar que ele não via nessa ideia um processo acabado, mas sim uma construção contínua e consciente, para ele o indivíduo, “actor de ese extraño y apasionante drama que es la construcción del socialismo, en su doble existencia de ser único y miembro de la comunidad” não está pronto, mas se constrói cotidianamente em Cuba de sua auto educação individual e consciente, quanto de um processo coletivo e amplo de educação no país de modo a romper com as barreiras que o alienaram no capitalismo.¹⁵²

Algumas das características do homem novo são colocadas por Che, uma das principais é a consciência. Consciência de si enquanto ser

151 Ibidem, p. 42.

152 GUEVARA, Ernesto Che. *El hombre nuevo*. Texto dirigido a Carlos Quijano, del semanario Marcha, Montevideo, marzo de 1965. Leopoldo Zea, Editor. Ideas en torno de Latinoamérica. Vol. I. México: UNAM, 1986

social, como indivíduo e parte de uma coletividade, e essa consciência permite uma nova atitude frente a vida social, não só ao trabalho (apesar dele também) mas questões como cultura e artes. A construção mesma de uma nova subjetividade, onde o indivíduo se sinta mais pleno.¹⁵³ Um homem integral:

Porque el socialismo ahora, en esta etapa de construcción del socialismo y el comunismo, no se ha hecho simplemente para tener nuestras fábricas brillantes, se están haciendo para el hombre integral, el hombre debe transformarse conjuntamente con la producción que avance, y no haremos una tarea adecuada si solamente fuéramos productores de artículos, de materias primas, y no fuéramos a la vez productores de hombres.¹⁵⁴

Na construção desse homem novo há uma reiteração da ideia de processo, algo que caminha para frente, em direção ao futuro. Nas falas de Che se percebe essa construção ligada em alguns termos, como passado, futuro, velho, novo e jovem. O homem capitalista e a sociedade capitalista representam o velho, o passado, o que deve morrer. O socialismo e seu novo homem representam o futuro, o novo, o jovem, o que está nascendo. Essa ideia do novo enquanto o jovem se liga ao que Luzzatto analisou sobre juventude revolucionária no século XIX, a ideia de um embate de gerações, de um embate entre o novo e o velho,¹⁵⁵ o que mostra que a construção da juventude é sempre relacional, sempre em oposição ao que é considerado como não jovem.

Assim, o homem novo em sua completude se constrói como devir, mas ao mesmo tempo que é processo existente, já é possível ver suas primeiras características. Nesse caso Che Guevara argumenta sobre a importância das pessoas jovens para esse processo. O homem novo

153 Idem.

154 GUEVARA, Ernesto Che. *La Juventud y la Revolución*. 09 mayo 1964. Discurso en la clausura del seminario "La juventud y la Revolución", organizado por la UJC del Ministerio de Industrias, 9 de mayo de 1964. Ob. cit., t. 2, pp. 308-318. Disponível em: <Archivo Chile. <http://www.archivochile.com/entrada.html>>. Acesso em: 14 de julho 2016.

155 LUZZATTO, Sergio. Jovens rebeldes e revolucionários... op. cit., p. 200.

não é apenas um ideal de algo jovem, ele se constrói mais plenamente no corpo das pessoas jovens: “por ser la arcilla maleable con que se puede construir al hombre nuevo sin ninguna de las taras anteriores.”¹⁵⁶

No entanto, parece que os corpos jovens não são a matéria mais fértil apenas pela qualidade de seu barro, apesar da questão sobre não ter vícios anteriores ser apontada como importante.¹⁵⁷ Nesse caso, características pensadas como intrínsecas aos jovens parecem construir sua capacidade maior de serem homens novos e os fazem os verdadeiros portadores de uma nova sociedade.

Eso es lo que nosotros pensamos que debe ser un joven comunista. Y si se nos dijera que somos casi unos románticos, que somos unos idealistas inveterados, que estamos pensando en cosas imposibles, y que no se puede lograr de la masa de un pueblo el que sea casi un arquetipo humano, nosotros tenemos que contestar, una y mil veces que sí, que sí se puede, que estamos en lo cierto, que todo el pueblo puede ir avanzando, ir liquidando las pequeñeces humanas. [...]ir perfeccionándose como nos perfeccionamos todos día a día, liquidando intransigentemente a todos aquellos que se quedan atrás, que no son capaces de marchar al ritmo que marcha la Revolución cubana. Tiene que ser así, debe ser así, y así será, compañeros. Será así, porque ustedes son jóvenes comunistas, creadores de la sociedad perfecta, seres humanos destinados a vivir en un mundo nuevo de donde habrá desaparecido definitivamente todo lo caduco, todo lo viejo.¹⁵⁸

156 GUEVARA, Ernesto Che. *El hombre nuevo*. Op. Cit.

157 Em texto Che Guevara argumenta que será nas próximas gerações que a conclusão do homem novo ocorrerá, “as novas gerações virão livres do pecado original”.

158 GUEVARA, Ernesto Che. *¿Que debe ser un joven comunista?* 20 octubre 1962. Discurso en la conmemoración del segundo aniversario de la integración de las Organizaciones Juveniles, 20 de octubre de 1962. Escritos del Che Guevara, Tomo 2, pp. 161-175. Disponível em: <Archivo Chile. <http://www.archivochile.com/entrada.html>>. Acesso em: 03 de outubro de 2014.

A argila fresca da juventude superará o barro seco dos velhos, destinada a desaparecer com tudo que seja caduco, tudo que não traga em si a chama criadora do novo. O homem novo é, assim, pensado em si mesmo como uma ideia de juventude, e carrega em si as características que são positivadas nesta juventude, quais sejam rebeldia, idealismo, vanguardismo, heroísmo, honra, consciência, sentido de dever, sensibilidade, amor.

Pode-se pensar que o homem novo é uma preocupação particular de Guevara em relação a Cuba, em relação os próximos passos após a vitória da revolução. No entanto, a construção do homem novo enquanto processo permite que sua construção já seja iniciada anteriormente a qualquer vitória, ainda mais que os guerrilheiros, enquanto vanguarda, deverão guiar o resto da população por esses caminhos, logo devem já serem um exemplo de homem comunista. A ideia de vanguarda¹⁵⁹ é um tema clássico nas esquerdas, e que para as guerrilhas latino-americanas teve uma importância extremamente significativa, pois era um pilar de sua teoria e prática, os guerrilheiros eram a vanguarda responsável por ser o agente catalizador do processo revolucionário. Para Che essas pessoas tinham um papel e responsabilidade importantes na construção deste novo homem:

Las vanguardias tienen su vista puesta en el futuro y en su recompensa, pero ésta no se vislumbra como algo individual; el premio es la nueva sociedad donde los hombres tendrán características distintas; la sociedad del hombre comunista. (...)En nuestra ambición de revolucionarios, tratamos de caminar tan aprisa como sea posible, abriendo caminos, pero sabemos que tenemos que nutrirnos de la masa y

159 A palavra vanguarda vem do francês *avant-garde*, termo militar para o grupo de soldados que viriam em frente do exército, nesse sentido a *avant-garde* deveria ser formada pelos soldados mais corajosos, pois os primeiros a enfrentar o inimigo e importantes para manter a moral do restante do exército. Além disso vanguarda também é um termo clássico da teoria marxista-leninista, que “indica o grupo mais consciente e ativo de um movimento de massa. (...) Ela age para reforçar a sua capacidade de direção e para tornar estas minorias uma força revolucionária dirigente reconhecida pela maioria das massas.” ANCARINI, Vitório. Vanguarda. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política...* op. cit., p. 1291.

que ésta sólo podrá avanzar más rápido si la
alentamos con nuestro ejemplo.¹⁶⁰

Dessa forma a ideia de homem novo como ideal serve de exemplo a qualquer pessoa que intente ser revolucionária, ela se torna um modelo a seguir. E como modelo, é alicerçada em certos aspectos também de gênero. O homem novo é duas coisas, jovem e masculino.

Claro que a intenção ao utilizar o termo homem tem por intenção a ideia de universalidade, homem enquanto sinônimo de pessoas, humanidade. No entanto, os feminismos e seus estudos já fizeram-nos questionar essas ideias de universalidades pautadas no masculino. A intenção com isso não é ser anacrônica, nem ser acusatória (“Che Guevara era machista!”), mas apontar que a maneira como o discurso foi construído é também pautada historicamente, e assim não é possível negar um contexto de supremacia masculina.

A questão do universal masculino traz certos pontos importantes para a análise, principalmente em se pensar o local das mulheres nesse universal. O universal presume ser inclusivo a todos, no entanto, ao ignorar especificidades de mulheres, constrói um universal em que elas precisam se moldar para serem incluídas. Isso é possível ver ainda mais na própria imagem de Che como um ideal revolucionário.

A imagem de Che Guevara é uma questão particular, até hoje elemento simbólico e de disputas, seja para argumentar sua apropriação pela indústria capitalista em forma de camisetas ou outro objeto de consumo qualquer, seja para afirmar uma memória e trajetória de lutas por uma América Latina livre e socialista. Foi em 1967 que o mito se cristalizou, uma vez que sua morte em combate permitiu transformá-lo em mártir. Como argumenta seu biógrafo Castañeda:

Se o comandante não fosse executado [...] teria igualmente realizado proezas épicas e gloriosos feitos, mas seu rosto não estaria hoje em tantos milhões de paredes e peitos. Caso o governo boliviano o tivesse indultado, ou a CIA lhe salvasse a vida, a contribuição de Che a sua causa poderia ter sido muito maior, mas o auto-sacrifício

160 GUEVARA, Ernesto Che. *El hombre nuevo*. Op. Cit.

jamais teria as dimensões que teve.¹⁶¹

Apesar dos problemas de ficarmos no terreno da suposição, acredito ser um recurso interessante para a reflexão. A questão não é imaginar o que poderia ter acontecido se Guevara não fosse morto, mas refletir sobre o impacto de sua morte e os significados que foram construídos a partir de sua trajetória. Che personificou ainda mais tudo aquilo que defendia, foi homem novo, vanguarda, guerrilheiro, comunista de teoria e prática, e terminou sua breve vida como mártir. Não podendo realizar maiores feitos, como afirma Castañeda, mas, de outro viés, de modo a não correr o risco de “envelhecer” politicamente: se tornar um burocrata, um reformista, ou um “homem de idade mais avançada que tenha perdido certo entusiasmo juvenil ou fé na vida”. Sua morte se tornou um exemplo do mais alto sacrifício a ser feito pelos militantes das diversas organizações revolucionárias latino-americanas.

Uma maneira de pensar essa construção de Che é perceber as diferenças em relação a outros sujeitos revolucionários. Fidel Castro, por exemplo, também era jovem quando do sucesso da Revolução Cubana, mas sua biografia, diferente de Che, não ressalta tanto essas características. A Revolução Cubana foi um dos principais acontecimentos para pensar as propostas das esquerdas latino-americanas nas décadas de 1960 e 1970, como é discutido no primeiro capítulo. Acerca de sua vitória, cabe aqui destacar as personalidades que se tornaram essenciais para compreender esse processo histórico, como Che Guevara e Fidel Castro. Hobsbawm mesmo afirma que a tomada de poder pelos rebeldes de Sierra Maestra foi significativa também pela idade dos revolucionários quando atingiram a vitória: Fidel tinha apenas 32 anos, e Che Guevara 31 anos. Então porque a imagem de Che Guevara e a de Fidel Castro é construída de forma diferente? A leitura de uma imagem feita por Janette Habel sobre a vitória de 1959 pode ser interessante:

Uma nova etapa se inicia. O velho regime corrompido e suas instituições são destruídos. Nesse momento histórico, dois homens conversam. O colóquio entre Fidel Castro e Camilo Cienfuegos, um dos brilhantes comandantes de Sierra Maestra, é evocativo. Um, torso rijo, quepe bem enfiado na cabeça e olhar

161 CASTAÑEDA, Jorge. *Che Guevara: a vida em vermelho*. São Paulo: Cia das Letras, 2006, p. 505.

voltado para o futuro, transforma-se desde já em instituição; o outro, com a cabeleira desgrenhada e o chapéu atravessado, interroga aquele que já é o chefe, o “líder máximo”. Sozinho, Che escuta com olhar inquieto, mas determinado, romântico, metódico e rigoroso, tal como em si mesmo a eternidade o fixará depois. Ele sabe que os desafios mais perigosos ainda estão por vir.¹⁶²

162 HABEL, Janette. 1953-1967 a Revolução Cubana. In: LÖWY, Michael (org.). *Revoluções*. São Paulo: Boitempo, 2009, p. 457.



Figura 4: Fotografia de Ernesto Che Guevara, Fidel Castro e Camilo Cienfuegos. CORRAL, Raul. Regresso de Fidel. Maio, 1959.



Figura 3: Fotografia de Camilo Cienfuegos, Fidel Castro e outros membros da guerrilha entrando vitoriosos em Havana. AFP. 8 de janeiro de 1959.

A partir desse comentário é possível perceber o início da diferença entre ambos. Fidel Castro era jovem, mas sua trajetória o constrói enquanto líder, homem com a maturidade necessária para comandar o país. Suas escolhas não refletem mais uma juventude aventureira, mas a maturidade de alguém que sabe os desafios e sacrifícios que precisa realizar pelo bem da revolução já vitoriosa, em prol de chefiar um novo país. Dessa forma, as diferenças na imagem de Che Guevara e Fidel e Cienfuegos¹⁶³ não são apenas relativas à uma mudança física, apesar dessa também ser significativa. A longevidade de Fidel permite que sua imagem tenha se transformado ao longo do tempo, pois foram 59 anos presidindo Cuba, seu corpo físico também vivenciou essa passagem do tempo. Sua morte recente, com 90 anos de idade atesta alguém que confiou toda a sua vida à um ideal de uma sociedade não-capitalista. No entanto, a diferença está porque essa vida existiu, longa, como é o processo natural de vida dos seres humanos.

Então não é apenas a trajetória interrompida do guerrilheiro argentino - que literalmente deu sua vida em prol da(s) revolução(ões) -, com sua morte nas matas bolivianas em 1967, aos 37 anos, que constrói a diferença de imagem em relação à Fidel. Foram também suas escolhas enquanto revolucionário. Nos momentos iniciais do novo governo cubano, Che Guevara foi uma figura importantíssima e desempenhou os cargos de embaixador, Presidente do Banco Nacional e Ministro da Indústria.

Um dos principais focos nos anos iniciais de Cuba será o desenvolvimento econômico. Che Guevara estará no centro dos debates sobre estratégia econômica, com sua intenção de diversificar a economia e industrializar o país e escreveu e estudou longamente sobre esses temas.¹⁶⁴ Suas opções mostram também uma escolha própria de se

163 A imagem de Camilo Cienfuegos não sera problematizada, uma vez que é uma figura mais semelhante a imagem de Che Guevara, no entanto com menos apelo uma vez de ter sido um guerrilheiro menos conhecido fora de Cuba em comparação com a força das figuras de Che Guevara e Fidel.

164 De acordo com Lowy, os principais textos que expressam o pensamento econômico de Che Guevara foram produzidos no decurso de um grande debate econômico entre os anos de 1963 e 1964 em Cuba, que versavam não apenas sobre os problemas econômicos imediatos, como também sobre conceitos fundamentais da teoria marxista. Este debate incluiu diversas tendências políticas e autores. Os principais textos de Che Guevara sobre o tema foram os seguintes: “Consolidações sobre os custos de produção,

pensar a economia socialista, tanto pelo distanciamento da doutrina soviética quanto pelo esforço de teorizar e construir uma alternativa socialista à experiência cubana. Faço questão de frisar esse esforço político-intelectual pois ele se distancia da ideia de aventureiro, que é a imagem mais consolidada de Che. Aqui a imagem se assemelha à de Fidel: um homem maduro e comprometido com a construção de Cuba socialista.

Entretanto, essa é só uma das muitas faces de Che, sua imagem mais consolidada tem seus motivos para ter se consolidado. Suas análises econômicas o distanciam cada vez mais da URSS, incluindo inclusive críticas à política comercial soviética o que causa desconforto nas relações entre os dois países aliados, apesar disso suas ideias prevalecem na política econômica cubana. Mas ele sente - ou é convencido por outras forças - que seu tempo no governo Cubano chegou ao fim. Em sua carta de despedida à Fidel ele escreve:

Siento que he cumplido la parte de mi deber que me ataba a la Revolución Cubana en su territorio y me despido de ti, de los compañeros, de tu pueblo que ya es mío.

(...)

Otras tierras del mundo reclaman el concurso de mis modestos esfuerzos. Yo puedo hacer lo que te está negado por tu responsabilidad al frente de Cuba y llegó la hora de separarnos.

Sébase que lo hago con una mezcla de alegría y de dolor, aquí dejo lo más puro de mis esperanzas de constructor y lo más querido entre mis seres queridos... y dejo un pueblo que me admitió como un hijo; eso lacera una parte de mi espíritu. En los nuevos campos de batalla llevaré la fe que

como base de análise econômica das empresas sob o sistema orçamentário”, *Nuestra Industria*, n. 1, 1963; “Sobre o conceito da valia: em resposta a certas afirmações”, *Nuestra Industria*, n. 2, outubro, 1963; “A propósito do sistema orçamentário de financiamento”, *Nuestra Industria*, n. 5, fevereiro, 1964; “O Banco, o crédito e o socialismo”, *Cuba Socialista*, n. 31, março, 1964; “O significado da planificação socialista”, *Cuba Socialista*, n. 34, junho, 1964; “Uma nova atitude perante o trabalho”, discurso em uma reunião de trabalhadores, 15 de agosto de 1964, em *Obra Revolucionária*, n. 21, 1964; “Il piano e gli uomini”, *Il Manifesto*, n. 7, dezembro, 1969. In: LÖWY, Michel. *O pensamento de Che...* op. cit., p. 53-59.

me inculcaste, el espíritu revolucionario de mi pueblo, la sensación de cumplir con el más sagrado de los deberes: luchar contra el imperialismo donde quiera que esté, esto reconforta y cura con ^{creces cualquier desgarradura. [grifos meus]}¹⁶⁵

Essa despedida reforça algumas imagens. Tanto a construção de Fidel oposta à ideia de juventude e aventura, “Yo puedo hacer lo que te está negado por tu responsabilidad”, quanto uma construção de Che que retoma essas ideias de juventude, aventura através da construção do sujeito revolucionário, se o dever de todo revolucionário é fazer a revolução, é necessário “cumplir con el más sagrado de los deberes: luchar contra el imperialismo donde quiera que esté”. Dessa forma a escolha de Che retoma essa imagem de juventude. Ele é o revolucionário que mesmo com a possibilidade não se acomoda em um lugar, retoma uma imagem ativa condizente com uma ideia de juventude, ao passo que Fidel constrói uma imagem, também ativa, mas de estadista e maduro, cumprindo com sua responsabilidade como líder de uma nova nação.

Che também abraça essa imagem na carta de despedida que escreveu a seus pais nessa mesma época. Ele recorda que 10 anos antes havia escrito uma primeira carta de despedida e afirma:

Nada ha cambiado en esencia, salvo que soy mucho más consciente, mi marxismo está enraizado y depurado. Creo en la lucha armada como única solución para los pueblos que luchan por liberarse y soy consecuente con mis creencias. Muchos me dirán aventurero, y lo soy, solo que de un tipo diferente y de los que ponen el pellejo para demostrar sus verdades. [grifos meus]¹⁶⁶

165 GUEVARA, Ernesto Che. Carta de despedida à Fidel. Havana, Año de la Agricultura. Lida por Fidel Castro em 3 de outubro de 1965, por motivo da anúncio da fundação do Partido Comunista Cubano, em que Che não está entre os membros do Comitê Central. Disponível em: <<http://www.cubadebate.cu/especiales/2017/10/03/la-historica-carta-del-che-a-fidel-su-despedida-hacia-la-inmortalidad-facsimil-y-video/>>. Acesso em: 3 out. 2017.

166 GUEVARA, Ernesto Che, Carta a sus padres. Marzo, 1965. In: GUEVARA, Ernesto Che. *Obras Escogidas*. Santiago: Resma, 2004, p. 440.

É interessante perceber que a afirmação sobre ser aventureiro é tomada como verdadeira e positivada. Assim como a ideia de juventude é positivada por ele. Se na essência ele mesmo não mudou, significa também que mantém sua força juvenil. Dessa forma ele também constrói uma ideia de jovem revolucionário para si mesmo. Todavia cabe perceber que está não é a única imagem presente na construção de um sujeito revolucionário, Che Guevara também é reconhecido enquanto um ideal de homem novo, e neste caso é importante destacar a palavra *homem*. Ele é também um ideal de masculinidade.

A masculinidade também está conectada com um ideal de sujeito revolucionário. E não apenas pela palavra homem na construção de homem novo, que se pretende enquanto universal, mas também porque a construção do sujeito revolucionário está imbuída de diversas imagens de masculinidades. Connell afirma que “A masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero.”¹⁶⁷ e que por haver mais de uma configuração desse tipo é importante destacar que a utilização da palavra no plural. No entanto, a autora mesma aponta para o cuidado de não

pensar no gênero simplesmente como um pout-pourri de identidades e estilos de vida relacionados ao consumo. Por isso, é importante sempre lembrar as relações de poder que estão aí envolvidas. O conceito de masculinidades significa pensar nas práticas realizadas pelas pessoas enquanto ações com significados e racionalidade conectadas com relações sociais corporificadas na estrutura de relações de gênero, estrutura essa complexa e ampla que envolve economia, Estado, família, sexualidade, etc; e também envolve uma grande dose de contraditório, importante para pensar que masculinidade não significa simplesmente características de homens.¹⁶⁸

Benedito Medrado e Jorge Lyra também frisam a importância de se pensar os estudos sobre masculinidades dentro de uma perspectiva da

167 CONNELL, RW. Políticas da Masculinidade. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

168 Idem.

trajetória dos estudos feministas de gênero. Os autores destacam que é necessário pensar masculinidades assim como se estuda gênero, no seu caráter relacional, pois é na relação entre mulheres e homens, entre homens e entre mulheres. Mas também reafirma a avaliação de Connell de que a masculinidade é uma construção social que engendra e legitima o poder masculino.¹⁶⁹ Reforço a questão do poder pois acredito que esse é um ponto para pensar subjetividade revolucionária dos atores desta dissertação.

Por subjetividade revolucionária entendo, assim como Sierra, um campo de práticas que dão um perfil à forma de ação coletiva e individual em volta de pautas que podem alcançar um caráter normativo ou ideológico, onde se inscrevem traços, valores e princípios morais.¹⁷⁰ É a formação de um sujeito, tanto coletivamente como individualmente, ligado à ideias específicas de revolução que tomam forma através de valores e práticas. Acredito que algumas dessas ideias estão ligadas fortemente a uma masculinidade específica nos sujeitos revolucionários da luta armada. Uma masculinidade que se constrói enquanto virilidade.

Sierra pesquisa, em seus últimos escritos, a construção de uma subjetividade revolucionária no México da década de 1960 através da análise de periódicos de esquerda do país, para assim perceber as relações dessa subjetividade com ideias de masculinidade, virilidade e heroísmo, e como essa questão se articula com a entrada de novos atores em cena, que não se encaixariam nesse ideal - no caso jovens e mulheres. O historiador e cientista social argumenta que dentro do sujeito revolucionário construído e vivido pelos jornalistas das revistas analisadas a ideia de masculinidade e virilidade não envolvia a noção de juventude. No entanto, creio que essa questão é construída de outra forma ao se pensar os sujeitos revolucionários guerrilheiros, uma vez que estão relacionados a uma certa noção de juventude. Essa noção de juventude se constrói ao relacionar o corpo jovem com o auge de uma virilidade física, e é muito presente quando conectamos com a masculinidade militar, tão significativa para os grupos armados.

169 MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 16, n. 3, set./dez., 2008.

170 SIERRA, Juan Carlos Sanchez. Virilidad y subjetividad revolucionaria. elementos conceptuales para el estudio del periodismo de oposición en México: la revista *Política*, 1960-1967. *Ciudad Paz-ando*, Bogotá, v. 7, n. 2, jul./dez. 2014.

É importante destacar, como reforça Connell, que a “masculinidade não é uma entidade fixa encarnada no corpo ou nos traços da personalidade dos indivíduos. As masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social”.¹⁷¹ Através da análise do discursos na produção desses grupos de esquerda e textos de figuras de referência, como Guevara, a intenção é perceber como alguns discursos específicos referem-se à práticas que constroem uma determinada masculinidade. Isso não quer dizer que todos os militantes se sentiram representados por esse ideal de masculinidade, ou que ele foi posto em prática por todos de maneira consciente ou inconsciente, mas que, de certa forma, ele esteve presente em discursos que muito provavelmente influenciaram certas práticas, algumas de maneira mais intensa, outras de maneira mais difusa.

É inegável a construção de masculinidade existente no ideal de revolucionário. Uma vez que esses são revolucionários comprometidos com uma estratégia específica, a guerrilha. A escolha pela opção guerrilheira traz inculcada uma construção de sujeito militarizado, uma vez que seu fazer político envolve necessariamente a luta armada. Che Guevara afirma em *A Guerra de Guerrilhas* que a concepção de revolucionário do guerrilheiro vai radicalizando “a medida que las armas han demostrado su potencia”,¹⁷² e cabe destacar que nesse escrito, base para as guerrilhas latino-americanas, ele trata o revolucionário atuante na guerra de guerrilhas como um “soldado guerrilheiro”.

O espaço militar, o espaço por excelência do soldado, é um dos principais construtores de masculinidade ainda hoje, desde o século XIX. Segundo Pedro Paulo Oliveira, “Lidar com a dor e o perigo era, ao mesmo tempo, uma preparação para a guerra e também um exercício e treinamento da autêntica masculinidade. No final do século XIX, o campo de batalha era considerado a arena mais importante para a modelação do corpo e do espírito de um legítimo varão.”¹⁷³ Conformar

171 CONNELL, RW; MESSERSCHMIDT, J. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, jan./abr. 2013, p. 250.

172 GUEVARA, Ernesto Che. *La Guerra de Guerrillas* (1960). In: _____. *Obras Escogidas 1957-1967*. 2 ed. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991. Vol.1 *La Acción Armada*, p. 62-63.

173 OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Ed. UFMG; IUPERJ, 2004, p. 28.

corpo e espírito dentro de uma masculinidade específica, a que constrói valores de força, virilidade, heroísmo, coragem.

A separação entre corpo civil e militar na construção dos Estados Modernos é o que cria um dos principais aparatos institucionais para controle da ordem, as instituições militares e policiais. Max Weber afirma o monopólio do uso da força como principal característica em seu conceito de Estado.¹⁷⁴ De acordo com Norbert Elias, o exército é a instituição responsável pela formação dos homens na sociedade moderna,¹⁷⁵ e não devemos esquecer que essa formação costuma ser no mínimo, em partes, obrigatória, uma vez que o serviço militar durante certo período de tempo é obrigatório - para os homens - em diversos países, como o nosso.

Essa relação entre masculinidade e militarismo traz um contraponto importante de se pensar, a interdição das mulheres ao uso da força. A masculinidade é construída, necessariamente, se opondo a ideais de feminilidade e de mulheres. Para a socióloga portuguesa Helena Carreiras

A dupla associação de mulheres com feminilidade e paz, e de homens com masculinidade e guerra, tem profundas raízes na maior parte das sociedades. Estereótipos de homens como “guerreiros justos” e de mulheres como “almas belas” foram sistematicamente utilizados, ao

174 “O Estado é aquela comunidade humana que, dentro de determinado território – este, o ‘território’, faz parte de suas características – reclama para si (com êxito) o monopólio da coação física legítima”. WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. 5 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 98.

175 ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. Norbert Elias também discute a ideia de um *ethos* guerreiro, que estaria nas bases da cultura ocidental e que se moderniza dentro do processo civilizador: “Esta é a alegria da guerra, com certeza, mas não mais o prazer direto na caçada humana, no relampejar de espadas, no relincho dos corcéis, no medo e na morte do inimigo - como é belo ouvi-los gritar “Acudi, acudi!” ou vê-los caídos com o corpo aberto de um lado a outro! Nesse momento o prazer está na proximidade dos amigos, no entusiasmo por uma justa causa e, mais do que antes, encontramos a alegria da guerra servindo como intoxicante para vencer o medo. Sentimentos muito simples e poderosos falam aqui. O homem mata, entrega-se inteiramente à luta, vê o amigo lutar. Luta a seu lado. Esquece-se de onde está. Esquece a própria morte. É esplêndido. O que mais?” p. 194

longo do tempo e das culturas, para assegurar o estatuto não combatente das mulheres e a identidade masculina do guerreiro (Elshtain, 1995). A persistência e a estabilidade transcultural desse quadro cognitivo, bem como das práticas concretas a que se associa, encontra-se bem documentado e revela, simultaneamente, a forma como as identidades de gênero se constituíram e sedimentaram em torno da questão da violência coletiva. (...)

Diferentes autores tem justamente procurado demonstrar como esse caráter essencialmente masculino da função militar participa na formação de identidades e estereótipos sexuais e como a secular exclusão das mulheres contribuiu para reforçar diferenças e codificar fronteiras entre gêneros. Salientam, designadamente, a relação dialética que se estabelece entre a estrutura e o modo de funcionamento das organizações militares e o ideal-tipo de masculinidade prevalecente: se, através de formas específicas de socialização, modelos disciplinares e padrões de autoridade, a instituição participa na construção do arquétipo masculino, este, por sua vez, realimenta o seu funcionamento, de tal forma que os conteúdos associados às definições de masculino e militar se plasnam frequentemente numa notável sobreposição.¹⁷⁶

Todavia, são diversos os entrelaçamentos possíveis. Para além da questão da construção da masculinidade pautada pelo militarismo e uso da força, é possível relacionar essa masculinidade com outras questões. Uma questão importante é a conexão intensa entre virilidade e juventude. A transformação do corpo masculino pelo serviço militar se dá no início da vida adulta, onde os jovens são obrigados a se alistarem. É nessa instituição que homens jovens sofrem alguns dos rituais que os

176 CARREIRAS, Helena. O olhar dos homens: resistência e cumplicidade nas respostas masculinas à integração de mulheres nas Forças Armadas. In: MATHIAS, Suzeley Kalil (Org.). *Sob o signo de Atena: gênero na diplomacia e nas Forças Armadas*. São Paulo: Unesp; Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, 2009. p. 171-172.

iniciam à masculinidade, conformando-os dentro de uma masculinidade esperada para homens adultos. E uma das principais características dessa masculinidade é a relação com as armas, o monopólio da força sancionado pelo Estado se torna a distinção para com os civis. No caso dos guerrilheiros essa também será uma característica importante, pois o que separaria um “verdadeiro revolucionário” dos “demagogos” seria a escolha pela via armada, sua militarização.

Para Che, “El guerrillero es, además de un soldado disciplinado, un soldado muy ágil, física y mentalmente”,¹⁷⁷ é um soldado pois luta, com armas, em uma guerra. E apesar da diferença entre uma tropa guerrilheira e um exército nacional,¹⁷⁸ a relação com as armas é de certa forma semelhante, pois ligada a uma noção de poder e potência masculinas. Essa relação é visível também nos grupos armados analisados nessa dissertação. No *Mini-manual do Guerrilheiro Urbano*, por exemplo, Marighella afirma que “a característica fundamental e decisiva do guerrilheiro urbano é que é um homem que luta com armas” e que “a questão básica na preparação técnica do guerrilheiro urbano é o manejo de armas”¹⁷⁹ e no Documento n. 1 dos MLN-T se lê “La organización debe ser político-militar. Debe poner el acento en el aspecto militar de su desarrollo. La organización deberá ser armada porque la lucha armada es el único camino posible para lograr la liberación nacional y derrotar a los enemigos del pueblo.”¹⁸⁰

As imagens vinculadas pela ALN também são interessantes, e nesse caso cabe analisar uma imagem específica, capa do jornal *O Guerrilheiro*:

177 GUEVARA, Ernesto Che. Que és un “guerrillero” (1959). In: _____. *Obras Escogidas 1957-1967*. 2 ed. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991. Vol.1 La Acción Armada, p. 154.

178 Principalmente referente a questões de disciplina e hierarquia, que apesar de existirem, são construídas e trabalhadas de forma diferente de como essa questão é vivida numa instituição militar, sem haver aparatos repressores. Poderia ser vista como uma “obediência” às regras não pela autoridade de um superior ou da instituição, mas pela internalização mesma de que essas regras são importantes para o sucesso da empreitada, é a consciência individual que constrói a disciplina do soldado guerrilheiro.

179 MARIGHELLA, Carlos. *Mini-manual do guerrilheiro urbano*. 1ed. 1969. Coletivo Sabotagem, p. 7 e 9.

180 MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL - TUPAMAROS. Documento n. 1. Montevideo, 1967.



Figura 5: Capa do jornal O Guerrilheiro n. 2, 1970 apreendida pelo DOPS em 1972. Processo Brasil Nunca Mais 068

O jornal é produzido de maneira simples, como praticamente todo material da ALN. No entanto, em relação ao número um desse mesmo jornal, lançado dois anos antes, há um cuidado particular com a estética: o primeiro número era apenas um documento datilografado, sem design. Esse segundo número possui uma capa, onde se pode ler em letras grandes e negrito O GUERRILHEIRO, o número de sua edição, mês e ano (n. 2, setembro, 1970) e o nome da organização, ALN AÇÃO LIBERTADORA NACIONAL. Além disso há uma grande imagem que ocupa toda a altura da página, uma grande mão segurando um fuzil. O fuzil não aparece inteiro na imagem, o destaque e o foco está na mão que o segura. Cristina Scheibe Wolff analisou a mesma imagem ao discutir sobre configurações de gênero nas guerrilhas do Cone Sul. Para a historiadora

Tratava-se de dar uma resposta viril à Ditadura Militar, mesmo que com organização quase impossível pela clandestinidade e pela repressão. E nesse sentido as qualidades e comportamentos ligados a virilidade, coragem, disciplina, abnegação, iniciativa e ação eram aquilo que se esperava desses novos heróis, que assim foram construídos desde aquele momento.

(...)

Ensaçando uma interpretação imagética, poderíamos até dizer que a metralhadora e o fuzil são usados na propaganda guerrilheira como ‘falos’, que representam o poder – claro, neste caso não se trata de um poder instituído, mas de um poder que se quer constituir e que seria atingido com a ação revolucionária.¹⁸¹

Além de destacar o fuzil enquanto uma possibilidade de símbolo fálico, e nesse caso também um signo de poder e potência, cabe destacar a figura da mão que o segura. Se Urbano¹⁸², dirigente tupamaro afirmou em uma entrevista que “Primero le diría que nunca es más igual un

181 WOLFF, Cristina Scheibe. Feminismo e configurações de gênero na guerrilha: perspectivas comparativas no Cone Sul, 1968-1985. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 54, 2007, p. 25-26.

182 MLN-T, Tupamaros y gobierno, dos poderes em pugna. Sep., 1970. *Pseudônimo* de Mauricio Rosencof, um dos mais importantes dirigentes do MLN-T em 1970, quando Sendic já estava encarcerado. (TRISTÁN, 2005, p. 149)

hombre a una mujer que detrás de una pistola cuarenta y cinco”,¹⁸³ pode-se afirmar que na imagem do jornal *O Guerrilheiro* percebe-se muito bem o gênero de quem empunha aquele fuzil. Os traços do desenho remetem a uma mão grande, musculosa, forte. Uma mão masculina e viril. Essa relação com as armas enquanto símbolo de potência, de ação revolucionária, é importante pois a forma de conectá-las se dá através da virilidade, assim como na construção da masculinidade militarizada. Poder-se-ia pensar que o contato com as armas e seu poder de fogo iguala aqueles que as empunham, como disse o militante tupamaro, no entanto, percebe-se que certas construções de masculinidade se perpetuam, uma vez que, se os gêneros se igualam atrás de uma arma, sua igualdade é representada de maneira masculinizada, ou seja, ainda generificada.

A importância dada as armas para esses grupos é marcante. Num documento em homenagem à Marighella pelo motivo de seu assassinato, Joaquim Câmara Ferreira relembrou um trecho de uma entrevista que Marighella deu à uma revista francesa:

Respondendo a um jornalista francês da revista *Front*, em outubro de 1969, que lhe perguntou se ele mesmo conduziria ao final o processo que iniciara, disse:

"Não se trata disso. A revolução não depende de pessoas, pois é uma questão do povo e de sua vanguarda. A parte que me toca foi dar o início. Nossa organização está integrada, em sua maioria, por companheiros de menos de 25 anos de idade. Cabe aos melhores entre eles assumir a direção. Um deles empunhará minha bandeira, ou, se você preferir, meu fuzil".¹⁸⁴

A construção da liderança revolucionária nesses grupos está muito mais ligada ao simbolismo da arma enquanto poder político do que à bandeira em si. Marighella fala “se você preferir”, o que faz questionar se talvez não tenha sido mais uma questão do entrevistador do que dele mesmo a importância ao fuzil sendo maior que à ideia de

183 *Idem*.

184 FERREIRA, Joaquim Câmara. *Marighella: vida e ação criadoras*. Ação Libertadora Nacional, nov. 1969. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/ferreira/1969/11/marighella.htm>>. Acesso em: 25 maio 2016.

bandeira. Mas é interessante perceber que essas imagens não são individuais, elas foram compartilhadas pelos sujeitos revolucionários daquele período. Uma imagem de um panfleto tupamaro incita essa análise:

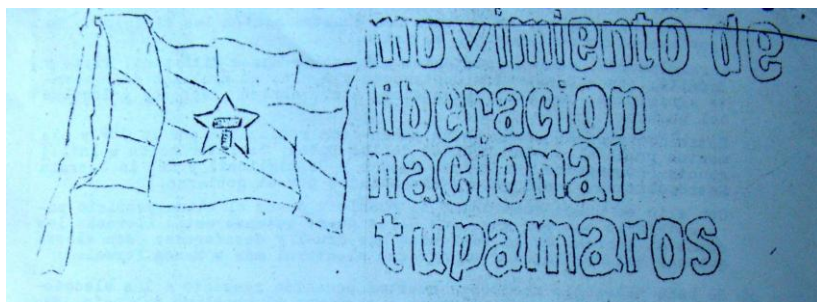


Figura 6: 1971/09/08 - MENSAJE CONFIADO AL SR. GEODFREY JACKSON. Acervo do Centro de Estudios Interdisciplinarios uruguayos (CEIU), “Colección David Càmpora”, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad de la República, Uruguay.

É com essa imagem que se inicia um texto tupamaro de duas páginas, referentes à questão de presos políticos repressão estatal no país. No texto, que foi entregue para divulgação pública pelo então embaixador inglês liberado do cativo tupamaro após 8 meses de reclusão. No texto se discorre sobre o contexto atual uruguaio, as políticas de repressão, principalmente referentes à prisão de militantes políticos e as eleições que viriam a acontecer. Há uma avaliação positiva do combate o MLN-T e as forças repressivas

Hace un año, los Tupamaros iniciamos una batalla por los presos políticos. Quisimos que esa batalla fuera lo menos dolorosa posible. Por ello ofrecimos canjear a nuestros compañeros presos por varios personajes con actividades turbias o representativos de regímenes despóticos.

El gobierno, mientras por un lado negociaba en secreto con nosotros sin llegar a ponerse de acuerdo, por el otro adoptaba la hipócrita actitud pública de dureza expresada en la frase: “no negociaré con delincuentes”

Así se inició hace un año la batalla por los presos políticos: corrió sangre, el país vivió momentos de angustia. ¿Por qué? ¿Para qué?

Hoy, luego de un año, podemos decir con legítima satisfacción que hemos ganado esa batalla en el terreno que el gobierno eligió. Almirati recobró su libertad. Bidegain también lo hizo. Luego fueron 38 compañeras y ahora son 111 luchadores sociales e hijos del pueblo quienes pasan e engrosar las filas más activas en el combate. [grifos meus]¹⁸⁵

Além dessa avaliação positiva da “guerra”: a organização avalia ter ganhado uma “batalha”, mais importante ainda de ter sido uma vitória no campo escolhido pelo “inimigo”: no caso o governo. Mas além disso é interessante perceber como é construída a imagem do documento. A maioria dos documentos tupamaros que possuem imagens trazem a representação da estrela com o T, símbolo da organização, alguns documentos trazem a bandeira da organização, como esse caso. Mas se repararmos bem, a bandeira não está em uma mastro comum, mas tremulante sob a força de um fuzil.

Parece que o caso tupamaro permite resolver a questão sobre o símbolo de uma organização de luta armada: não é necessário carregar ou uma bandeira ou um fuzil, pode-se fundir essa imagem em apenas uma. Dessa forma remete-se à ideia de organização política mas tem-se, da mesma forma, a relação com poder existente através da simbologia das armas. Não é uma simples bandeira a ser carregada, ou melhor, empunhada.

Há muitos nomes para se referir a Che Guevara e as pessoas que os seguiram num projeto de transformação da sociedade. Revolucionários, guerrilheiros, militantes, socialistas, comunistas... E todos esses nomes constroem subjetividades e modos de ser que são pautados por ideais de força e poder, ideais ligados à virilidade em nossa sociedade. Para os autores da coleção da história da virilidade, essa é uma tradição longa:

185 MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL - TUPAMAROS. *Mensaje público confiado ao Sr. Geodfrey Jackson*. Montevideo, 8 set. 1971. Acervo do Centro de Estudios Interdisciplinarios uruguayos (CEIU), “Colección David Campora”, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad de la República, Uruguay.

A virilidade é marcada por uma tradição imemorable: não simplesmente o masculino, mas sua natureza mesma, e sua parte mais “nobre”, senão a mais perfeita. A virilidade seria virtude, cumprimento. A *virilitas* romana, da qual o termo é oriundo, permanece um modelo, com suas qualidades claramente enunciadas (...). O *vir* não é simplesmente *homo*; o viril não é simplesmente o homem: ele é antes ideal de força e de virtude, segurança e maturidade, certeza e dominação. Daí esta situação tradicional de desafio: buscar o “perfeito”, a excelência, bem como o “autocontrole”. Qualidades numerosas enfim, entrecruzadas: ascendência sexual misturada à ascendência psicológica, força física à força moral, coragem e “grandeza” acompanhando força e vigor. (...) Tradição mais complexa, no entanto, ela não seria capaz de condensar a virilidade numa história imóvel. As qualidades se recompõem com o tempo.¹⁸⁶

Importante destacar essa relação, tanto de permanência de ideais que remetem a antiguidade clássica ocidental, quanto mudanças que readequam a “virtude” da virilidade ao contexto e necessidades de cada época. No entanto, algo se mantém, a virilidade é a virtude masculina, um ideal que se busca de força, virtude e dominação ligado a construção da masculinidade ocidental. E apesar de os autores afirmarem esse ideal enquanto ligado à maturidade, não se deve pensá-lo como algo alcançado naturalmente, mas algo que se constrói através de um trabalho consciente, um comportamento aprendido, e por isso sua construção deve ser pensada também para corpos masculinos jovens.

Se a virilidade e as características esperadas de homens viris não são inatas, mas aprendidas, devemos nos atentar para o amplo espaço social em que essas práticas são aprendidas. Desde a tenra infância comportamentos de gênero são ensinados para diferenciar meninos de meninas e ir-se moldando uma masculinidade hegemônica viril, como podemos exemplificar com o famoso enunciado de que

186 CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. Prefácio. In: _____. *História da Virilidade*. Petrópolis: Vozes, 2013. v. 1 A invenção da virilidade: da Antiguidade às Luzes.

“meninos/homens não choram”. Alguns espaços são locus essenciais desse aprendizado, como a família, a escola e, acredito, atingem seu auge com o serviço militar obrigatório aos homens. Ao analisar o alistamento militar francês no século XIX, Bertaud afirma que “A força e resistência ao cansaço, a aptidão para superar o sofrimento físico e a dor moral, enfim, a aceitação de derramar seu sangue para a defesa do país são um conjunto de qualidades viris que encontram sua completa satisfação no estado militar.”¹⁸⁷

Essas são características desejáveis também para revolucionários. Poderia mudar “país” por causa revolucionária, por revolução, mas nem isso seria necessário, uma vez que ambos os grupos armados tinham como ideal um nacionalismo revolucionário, logo sua defesa era também pela pátria. “Ou ficar a pátria livre ou morrer pelo Brasil”, verso do hino de independência apropriado pela ALN em seus escritos; ou a frase “Habra pátria para todos o no habra pátria para nadie: libertad o muerte” presente nos comunicados tupamaros. Ambos trazem a valorização de doação à ideia de nação e pátria, e a disposição - viril e militar - de morrer por essa causa.

A proximidade entre os que lutam em armas pela revolução e os que lutam em armas pelas instituições militares é próxima nesse em diversos sentidos. A entrada no serviço militar obrigatório visa transformar adolescentes em homens viris a partir do aprendizado de certas técnicas e habilidades. Não é apenas o manuseio de armas, mas todo um conjunto de aspectos que visam formatar o sujeito militar. Há o deslocamento da vida para dentro da caserna, entre pares; há as atividades físicas para formatar um corpo que componha esse ideal de virilidade: forte, musculoso, firme; há a construção de uma disciplina diária de atividades e cuidados com o corpo (exercícios, higiene), o ambiente (limpeza, reformas), a preparação para o combate (aprendizado de armas, técnicas de combate) e formação intelectual e moral (estudos).

Essas são características que são buscadas também na formação de sujeitos revolucionários para a luta armada. Características pautadas numa virilidade necessariamente intensa, uma vez que visam conformar

187 BERTAUD, Jean-Paul. O exército e o brevê de virilidade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História da Virilidade*. Petrópolis: Vozes, 2013. v. 2 O triunfo da virilidade: o século XIX, p. 74.

o sujeito para situações extremas tanto físicas quanto espirituais. A guerra pode ser teorizada de diversas formas, mas aqui cabe a questão de como esta é uma situação extrema para os agentes diretamente envolvidos, onde a moral é temporariamente suplantada para que seja aceitável matar outros seres humanos. A construção de um sujeito guerreiro - masculino por definição - permite que a morte, dos inimigos ou de seus companheiros, seja uma situação esperada na guerra, mas é necessário que a guerra tenha um motivo legítimo de existência. No caso das instituições militares oficiais a construção da legitimidade da guerra está ligada à noção dos interesses do Estado, de defesa da nação contra inimigos e ameaças (externos e internos). Noções essas que são criadas pela visão política existente em cada Estado Nacional e seguidas de maneira disciplinar pelos soldados.

Os ritos de iniciação aos quais os soldados são submetidos, os rudes exercícios que eles efetuam, as longas manobras que executam fazem parte, junto com o pão e o vinho partilhados, do percurso que leva à integração em um regimento. Um espírito de corpo se manifesta aí. (...) O espírito de corpo cria a emulação sobre o campo de batalha. Oferece assim, A virilidade militar adquirida na caserna o modo de afirmar-se, e isso até o sacrifício supremo.¹⁸⁸

Para os grupos armados revolucionários aqui estudados essas noções são diferentes, uma vez que eles lutam exatamente em oposição aos governos e instituições militares desses Estados Nações. Sua lógica de atuação é a transformação revolucionária da sociedade, com o fim do capitalismo. Dessa forma a noção de guerra que esses grupos vivem é uma noção diferente, pois muitas vezes esse combate não é declarado, é uma guerra interna que apenas vivem esses grupos e as forças repressivas do Estado que as combatem. De qualquer maneira é vista pelos grupos de esquerda como uma guerra, apesar das condições estarem longe de semelhantes, uma vez que uma das partes se utiliza de todo o aparato estatal e de métodos que ferem a dignidade humana contra pequenos grupos de rebeldes.

No entanto, mesmo que as condições não tenham sido as mesmas de uma guerra total, essa situação era a esperada e foi para essa situação que se buscou formar sujeitos revolucionários. Che Guevara em Guerra

188 Ibidem, p. 94.

de Guerrilhas e outros textos falou extensamente sobre as condições físicas, mentais e morais exigidas para um combatente guerrilheiro¹⁸⁹, e com seus escritos podemos ver a semelhança de formação entre o sujeito militar e o sujeito guerrilheiro. “El ejército guerrillero, ejército popular por excelencia, deve tener en cuanto a su composición individual las mejores virtudes del mejor soldado del mundo. Debe basarse en una disciplina estricta.”¹⁹⁰

Mas aqui é importante destacar uma diferença significativa entre a formação do sujeito militar clássico e do sujeito guerrilheiro: a construção da disciplina militar. Jean-Paul Bertaud, ao falar que o aprendizado de disciplina é também um aprendizado de virilidade, aponta para as contradições inerentes à esse processo. O aprendizado de disciplina nas instituições militares é construído através da violência e submissão sem questionamentos às hierarquias e regras.¹⁹¹ O soldado ideal deve seguir seu chefe sem pestanejar, deve ter sido domesticado para o serviço de matar e morrer por ordens superiores. Mas aí entra a contradição, pois se a formação militar também visa a formar homens ideais e viris, esses homens não deveriam ser domesticados, uma vez que isso impediria a concretização desse ideal, afinal homens verdadeiramente viris são também cidadãos completos, e a domesticação e submissão são características ligadas ao gênero feminino.

Essa contradição parece ser melhor resolvida nos grupos guerrilheiros, uma vez que não se espera uma submissão cega. Che Guevara percebe essa questão e argumenta que

El hecho de que las formalidades de la vida militar no se adapten a la guerrillera, que no haya taconeo ni saludo rígido, ni explicación sumisa ante el superior, no demuestran de manera alguna que no haya disciplina. La disciplina guerrillera es interior, nace del convencimiento profundo del individuo, de esa necesidad de obedecer al

189 GUEVARA, Ernesto Che. La Guerra de Guerrillas (1960). In: _____. *Obras Escogidas 1957-1967...* op. cit.

190 GUEVARA, Ernesto Che. Que és un “guerrillero” (1959). In: _____. *Obras Escogidas...* op. cit., p. 154.

191 BERTAUD, Jean-Paul. O exército e o brevê de virilidade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História da Virilidade...* op. cit.

superior, no solamente para mantener la efectividad del organismo armado que está integrado, sino también para defender la propia vida. Culquier pequeño descuido en un soldado de ejército regular es controlado por el compañero más cercano. En la guerra guerrillas, donde cada soldado es unidad y es grupo, un error es fatal. Nadie puede descuidarse. Nadie puede cometer el mas mínimo desliz, pues su vida y la de los compañeros le van en ello.

Esta disciplina informal, muchas veces no se ve. Para la gente poco informada, parece mucho más disciplinado el soldado regular con todo su andamiaje de reconocimientos de las jerarquías que el respeto simple y emcoionado con que cualquier guerrillero sigue las instuciones de su jefe. Sin embargo, el ejército de liberación fue un ejército puro donde ni las más comunes tentaciones del hombre tuvieron cabida; y no había aparato represivo, no había servicio de inteligencia que controlara al individuo frente la tentación. Era su autocontrol el que actuaba. Era su rígida consciencia del deber y de la disciplina.¹⁹²

E o MLN, em seu segundo documento, texto teórico acerca de sua organização e funcionamento, ao analisar o funcionamento interno da organização e discutir sobre as possibilidades de centralismo democrático nas condições do período e como deveriam estar conscientes seus integrantes afirmava

En adelante cada compañero debe ser consciente de que mientras dure esta situación abdica de una cantidad de posibilidades democráticas.

Fundamentalmente deben tenerlo claro quienes ingresan. Debe ser una condición para el ingreso. De esta forma no engañaremos a nadie y evitaremos grandes problemas. De la misma forma debe quedar claro el concepto de disciplina y la necesidad de su custodia y preservación permanentemente como única garantía de efectividad. Enfrente tenemos un enemigo

192 GUEVARA, Ernesto Che. Que és un “guerrillero” (1959). In: _____. *Obras Escogidas... op. cit.*

perigoso que se organiza sobre la base de una extremada disciplina. Nosotros no le podemos otorgar ninguna ventaja en ese terreno. De todas formas, ambos aspectos, centralismo y disciplina, no pueden ser impuestos a nadie; es imposible que así sea. Ambos presuponen un acuerdo unánime, su respeto consciente y, por lo tanto, suponen el cambio de ideas, la discusión.

En resumen, no habrá mecanismos orgánicos ni reglamentos de funcionamiento con las respectivas sanciones que garanticen por si solos la unidad del Movimiento y el respeto de la disciplina. Será necesario que haya en todos y cada uno de los compañeros de dirección y de base, conciencia clara y decisión firme de defender la unidad interna, de observar la disciplina dando todo de sí para ello. La disciplina debe ser consciente y voluntaria. Debe tener siempre un porqué.¹⁹³

Ambos os fragmentos se assemelham na interpretação de como deve ser a disciplina guerrilheira, além de ambos remeterem à disciplina das instituições militares. Aqui se percebe a tentativa de resolver a contradição da disciplina militar, o guerrilheiro é disciplinado pois consciente da necessidade de disciplina. Nesse caso não há o risco de perder-se a virilidade, pois o fato de ser uma escolha permite manter uma virtude elevada, não é apenas o aprendizado de obedecer sem questionar, mas a construção de uma consciência individual que reconhece as necessidades individuais e coletivas. É possível então ler essa argumentação como uma busca por uma virilidade mais elevada que a virilidade militar, pois menos contraditória.

A disciplina assim é uma das características necessárias para se formar um soldado, seja ele das instituições militares oficiais ou um soldado guerrilheiro. Nos grupos revolucionários se busca uma formação dessa virilidade militar em diversos aspectos. No caso da disciplina, a diferença está em como adquirir essa qualidade introjetada nos sujeitos revolucionários de forma diferente que o método repressivo e submisso existente nas instituições militares. É a busca consciente por uma sujeito revolucionário soldado.

193 MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL - TUPAMAROS
Documento n. 2: el problema de la acción. Uruguay, 1968.

Outra característica que liga a construção do sujeito revolucionário com uma virilidade militar é a questão, já iniciada, da armas e do uso da violência. Como argumentei, a formação do sujeito militar é voltada para uma situação extrema, a guerra e seu principal resultado: a morte. Dessa maneira é construído uma relação entre esse sujeito e os objetos que permitem alcançar esse objetivo, que são as armas. As armas se tornam símbolo maior dessa força viril, sua utilização é o atestado, para os grupos armados, de radicalidade, coragem e violência.

As armas são um símbolo máximo de poder, e um poder masculino. Por isso podem ser lidas enquanto símbolo fálico, pois seu sentido é enquanto símbolo de poder, de conquista, e em sociedades onde o poder está nos homens, esse símbolo remete ao pênis, marca distintiva de diferença sexual e “superioridade” masculina. Manusear armas significa ter acesso a um poder, se pensamos poder enquanto algo relacional, e não um uma posse de um sujeito, as armas colocam um sujeito numa relação superior de poder em relação àqueles que não a possuem. Na sociedade ocidental as armas são além de símbolo fálico, fortemente ligadas ao poder masculino, e a maioria das pessoas que as detêm são homens.¹⁹⁴

Utilizar-se de armas significa construir um poder a partir do domínio da violência. É esse domínio da violência que permite construir relações de poder assimétricas, uma vez que seu uso é controlado pelo Estado, que procura deter o monopólio da violência dentro de suas instituições oficiais, como as forças armadas. A utilização de armas pelos grupos de esquerda se torna então tanto uma radicalidade política como uma radicalidade simbólica, uma vez que busca subverter esse monopólio de força. No entanto, nessa tentativa de subvertê-lo, também se apodera desses mesmos símbolos de virilidade da masculinidade hegemônica e militar.

¹⁹⁴ No Brasil, em 2014, as vítimas fatais de armas de fogo foram 94,4% homens, o que remete ao seu uso e consequentes homicídios nessa parte da população. In: WASELFSZ, Julio Jacobo. *Mapa da violência 2016: homicídios por armas de fogo no Brasil*. FLACSO BRASIL, 2015. Já a posse de armas de fogo registradas, apesar de vir apresentando mudanças, era 8 vezes maior entre homens em 2009. In: IPEA e SAE. *Impactos do Estatuto do Desarmamento sobre a demanda pessoal por armas de fogo*. 2013.

Tanto a ALN quanto o MLN se utilizaram da autoridade e da virilidade das armas e da guerra para se autoafirmarem - mesmo que essa não fosse a única forma de defesa das organizações. No boletim n. 4 do MLN-T, onde se declarava em letras garrafais na primeira página “ESTAMOS EM GUERRA”, pode-se ler a seguinte afirmação:

En la otra trinchera estamos los que repudiamos a este régimen capitalista y sus negociados y sobre todo, los que no estamos dispuestos a dejarnos doblegar por la fuerza de las bayonetas. Y que hemos aprendido que a esa fuerza no se la puede enfrentar más que con la fuerza revolucionaria. Los que estamos por la igualdad y el socialismo hemos abierta esa trinchera de enfrente. Hay que hacerse a la idea que se pelea y se muere por Pacheco o se pelea y se muere por la revolución justiciera.¹⁹⁵

É um chamado a sair da passividade, uma vez que em uma situação de guerra não haveria como não escolher um lado. A única possibilidade de ação seria através das armas e era indigno não agir¹⁹⁶. Pode-se então perceber que a contradição entre sujeito ativo e passivo seria central, isso porque seria também uma questão de formar/construir um sujeito ideal, o homem novo, o guerrilheiro, o sujeito da revolução.. Um sujeito que atuasse através de sua força viril, com violência e coragem, disciplinado mas sem perder sua autonomia, violento levado por um ideal de amor, jovem mas com maturidade.

Todas essas contradições parecem ser perceptíveis nos discursos das organizações e muitas vezes com o intuito de formar sujeitos revolucionários. Discursos que buscavam construir uma ideal que se equilibrasse entre radicalidade, virilidade, força. Nessa tentativa de equilíbrio juventude e gênero parecem ser questões que deixam a balança tensa, sempre coma necessidade de dosar como se utilizar desses padrões de maneira a formar um sujeito revolucionário que seja o mais próximo desse ideal. Deve ser jovem, ativo, rebelde, mas deve

195 CORREO TUPAMARO. Estamos em Guerra. Boletim n. 4. Dezembro 1969, p. 1.

196 “O dever de todo revolucionário é fazer a revolução. Sabemos que a revolução será vitoriosa na América e no mundo, mas é indigno de um revolucionário sentar-se na porta da sua casa e esperar que passe o cadáver do imperialismo.” Segunda declaração de Havana, 1962.

também ter certa maturidade. Deve ser forte, viril, masculino, mas não pode ser disciplinado de maneira domesticada ou completamente masculinizada. E não deveria também necessariamente excluir mulheres, uma vez que haviam muitas entre as fileiras de militantes de ambas as organizações.

Nesse jogo de discursos muitas questões se entrelaçam, e para tentar buscar ainda mais qual seria esse ideal de sujeito revolucionário retorno à Che Guevara, pois acredito que sua personalidade se construiu como o modelo maior de sujeito revolucionário latino-americano. O guerrilheiro traz uma questão interessante em seus escritos, pois fala de um tema que muitas vezes é invisibilizado nas discussões sobre revolução e guerrilha.

Déjeme decirle, a riesgo de parecer ridículo, que el revolucionario verdadero está guiado por grandes sentimientos de amor. Es imposible pensar en un revolucionario auténtico sin esta cualidad. Quizás sea uno de los grandes dramas del dirigente; éste debe unir a un espíritu apasionado una mente fría y tomar decisiones dolorosas sin que se contraiga un músculo. Nuestros revolucionarios de vanguardia tienen que idealizar ese amor a los pueblos, a las causas más sagradas y hacerlo único, indivisible. No pueden descender con su pequeña dosis de cariño cotidiano hacia los lugares donde el hombre común lo ejercita. (...)

En esas condiciones, hay que tener una gran dosis de humanidad, una gran dosis de sentido de la justicia y de la verdad para no caer en extremos dogmáticos, en escolasticismos fríos, en aislamiento de las masas. Todos los días hay que luchar porque ese amor a la humanidad viviente se transforme en hechos concretos, en actos que sirvan de ejemplo, de movilización.¹⁹⁷

Esse é um trecho de uma carta¹⁹⁸ de Che Guevara destinada a

¹⁹⁷ GUEVARA, Ernesto Che. *El hombre nuevo*. Op. Cit.

¹⁹⁸ Vale destacar que apesar de ser uma carta, ela foi dirigida à um importante político responsável pelo maior e mais importante periódico de esquerda do Uruguai, o que dá suporte a compreender que essa carta, como a maioria das cartas de personagens políticos importantes a outros personagens

Carlos Quijano, importante jornalista e político uruguaio, a qual foi publicada no periódico *Marcha* em março de 1965. Nesse texto, onde procura sintetizar o homem novo, Che Guevara dá conta de uma característica muitas vezes silenciada: o amor. E admite que pode parecer ridículo por este apontamento. Se se espera que soldados guerrilheiros sejam duros, disciplinados, fortes; o sentimento de amor parece ser uma ingenuidade que distrairia os sujeitos da labuta principal de se fazer a revolução. No entanto, Guevara destaca que esse sentimento é um ideal, não o comum amor romântico que dirigimos a um indivíduo especificamente, mas um amor puro e ideal, que abarque toda humanidade.

Mas mesmo esse amor ideal, que não sofreria das paixões intempestivas de um amor individualizado, pode se corromper, e no caso se corromperia por que seu idealismo poderia afastar os militantes da realidade. E por isso mesmo seria necessário estar atento para que esse amor, mesmo que idealizado, se concretizasse em feitos materiais. Volta-se assim a questão da ação: mais do que amor e força, é preciso agir em prol do ideal revolucionário com essas questões em vista. Se construir enquanto sujeito revolucionário exigiria então um cuidado atento com diversas características pessoais, seria um fazer-se cotidiano na busca de um ideal de sujeito. O difícil deve ser conseguir equilibrar todas essas características ideais sem pender para um lado apenas. Talvez, por isso, uma das frases mais famosas reconhecidas como de Che Guevara seja “Hay que endurecerse, pero sin perder la ternura jamás.”, pois retrata essa relação entre dureza e ternura, amor e violência na construção do sujeito revolucionário. Essa frase, no entanto, carece de fontes, tornando mais provável que tenha sido uma síntese feita por alguém a respeito de ideologia, modo de ver o mundo e teoria acerca de como deve ser um sujeito revolucionário de Guevara.

A partir das reflexões aqui propostas busquei compreender algumas das possibilidades de atuação militante e construção de um ideal de sujeito revolucionário no qual ALN e MLN-T estavam envoltas. Ao analisar o papel da ideia de juventude nos escritos de Che Guevara pode-se perceber como essa questão se relaciona com um ideal de revolucionário pautado por ideias de masculinidade e virilidade, dessa forma articulando outras categorias de análise como gênero para se pensar essa experiência de militância.

Cabe agora pensar como essas questões estão colocadas quando nos deparamos com a presença de mulheres entre os sujeitos revolucionários reais, uma vez que um dos objetivos desse estudo é analisar o gênero de maneira relacional. Se o ideal de sujeito revolucionário é baseado em uma determinada masculinidade e virilidade, como a presença de mulheres nesses grupos armados foi colocada em discurso? O capítulo seguinte tratará dessa questão.

CAPÍTULO 3 - JUVENTUDE E GÊNERO NA ALN E MNL-T

*La muchacha de mirada clara,
cabello corto,
la que salió en los diarios;
no sé su nombre, no sé su nombre.
Pero la nombro: primavera.
Pero la veo: compañera.
Pero yo digo: mujer entera.
Pero yo grito: guerrillera.
Muchacha. Daniel Viglietti. 1968.*

Em maio de 1969 a Ação Libertadora Nacional produziu um documento em que fazia um relato da trajetória da organização até aquele momento e uma avaliação da mesma. Intitulado “O papel da ação revolucionária na Organização”, esse texto é uma síntese da proposta política principal da organização: a ação em primeiro lugar e “acima” de debates teóricos. Após uma significativa baixa de militantes na organização devido a repressão da ditadura civil-militar, assim como um nítido refluxo das forças populares com a edição do AI-5, era necessária uma análise para compreender o histórico de atuação, apontar novas perspectivas e também perceber as falhas existentes na organização.

É interessante perceber quais eram as questões apontadas como falhas do movimento revolucionário neste documento. Além de citar a dispersão dos diversos grupos revolucionários e de seus objetivos e uma luta infrutífera pela vanguarda do processo revolucionário no país, também estava especificado a inexperiência do movimento revolucionário brasileiro.

Outra falha do movimento revolucionário brasileiro é a sua inexperiência. O movimento revolucionário no nosso país é muito jovem. O seu passado recente remonta ao ano de 1968, quando foi desencadeada a guerrilha urbana. É também um movimento integrado por jovens dos dois sexos. Entre os componentes, além da mulher brasileira, que até então não participava na ação revolucionária, mas que agora incorporou nela, encontram-se estudantes, operários, camponeses, intelectuais, artistas, homens de profissões liberais.¹⁹⁹

¹⁹⁹ AÇÃO LIBERTADORA NACIONAL. O papel da ação revolucionária na Organização. Maio, 1969. In: REIS, Daniel Aarão; SÁ, Jair Ferreira.

Os discursos formulados pelas organizações são também objeto de disputa e poder. Se o discurso é aquilo “pelo que se luta, o poder nos queremos apoderar”²⁰⁰, construir suas próprias narrativas é entrar na disputa pelo sentido da história, pelo sentido da luta que esses grupos travaram contra o Estado e o capital. Assim, é importante perceber as intencionalidades que os textos políticos da ALN tiveram, não apenas como uma ferramenta de informação ou convencimento para outras pessoas de sua visão da sociedade brasileira ou da luta revolucionária, mas também uma disputa de sentidos, de narrativas sobre o momento histórico que viveram e sobre a atuação e importância do próprio grupo.

Nesse sentido, parece ser importante enfatizar por que tipo de pessoas a organização é formada. Assim como outros documentos da ALN, ela cita ser formada por “estudantes, operários, camponeses, intelectuais, artistas, e homens de profissões liberais”. Uma parte da importância de se enfatizar quais as classes presentes na organização cabe a sua leitura do processo revolucionário para o país. O caráter da revolução brasileira seria de libertação nacional, congregando o maior número possível de forças sociais, principalmente o movimento estudantil, sob a vanguarda de grupos guerrilheiros de operários e camponeses. Essa definição de que o processo revolucionário se daria pelo maior número de grupos sociais aparece nos mais variados documentos, e demonstra uma escolha em se tentar construir coletivamente o processo revolucionário, com diferentes forças para além da clássica aliança operária-camponesa.

É neste contexto que pessoas jovens e as mulheres são inscritas enquanto sujeitos da revolução. Incluí-las no discurso constrói também sua importância, essas pessoas estão na organização e estão sendo visibilizadas nesses espaços e em suas narrativas. O Movimento de Liberación Nacional – Tupamaros também possui em seus documentos textos que enfatizam os grupos sociais que fazem parte da organização.

La Organización esta compuestas por sectores populares provenientes de diversos orígenes sociales y políticos, marxistas y católicos, sindicalistas y estudiantes, empleados y obreros

Imagens da Revolução: documentos políticos das organizações clandestinas de esquerda nos anos 1961 a 1971. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.

²⁰⁰ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 2013, p. 10.

agrícolas, militares y civiles. Esto no fue un impedimento para que se forjara una sólida conciencia organizativa y moral colectiva. Más que ninguna outra organización revolucionaria, los TUPAMAROS integraron em sus cuadros combatientes un gran número de mujeres en pie de igualdad²⁰¹

O destaque que a participação das mulheres na organização recebe no discursos é muito significativo. O texto afirma que os Tupamaros possuem uma quantidade de mulheres combatentes maior que qualquer outra organização revolucionária, e não só isso, como também sem discriminações. Cabe então tentar ler “mais profundamente” a fonte: qual a necessidade de afirmar que as mulheres estavam em “pé de igualdade”? Qual o contexto existente que gera a necessidade de não só dizer que as mulheres estavam presentes, mas que havia igualdade nessa participação?

A participação das mulheres, principalmente mulheres jovens, foi muito significativa nos grupos de esquerda armada de todo o Cone Sul.²⁰² Isso se deu pela importância do movimento estudantil como uma porta de acesso para o contato com esses grupos. Além da expansão do número de vagas na universidades, já citado em outros capítulos, Wolff destaca ainda que “Ciências Sociais, História, Filosofia, letras e Psicologia eram aceitos como viáveis para as mulheres e, por outro lado, pelo cunho político de sua discussão disciplinar, eram muitas vezes focos de recrutamento para o movimento estudantil.”²⁰³

Tanto no Brasil como no Uruguai o crescimento do número de universitários e sua gradativa feminização será marcante, mas também é marcante a presença dessas pessoas em ambas as organizações, ALN e MLN-T. Aqui cabem algumas diferenciações acerca dos grupos para se pensarmos a relação entre participação das mulheres e o número total de militantes. O Movimiento de Liberación Nacional obteve importância e

201 MLN MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL. *Actas Tupamaras*. Buenos Aires: Schapiro, 1971.

202 Wolff afirma que ocorreu em todo o Cone Sul a partir do banco de dados de entrevistas do LEGH. WOLFF, Cristina Scheibe. O gênero da esquerda em tempos de ditadura. In: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe. *Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul*. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010, p. 138-155.

203 Ibidem.

quantidade de militantes realmente marcantes, sendo até hoje reconhecido como uma das maiores organizações de guerrilha armada do América do Sul, com por volta de 6.000 a 10.000 militantes em seu auge.²⁰⁴ De acordo com Ana Maria Araújo, o número de mulheres no MLN é de um terço do total de militantes em sua base²⁰⁵, o que dá suporte a afirmação do documento acima de que a organização era uma das com maior presença de mulheres. Em relação ao número de pessoas jovens temos alguns dados que servem de suporte para pensar sua presença no grupo. Em primeiro lugar, de acordo com a documentação recolhida pelo *Uruguay Nunca Más* em relação ao número de pessoas presas por atividade política entre 1972 e 1985,²⁰⁶ 32% tinham entre 18 e 25 anos, e ao aumentar a margem para até 30 anos, elas se tornam 62% das detenções.²⁰⁷

Esses dados, em conjunto com os dados já apontados em outros capítulos sobre a presença de estudantes secundaristas e universitários na organização, dão suporte para afirmar que havia muitas pessoas jovens na organização, assim como os dados do aumento do número ingresso feminino nas universidades dá suporte para pensar que grande parte das mulheres que iniciaram sua militância iniciaram jovens, no período em que eram estudantes. E não são apenas os dados que trazem

204 Essas afirmações são baseadas no período, entre o início da organização e 1973, se pensarmos toda a história das guerrilhas latino-americanas há outras muito maiores e mais duradouras, como o caso do Sendero Luminoso no Peru e da FARC na Colômbia. A questão não é uma disputa por números, mas apontar para a importância e impacto que os Tupamaros tiveram no fim da década de 1960 para o Cone Sul.

205 ARAÚJO, Ana Maria. *Tupamaras: des femmes de l'Uruguay*. Paris: Des Femmes, 1980.

206 Apesar de esse período de tempo não ser exatamente o mesmo da análise dessa dissertação (1966-1973) e não dar conta de toda a repressão ao MLN-T, uma vez que as prisões aos seus militantes se iniciaram no fim da década de 1960, os dados são significativos tendo em vista que o desmantelamento quase completo do MLN-T pelo Estado Uruguaio se deu principalmente a partir de abril de 1972. (ALDRIGHI, Clara. *El Movimiento de Liberación Nacional Tupamaros (1965-1975)*. Estructura interna, fases de desarrollo y política de alianzas. In: POZZI, Pablo A.; PÉREZ, Claudio. *Por el camino del Che: las guerrillas latinoamericanas 1959-1990*. Buenos Aires: Imago Mundi, 2011).

207 SERPAJ. *Uruguay Nunca Más: informe sobre la violación de los derechos humanos (1972-1985)*. Montevideo: SERPAJ, 1989, p. 286.

essa discussão, os próprios documentos do MLN apontam para a importância do meio estudantil em sua ação. No Documento número cinco, de 1971, um dos principais documentos políticos e de análise de conjuntura,²⁰⁸ ao analisar os setores fundamentais para o processo revolucionário afirma a respeito do movimento estudantil:

Ha habido em algunos sectores [del movimiento estudiantil] un apoyo casi oficial a la Organización: consignas, reimpressiones, pintadas, pegatinas, peajes y gran movilización a favor [...]. La violencia ha pautado la lucha de este sector. El Movimiento Estudiantil no se inhibe del combate por la crisis, antes bien, cobra auge con ella. Es expresión del problema más general de una juventud desocupada y sin horizontes em un país em crisis. Es hoy por hoy el sector social que más solidamente nos apoya.²⁰⁹

É possível então perceber que a importância das pessoas jovens está tanto nos dados quanto nos discursos das Organizações. No entanto, através desses discursos pode-se notar outras questões e outras sensibilidades. Nesse documento do MLN aparecem não só as atividades que são realizadas pelos estudantes – declarações de apoio, impressões, pixos, lambes, adesivos, pedágios para arrecadação de dinheiro²¹⁰ – como também uma análise do porquê os jovens estarem atuando politicamente dessa maneira, questão que será mais aprofundada em outro momento.

O interessante é perceber como os jovens não só são lidos enquanto um setor específico e com importância estratégica, mas também são vistos com características específicas, neste caso a violência e a falta de ocupação. No Brasil estudantes e jovens também

208 Entre 1967 e 1971 o MLN produziu cinco textos teóricos denominados documentos número 1, 2, 3, 4 e 5. Considero estes os textos teóricos mais importantes da organização neste período, uma vez que eram documentos políticos para a própria militância.

209 MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL – TUPAMAROS. Documento nº 5. Uruguay, 1971.

210 Traduções minhas dos termos *consignas*, *reimpressiones*, *pintadas*, *pegatinas* e *peajes* descritos no trecho citado do documento. Por pixo me refiro a pixações e outros escritos em paredes e locais públicos com conteúdo político, assim como lambe se refere à cartazes colados com cola caseira, também de conteúdo político.

serão lidos como setores específicos, como atesta o primeiro documento citado neste capítulo e a análise de dados sobre a composição social das organizações de esquerda e da ALN nos capítulos anteriores.

Esses dados ajudam a pensar como mulheres e jovens – e mulheres jovens – eram uma presença significativa nesses grupos em relação à quantidade de militantes. No entanto, ao procurar nos documentos produzidos pelas organizações, eu estava em busca não de saber dados estatísticos, mas sim compreender quais papéis eram atribuídos para essas pessoas, qual a importância e as características que pessoas jovens, e mulheres jovens, tinham em relação à organização e ao fazer revolucionário.

Nessa questão, o documento com o qual iniciei este capítulo se torna intrigante. Nele não só aparecem jovens e mulheres, como eles estão no centro de uma crítica. O que me parece interessante é a construção do texto, de maneira a conectar características do movimento revolucionário, como inexperiência, com os sujeitos que atuam nesse movimento, jovens e mulheres. Ao se fazer essa conexão o discurso presente no documento reforça ideias sobre característica de juventude e de mulheres, naturalizando-as. O discurso produz sentidos e reforça ou reestrutura relações de poder, estes textos são discursos e por isso são criadores de sentidos, não apenas traduzindo em palavras uma realidade dada. Dessa maneira, as construções de sentido escolhidas para explicar o porque das falhas e as características de jovens se tornam elas mesmas construtoras desses jovens.

Minha intenção é demonstrar como certas construções de juventude são formadas por esses discursos, e qual a noção de juventude ideal que essas organizações procuram. Nesse caso, os textos já apontam algumas coisas que são negativas nos jovens, como a inexperiência. Parece-me que essa é uma questão interessante, pois a experiência se pretende enquanto um conceito de algo que se constrói fora do discurso, algo dado na “realidade”. Joan Scott, no entanto, argumenta afirmando a construção discursiva da experiência.

Sujeitos são constituídos discursivamente. a experiência é um evento lingüístico (não acontece fora de significados estabelecidos), mas não está confinada a uma ordem fixa de significados. Já que o discurso é, por definição, compartilhado, a experiência é coletiva assim como individual. Experiência é uma história do sujeito. A

linguagem é o local onde a história é encenada.²¹¹

Pode-se então pensar que a falta de experiência explicitada no documento acerca dos jovens da organização seja uma construção discursiva, coletiva e compartilhada por quem escreve e quem lê, e que cria ela mesma essas experiências. Esses jovens aos quais o texto se refere em 1969 como sem experiências, como medir a quantidade de “experiências” deles em relação a outros sujeitos da organização? Como essa medida de experiência pode ser analisada? Parece interessante perceber que a experiência está ligada à tempo de vida – idade – e tempo de atuação política, mas a equação entre esses dois pontos não fica clara. Qual teria um peso maior? Jovens da ALN são duplamente inexperientes, tanto pela sua idade quanto pelo tempo de atuação política, uma vez que a organização era recente. No entanto fica o questionamento de qual o valor dessa experiência dos militantes, num período que pode ser considerado curto, mas também intenso e de dedicação completa ao fazer revolucionário. Também é interessante pensar que esse tempo de militância, que construiria uma determinada experiência, não é um dado claro. Muitos dos sujeitos que se incorporaram a guerrilha vieram de outros espaços de militância anteriores, como organizações do movimento estudantil e setoriais juvenis de partidos políticos como o PCB, por exemplo. Logo é possível pensar uma pessoa militante recém ingressa na ALN, por exemplo, tendo 20 anos, mas atuante politicamente desde os 15 anos através do movimento estudantil secundarista, e outra pessoa de 25 ou 30 anos que se integra na organização mas não possui uma trajetória de militância anterior. Qual seria a com mais experiência?²¹²

211 SCOTT, Joan W. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (org.). *Falas de Gênero*. Florianópolis: Mulheres, 1999, p. 36.

212 Esse é apenas um esforço de pensar possibilidades. É interessante que no caso do MLN-T há um reconhecimento de dois momentos de ingresso de pessoas jovens/estudantes na organização e que são significados de maneira diferente, o primeiro momento com estudantes com uma trajetória de militância mais longa e anterior à incorporação à guerrilha, até meados de 1967, e um ingresso de estudantes muito jovens a partir de 1968, que foram formados politicamente em poucos meses durante as mobilizações estudantis daquele ano no Uruguai. Nesse caso ver TRISTÁN, Eduardo Rey. La inmediatez de la revolución o la pasión como clave de participación política: los jóvenes uruguayos y la lucha armada en 1968. *Atlante Revue d'études romanes*, n. 4, 2016, p. 56-81.

A discussão que procuro propor é pensar como esses textos constroem eles mesmos ideias de juventude e jovens que são compartilhadas. E o principal, como essas ideias buscam justificar uma postura revolucionária. No primeiro texto (da ALN) a inexperiência atribuída a jovens é colocada como um empecilho ao fazer revolucionário, uma das falhas. Já o texto do MLN-T fala sobre a importância do movimento estudantil e dos jovens para a Organização, e ao falar positivamente da juventude e de seu apoio a organização, afirma como uma das causas a falta de ocupação que os jovens vivenciam. O que me parece interessante é perceber como certas características são atribuídas a jovens e são construídas como positivas ou negativas.

A falta de ocupação da juventude é um dado interessante, que foi bastante debatido também pelas ciências humanas nas décadas de 1960 e 1970, entrelaçando a discussão entre juventude e estudantes. A questão gira em torno do tempo, de como pessoas jovens teriam mais tempo livre em comparação com outros setores sociais. Essa é uma argumentação que vai ao encontro das análises sociológicas, que afirmam a possibilidade de atuação social dos jovens a partir da consideração de mais liberdade, onde não há mais os limites impostos pela família na infância, nem todas as obrigações da vida adulta ao entrar no mercado de trabalho e constituir família. No trabalho pioneiro de Foracchi, já citado, a autora debate, entre outros temas, sobre o papel do jovem estudante que é, mesmo que parcialmente, sustentado economicamente pela família. Foracchi atenta para a importância de observar as especificidades desses jovens, que se encontram em uma situação limítrofe, não estão ainda completamente amarrados às dinâmicas de trabalho e manutenção de uma família como os adultos, mas também possuem um certo nível de liberdade.²¹³

Essa questão da “liberdade” dos jovens aparece também nos textos das organizações. Esse exemplo também pode ser visto em documentos importantes para a ALN, como o Mini-manual do guerrilheiro urbano. Importante documento para o período e também para compreender como era vista a luta armada no Brasil por seus integrantes, entre os diferentes aspectos da guerrilha, Marighella aponta neste documento a importância dos estudantes no processo revolucionário, de maneira bastante semelhante ao MLN-T

Os estudantes se destacam por ser politicamente cruéis e rudes e por tanto rompem todas as regras.

²¹³ FORACCHI, Marialice M. *O estudante e a transformação da sociedade brasileira...* op. cit.

Quando são integrados na guerrilha urbana, como esta ocorrendo agora em grande escala, ensinam um talento especial para a violência revolucionária e pronto adquirem um alto nível de destreza político-técnico-militar. Os estudantes tem bastante tempo livre em suas mãos porque são sistematicamente separados, suspensos e expulsos da escola pela ditadura e assim começam a usar seu tempo vantajosamente a favor de a revolução.²¹⁴

O tempo livre, a desocupação, são postos em ambos os textos como positivos para o fazer revolucionário, uma característica atribuída aos jovens pelo discurso e construída nesse discurso como positiva. É um ponto interessante pois constrói a especificidade de jovens na organização através de características que poderiam ser vistas de outra forma: estar desocupado não é necessariamente positivo. É inclusive uma característica que pode ser utilizada de maneira pejorativa facilmente, pois pode demonstrar uma vida fácil, uma falta de interesse. É ainda mais claro isso se comparamos com outras categorias sociais importantes para a atividade revolucionária, como operários e camponeses.

Sem entrar em questões amplas sobre o papel dos operários e camponeses como lideranças do processo revolucionário, e por isso sua importância para as organizações, cabe perceber que características diferentes são atribuídas a esses atores, características que seriam úteis a revolução. Nesse caso a importância dos operários, por exemplo, está intimamente ligada a suas atividades, e ao poder de mobilização dentro das fábricas. Operários são caracterizados não só por sua atividade, mas pela exploração que sofrem, tornando-os mais conscientes dos problemas do capitalismo ao tentar sustentar suas famílias. O que quero dizer é que a “desocupação” da juventude, colocada como algo positivo para o fazer revolucionário, não parece ser possível em outros contextos, como o de operários, seu potencial revolucionário jamais estaria em serem desocupados, o que pode inclusive ser visto como algo negativo nesse contexto, afinal quem está nas fábricas nunca é desocupado.

É interessante perceber como essas questões são construídas discursivamente, questões que levam a um entendimento do papel dos militantes em diferentes formas. É também interessante como essas

214 MARIGHELLA, Carlos. *Mini-manual do Guerrilheiro Urbano*. Jun, 1969.

questões se articulam com uma visão sociológica da juventude no período. Foracchi, ao analisar como a noção de experiência e inexperiência é vista pelos jovens percebe que ela muitas vezes é construída como positiva. Segundo a autora, na valorização da inexperiência como possível superioridade, argumentada por estudantes, é possível “vislumbrar um sentido latente da oposição. Sendo garantia de liberdade e de autoafirmação, a inexperiência colide, forçosamente, com as pressões domesticadoras do adulto que abdica, inclusive, de 'compreender os problemas que sente na carne'.”²¹⁵ A idade parece fazer parte desse discurso em vários momentos, não só se referindo a estudantes, mas a pessoas jovens como um todo. Em um texto de apresentação em um jornal da ALN que seria distribuído em uma fábrica, há uma explicação sobre o que seria aquele material: Este jornal é feito por operários que já lutam contra os patrões e que querem unir a todos os operários na sua luta contra a exploração; os operários que não lutam porque não sabem o caminho, os que já lutam mas ainda estão sózinhos, enfim unir a todos os operários que ainda não chegaram na idade de se renderem.²¹⁶

Há aí também uma relação com a idade, mesmo não se tratando de jovens enquanto categoria. E a relação é interessante, pois coloca no discurso a idade relacionada a capacidade de se mobilizar, naturaliza essa capacidade de mobilização, de radicalização. Qual é a idade em que os operários se rendem? Não é possível saber, inclusive não é possível saber se essa idade seria uma idade que pode ser considerada de pessoas jovens. Mas pode-se, pelo menos, pensar que quanto maior a idade, maiores as chances desses operários “se renderem”, então os operários considerados jovens podem ser considerados os com maiores chances de lutarem “contra a exploração”.

São diferentes textos, produzidos para diferentes propósitos, tanto internos da organização quanto para a divulgação geral – ou em setores específicos, como operários, estudantes, etc. Nesses variados documentos é possível ler algumas características atribuídas a pessoas jovens, e mais do que isso, é possível perceber algumas relações entre diferentes sujeitos revolucionários, que nem sempre são harmônicas.

215 FORACCHI, Marialice M. *O estudante e a transformação da sociedade brasileira...* op. cit., p. 25.

216 AÇÃO LIBERTADORA NACIONAL. Material apreendido. Processo Brasil Nunca Mais 068.

Enquanto muitos textos procuram mostrar a interação entre os diferentes atores sociais das organizações e o espaço importante de cada um no processo revolucionário, outros deixam antever algumas tensões existentes.

No texto *Quem samba fica, Quem não samba vai embora*, de Carlos Marighella, é possível notar um pouco desta tensão. Esse é um texto interessante, pois apesar de pequeno (duas páginas) trata de assuntos importantes para a organização de uma forma bastante direta. O documento é uma resposta a crítica que a organização recebeu de se focar demasiado em ações armadas e muito pouco em trabalho de massas, a carta de crítica se perdeu, mas a resposta de Marighella foi intencionalmente amplamente divulgada.²¹⁷ Ao reconhecer que a Organização ainda é pequena e faz o que consegue com o pouco dinheiro que tem, ele também afirma que a luta contra a ditadura será longa e mais baseada em paciência, sagacidade e malícia que em combates decisivos. E continua:

Precisamos trabalhar os jovens. Ou melhor: precisamos trabalhar com os jovens. É preciso dar oportunidades aos jovens e responsabilizá-los com problemas que só a juventude pode resolver. Tragam jovens para a ação, para contatos, reuniões se for o caso. E gente jovem para viajar e aprender. Quando voltarem, pouco a pouco, irão cuidando de tudo, queiramos ou não.²¹⁸

Este trecho é interessante, pois traz diversos questionamentos. Quem precisa trabalhar os jovens? O que seria trabalhar os jovens? Quais os problemas que só os jovens podem resolver? Quem não quer que os jovens cuidem de tudo? São muitas as interrogações possíveis através dessa carta, no entanto não é minha intenção aqui esgotá-la de análise, mas trazer essas interrogações como mais um sinal da tensão existente na relação com jovens na organização.

Nesse caso cabe destacar que o texto foi escrito por Carlos Marighella, que não era considerado jovem nem se via como jovem, ao falar das pessoas jovens como terceiros na organização. Mas cabe tentar entender quem é o nós no qual ele se inclui em oposição aos jovens.

²¹⁷ MAGALHÃES, Mário. *Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 416.

²¹⁸ MARIGHELLA, Carlos. *Quem samba fica, quem não samba vai embora*. Dezembro, 1968.

Segundo Magalhães, a carta de crítica foi escrita por alguns ex-militantes do PCB que haviam se ligado ao Agrupamento Comunista de São Paulo, entre eles Rolando Frati, na época com 56 anos, João Adolfo Costa Pinto, 45, e Agonalto Pacheco, 41.219 Militantes ligados a ALN, mas com uma longa trajetória de militância dentro do PCB, assim como Marighella, com então 57 anos. Ou seja, a discussão estava sendo feita entre um grupo específico, uma velha guarda comunista que compartilhava experiências específicas de militância dentro do Partido Comunista e antes da ditadura.

Neste caso os jovens são o Outro, talvez por isso a tensão aparente. Uma briga de gerações? Isso não deixa de mostrar o papel central que pessoas jovens estavam tendo na organização: não só era impossível ignorá-los como eles iriam acabar tomando conta de tudo. Se Marighella mesmo transmite seu discurso demonstrando essas tensões, uma vez que ele se “corrige”, não é trabalhar os jovens, mas trabalhar com eles. O texto mostra uma tentativa de lidar com essas pessoas jovens: se deve trabalhar “com” eles. Talvez a agência dessas pessoas jovens era visível, não sendo possível tentar lidar com elas enquanto sujeitos a se moldar, a trabalhá-los para que fossem como o esperado. Os jovens podem ser a “argila fresca” de quê Guevara escreveu, mas não seriam moldados facilmente por agentes externos; talvez aqui se perceba uma tensão que envolva a construção subjetiva individual de cada sujeito revolucionário: serão os jovens, enquanto sujeitos revolucionários, quem trabalharam a si mesmos? Na continuação do texto também se percebe motivos pelos quais “a juventude” escolhia estar na organização, “porque vê nela a decisão de fazer, executar, atuar sem burocracia e sem respeitar os velhos e gastos padrões de centralismo democrático, tão desprestigiados desmoralizados.”²²⁰ O discurso de Marighella aponta para a intenção de agir e atuar sem burocracia ou respeito a padrões antigos seja o motivo dos jovens se identificarem com a ALN.

O que mais ligava esses jovens a um ideal revolucionário? E ainda, todos esses jovens eram vistos da mesma maneira? Em ambos os grupos, pautados pela ideia de luta armada, existe o perfil do que seria um revolucionário ideal. Em primeiro lugar ele é um guerrilheiro. E a flexão já aponta outra questão: sua pretensa universalidade é masculina.

219 MAGALHÃES, Mário. *Marighella...* op. cit.

220 MARIGHELLA, Carlos. *Quem samba fica, quem não samba vai embora*. Dezembro, 1968.

Tanto a presença das mulheres como uma análise de gênero nas guerrilhas latino americanas tem sido feita a algum tempo, entre essas estudiosas responsáveis pelas pesquisas estão as professoras e pesquisadoras do Laboratório de Estudos de Gênero e História da UFSC, referência na temática, com as diversas publicações já citadas.

Se os jovens são colocados como o Outro, qual o lugar das mulheres, a maioria delas jovens? Seria possível que elas fossem duplamente o Outro? Spivak afirma que o subalterno é sempre representado por outrem, uma vez que sua condição de subalternidade não o permite ter o poder de fala.²²¹ Nos textos das organizações muitas vezes jovens e mulheres são representados por outros sujeitos, não são eles mesmo a falarem de si, os textos das organizações ou não apresentam um autor individual ou apresentam e esse autor é uma importante liderança (masculina, no caso). Talvez isso possa explicar algumas construções discursivas a respeito desses sujeitos, e o quanto muitas delas são universalizantes, invisibilizando dessa forma as possíveis particularidades de mulheres jovens enquanto sujeitos revolucionários.

Além das mudanças ocorridas para a configuração da nova esquerda, há também as mudanças culturais que permitiram uma maior participação de mulheres nas diversas organizações, como a segunda onda do Movimento Feminista e a Revolução Sexual. Por mais que essas esquerdas não fossem propriamente um lugar de discussão ou atuação feminista, o próprio fato de mulheres, e mulheres jovens, se incorporarem a uma militância tida como radical já tensionava os papéis de gênero, onde o espaço designado feminino é o privado, do lar, e não o público, da política.

Mais radical ainda é a incorporação na luta armada, extremamente militarizada, uma vez que o espaço de militarização é um espaço privilegiado aos homens e construído de masculinidades. O discurso de Urbano, já citado no capítulo anterior, afirmava que “que nunca es más igual un hombre a una mujer que detrás de una pistola cuarenta y cinco”. Se percebe aí a necessidade de apontar para a igualdade entre homens e mulheres através do força que a opção pela luta armada apresenta. Mais do que refletir sobre o poder que empunhar armas pode dar, é interessante perceber a necessidade que o dirigente tupamaro tem de afirmar a igualdade de gênero dentro da organização.

²²¹ SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Como será que foi construída essa experiência para Urbano? Terá sido de maneira subjetiva e individual, ao se dar conta da potência e violência presente nas militantes tupamaras? Não será possível que essa percepção - de um poder tido masculino sendo empunhado por mulheres - tenha trazido mais tensões ao invés de uma presumível visão de igualdade? São reflexões que não pretendo resolver, mas podem ajudar a expandir as possibilidades de análise de gênero nas organizações armadas. As armas são símbolo de poder, e ao empunhá-las é possível que as mulheres tenham de certa forma subvertido estruturas de poder da sociedade, mesmo as das próprias organizações.²²² No *Mini manual do Guerrilheiro Urbano* Marighella também fala sobre o papel das mulheres na guerrilha:

Com respeito à mulher brasileira, sua participação na guerra revolucionária, em particular na guerrilha urbana, tem sido distinguido por seu espírito lutador e tenacidade sem limite, não é somente por sorte que tantas mulheres tem sido acusadas de participação nas ações de guerrilha (...). Como uma escola para escolher o guerrilheiro, a guerra de guerrilha urbana prepara e coloca ao mesmo nível de responsabilidade e eficiência a homens e mulheres que compartilham os mesmos perigos de lutar, buscar suprimentos, servir como mensageiros ou corretores, ou motoristas, ou navegantes, ou pilotos de aviões, obtendo informação secreta, e ajudando com a propaganda ou o trabalho de doutrinação. [grifos meus]²²³

Assim como o uruguaio, Marighella afirma que a guerrilha iguala homens e mulheres. Pode-se pensar como esse processo de militarização, de tornar-se soldado/revolucionário, realiza esse processo.

²²² A imagem de mulheres enquanto guerrilheiras foi vista como duplamente subversiva para a sociedade de maneira mais ampla, como é possível verificar em discursos jornalísticos e nas narrativas de mulheres sobre a experiência com a repressão. Sobre esse tema ver WOLFF, Cristina Scheibe. *Narrativas da guerrilha no feminino* (Cone Sul, 1960-1985). *História Unisinos*, v. 13, p. 124-130, 2009. A argumentação aqui procura pensar nessa questão dentro das organizações, que procuravam possuir uma ética e moral de alguma forma a parte das sociedades capitalistas que estavam inseridas.

²²³ MARIGHELLA, Carlos. *Mini-manual do Guerrilheiro Urbano*. Jun, 1969.

No entanto, é necessário questionar como essa igualdade é construída. Considero inegável que as vivências e a formação em grupos de esquerda armada transformaram as mulheres que neles estavam e também a visão de como essas mulheres eram vistas em sociedade, uma vez que transgrediram os papéis de gênero ao estarem no público, na política, na revolução militarizada, realizando essas diferentes atividades, a maioria tida masculinas, como motoristas, lutadoras, soldados. Mas é também muitas vezes uma igualdade invisibilizadora das mulheres, uma vez que o ideal de revolucionário é o sujeito universal, o sujeito sem sexo é a norma, logo homem. É possível pensarmos: se todos são iguais detrás de uma pistola 45, qual o gênero desses iguais?

Algumas imagens se tornam interessantes para pensar isso. A figura abaixo é uma das ilustrações apreendidas no aparelho de Iuri Xavier Pereira e Ana Maria Nacinovic Pereira, militantes da ALN, em junho de 1972.



Figura 7: Ilustração apreendida pelo exército em junho de 1972. Processo Brasil Nunca Mais 068

A imagem do guerrilheiro, apesar da pretensa universalidade, é aqui completamente masculinizada. O sujeito é musculoso, porte e feição masculinas, está sem camisa onde é possível perceber os músculos nos braços e peitoral. Cabelo curto, faixa na testa e barba visível, está correndo empunhando um fuzil. É uma figura que demonstra uma força militarizada, demonstra virilidade. Mesmo com discursos de militantes homens afirmando a igualdade entre homens e mulheres na guerrilha, essa imagem não parece ser alcançável para mulheres.

Wolff²²⁴, ao analisar as configurações de gênero na guerrilha mostra que o sujeito revolucionário guerrilheiro é pautado por ideais masculinos de virilidade, força e determinação, e que apesar das mulheres terem se identificado com esses ideais, eles não deixavam de ser masculinos.

Muitas das jovens guerrilheiras e militantes, a partir do exílio ou a partir de suas trajetórias posteriores (...) tornaram-se feministas. O número e a relevância das militantes mulheres na Nova Esquerda foram muito importantes se levamos em conta os números de mulheres militantes de partidos tradicionais, de esquerda ou de direita. Embora os grupos de consciência, os periódicos feministas, as casas de mulheres e outras expressões do feminismo de segunda onda surgissem em paralelo com os movimentos armados de esquerda ou como sua consequência, tanto no Brasil como na Argentina e no Uruguai, o próprio fato de as mulheres estarem neste momento nas Universidades, em números nunca antes experimentados, e de se sentirem convocadas elas também pelo discurso tão genderizado no masculino para a luta social, colocando-se assim numa relação de igualdade com seus companheiros homens, já expressa uma mudança importante. (...) Disse-me uma ex-militante de Direitos Humanos, então exilada nos Estados Unidos, que, sendo responsável pelo escritório da Anistia Internacional, era vista por

224 WOLFF, Cristina Scheibe. Feminismo e configurações de gênero na guerrilha: perspectivas comparativas no Cone Sul, 1968-1985. *Revista Brasileira de História* (Impresso), v. 27, p. 19-38, 2007.

seus companheiros como um homem. Segundo ela, estar em uma posição de poder fazia da militante "um homem". Diziam-lhe: "venha para a reunião, companheira, enquanto as mulheres fazem as empanadas". O poder, nesse caso, masculinizava, propiciava uma ascensão de *status*. É assim que mais uma vez podemos dizer: gênero é poder.²²⁵

Dessa maneira é curioso que a culpa pelas falhas recaiam às mulheres jovens no documento da ALN que dá início a esse capítulo. Gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder²²⁶, mas as relações de poder se cruzam entre mais categorias quando pensamos nas pessoas jovens. É também um jogo entre visibilizar e invisibilizar essas mulheres jovens. O sujeito revolucionário pode ser pensado enquanto universal e masculino, mas a presença dessas mulheres nos grupos tensiona essa questão. Urbano ao continuar a entrevista afirma:

Una de las acciones que se hizo con más alegría en el Movimiento fue la evasión de las compañeras de la Cárcel de Mujeres. En un local del MLN se pegaron después las fotografías de ellas aparecidas en los periódicos con una leyenda que decía: "Es verdad: no se puede hacer una revolución sin ellas".²²⁷

As mulheres revolucionárias serão consideradas como algo "fora da norma" para os jornais, algo a se destacar. E nesse caso a feminilidade e a juventude serão também marcantes, principalmente na mídia brasileira que enfatizam a ideia de mulher jovem guerrilheira, que além de terrorista, é considerada bonita, o famoso epíteto de "loira dos assaltos", epíteto esse que muitas mulheres militantes tiveram. Tânia Fayal foi uma dessas militantes, que com 19 anos em 1968 usava uma peruca loira em ações da ALN. A relação entre o que se espera dessas mulheres e o lugar em que elas estão é o que causa a perplexidade e chama a atenção.

225 Idem.

226 SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, n.16(2), jul/dez 1990.

227 MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL – TUPAMAROS. *Tupamaros y gobierno, dos poderes en pugna*. Setembro, 1971.

No documento intitulado *El Papel de La Mujer*, o MLN discute o papel das mulheres na sociedade uruguaia, sua participação dentro da organização e dá exemplos de como podem atuar. Um texto interessante pois deixa antever que essa atuação não ocorreu harmonicamente.

No sin lucha, el M.L.N. ofrece hoy un lugar de militancia a las mujeres sin prejuicios, y sólo em función de lograr lo mejor para la revolución. Decimos, no sin lucha, em atención al proceso que ele lugar de militancia sufre em el tiempo. En efecto, para llegar a ser una combatiente más, la mujer tuvo que vencer y vence dificultades.²²⁸

O texto, cheio de tensões, acaba por se contradizer. Se afirmava que o MLN era um espaço de militância onde não havia preconceitos com as mulheres, afirma também que isso ocorria através da luta, em que a mulher teve que vencer e vence dificuldades. O verbo no presente indicava que essa situação ainda ocorria, as mulheres continuavam vencendo dificuldades, inclusive dentro da organização. Isso talvez permita compreender a citação na entrevista de Urbano; o “és verdad” tem uma importância específica, a presença da expressão junto com a foto das mulheres constrói no discurso o próprio distensionamento: se antes havia militantes homens que não acreditavam na necessidade das mulheres para se fazer a revolução, a foto e a frase surgem como uma prova de que elas seriam necessárias, uma maneira de resolver a discussão. No entanto, ao mesmo tempo mantêm-se as mulheres enquanto o Outro, não são elas que falam de si mesmas no texto. A partir de Spivak, novamente, é possível pensar que é negado, naquele momento, uma própria fala, ou narrativa de si.

Essa relação de poder, nos grupos de esquerda, constrói um ideal de sujeito revolucionário, de forma a buscar um jovem (no masculino) que seja motor da revolução em suas características. O MLN-T afirma em documento que um revolucionário deve ter três características principais, formação política, vontade revolucionária e capacitação técnica.²²⁹ Parece-me que a vontade revolucionária é uma das principais características que se coloca nos jovens da organização. Mas é possível pensar que nessas relações de poder do discurso se encontram

228 MLN MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL. *Actas Tupamaras...* op. cit., p. 23.

229 MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL – TUPAMAROS. Documento nº 2. 2ª Convención Nacional. Janeiro, 1968.

também motivos para o fracasso da empreitada revolucionária.

A questão colocada no documento da ALN com o qual se iniciou esse capítulo demonstra este lado, do fracasso. Como essas mulheres e homens jovens, com tantas características uteis e positivas à revolução puderam falhar? Os discursos nesse caso são muito poderosos, eles tanto positivam certas características “inatas” aos jovens quanto tensionam e colocam responsabilidades e culpas devido às mesmas características em outros momentos.

Essa construção de juventude, carregada de simbolismos, mobilizou diversas pessoas, grupos e instituições na década de 1960, e continua a ser uma memória reafirmada pelos protagonistas sobreviventes. A construção de uma ideia de mulher também será carregada de simbolismos e irá mobilizar ou desmobilizar diversas militantes. Se para a ALN a mulher brasileira nunca havia participado da atividade revolucionária até 1968, a inexperiência de mulheres militantes jovens será duplamente reafirmada, uma inexperiência pessoal e social. Como essas jovens puderam superar esse obstáculo?

Em um artigo escrito em 2012, a chilena Macarena Caperochipi analisou a atuação de jovens nos grupos PRT-ERP na Argentina, MIR chileno e MLN-T. A autora coloca as guerrilhas enquanto experiência geracional, devido as características como criatividade, urgência, crítica aos adultos e as formas clássicas de ação política.²³⁰ Acredito, no entanto, que a ordem seja um pouco diferente. As características como criatividade, urgência, crítica as formas clássicas de ação política são características das guerrilhas latino-americanas, não dos jovens. A presença de pessoas jovens nessas organizações que fez significar no discursos algumas dessas características.

Antes de serem estas características juvenis, essas foram características pelas quais os discursos visaram mobilizar jovens e construir juventudes revolucionárias. Discursos permeados de relações de poder, onde essas características permitiam uma narrativa que positivava ou negativava militantes jovens. Essas relações de poder ficam mais evidentes em quando falamos de mulheres jovens, como no caso do texto inicial, mas não só nele. Na continuação do texto tupamaro sobre o papel da mulher há a seguinte análise.

230 CAPEROCHIPÍ, Macarena Orellana. Utopías generacionales. De la radicalización política a la lucha armada. Jóvenes en el surgimiento del PRT-ERP (Argentina), MIR (Chile) y MLN-Tupamaros (Uruguay). 1960-1970. *Revista Divergencia*, Viña del Mar, a. 1, n. 2, p. 91-110, jul/dez 2012, p. 107.

Ante todo, la sociedad capitalista asigna a la mujer un papel y para tal papel la educa. Pocos son los elementos rescatables de esa educación para que, una mujer común de la sociedad uruguaya, pase a ser militante de una organización político-militar. Desde una preparación física desatendida hasta la dependencia para la resolución de los problemas prácticos (económicos, familiares, mecánicos, etc.) van limitando, a través del tiempo, su creatividad, su iniciativa, e incluso su agresividad. (...)

Es primordial para la mujer militante encontrar en los propios compañeros revolucionarios la justa comprensión hacia sus carencias e imposibilidades, para que éste, su lugar de militancia, sea eficaz; para que el trabajo de equipo supere a los prejuicios, de modo que no haya ya tareas de hombres o tareas de mujer, sino la complementación necesaria que exige toda tarea revolucionaria. (...)

Nos encontramos así con una mujer disciplinada, trabajadora, sensata, segura, hábil frente a la represión con buen arraigo en el pueblo, con amplias posibilidades en el trabajo político, no tan audaz ni con tanta iniciativa en lo militar por ahora, pero, en general, lo que puede llamarse una combatiente.²³¹

Escrito em 1971, o texto que tem por intuito valorizar a ação e presença das mulheres na organização, também acaba apontando algumas falhas dessas militantes. Se criatividade, iniciativa e agressividade são características importantes para um guerrilheiro, e as mulheres por sua criação já são deficientes nestes pontos, como conseguiriam ser boas revolucionárias? Se audácia e iniciativa são características que se espera de um jovem revolucionário, porque uma parte desses jovens não as tem?

Talvez seja neste jogo de múltiplas forças que pessoas jovens se construíram enquanto jovens rebeldes e revolucionárias. Essa tensão entre atitudes corretas ou não para jovens militantes parece evidenciar também uma relação de poder calcada no gênero, onde as características negativas da juventude, sejam elas a inconstância, a falta de controle, a

231 MLN MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL. *Actas Tupamaras*. Buenos Aires: Schapiro, 1971, p. 23-24.

inexperiência, são colocadas como femininas. Enquanto as características positivas, a violência, o desprendimento, a agilidade, a coragem, são colocadas como masculinas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões propostas e desenvolvidas neste trabalho tiveram como intenção refletir acerca de temáticas ainda hoje pertinentes, quer sejam as relações de gênero nos grupos de esquerda, o desenvolvimento das esquerdas armadas na América Latina e sua relação com as categorias de juventude e gênero, a visão de uma história compartilhada e cruzada latino-americana e a visão de potencial de revolução ou revolta atribuída aos jovens. Muito mais do que uma pesquisa terminada, esta dissertação é uma possibilidade de reflexão que deixa em aberto diversas possibilidades de continuação ou questionamento.

Muito já se escreveu sobre as esquerdas armadas latino-americanas, tema que alimenta um certo fetiche visto muitas vezes através do prisma da juventude de seus militantes: a geração que quis mudar o mundo, os jovens rebeldes em busca de uma revolução que estava “a la vuelta de la esquina”.²³² Minha busca nessa dissertação foi compreender como uma parte desse discurso de rebeldia jovem foi formado, a partir de uma documentação específica, os escritos de Che Guevara e da duas organizações de guerrilha urbana, Movimiento de Liberación Nacional - Tupamaros no Uruguai e Aliança Libertadora Nacional no Brasil. Dessa forma minhas reflexões deixaram muitas possibilidades de fora, pensando que outras fontes possam enriquecer essas análises, como o caso de entrevistas e livros de memória, por exemplo. No entanto, creio que debruçar-me sobre esse tipo específico de fontes também permitiu um olhar interessante sobre a produção das próprias organizações e sujeitos no momento em que estavam vivendo essas experiências de militância.

Considero que o fazer histórico envolve certas escolhas, e minha escolha enquanto historiadora e através de minha formação no Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH) sempre foi de forma a não universalizar os sujeitos, atentando para a sua diversidade e heterogeneidade. Dessa forma a opção dessa dissertação de tensionar o que seria um ideal de sujeito revolucionário para as esquerdas armadas da década de 1960 e 1970. Procurei então refletir acerca desse ideal de

²³² Frase comum no período para a esquerda latino-americana de língua espanhola, que significava que a revolução estava muito próxima e para seu êxito era necessário apenas se organizar, lutar e arriscar. In: TRISTÁN, Eduardo Rey. La inmediatez de la revolución o la pasión como clave de participación política: los jóvenes uruguayos y la lucha armada en 1968. *Atlante Revue d'études romanes*, n. 4, 2016.

sujeito analisando algumas de suas fontes, como os textos e a figura de Che Guevara, para poder pensar quais as possíveis tensões e propostas de superação das mesmas existentes nas organizações.

Acredito que refletir sobre construções de juventude e masculinidade é de extrema importância uma vez que muitas dessas questões são ainda hoje valorizadas tanto nas memórias sobre a militância daquele período como em espaços de militância atuais. Apontar para o discurso que ajudou a formar essas construções é uma maneira de subvertê-las, não de modo a necessariamente negá-las, mas de poder ver que não são naturais ou essenciais. E ao vê-las dessa forma não tenho por intenção negar sua potencialidade, mas sim instrumentalizar conscientemente essa potencialidade.

A passagem da década de 1960 para 1970 foi vista como o grande auge da mobilização da juventude em todo o mundo, assim como também foi um momento de transformações nos costumes e de ressurgimento do movimento feminista com a chamada “revolução sexual”. Atualmente se vê um “renascimento” do feminismo com características de militância jovem bastante fortes, inclusive no discurso de muitas dessas feministas. Talvez as reflexões desta dissertação sobre a construção de um sujeito revolucionário ajudem a perceber as construções atuais de outras sujeitas revolucionárias atuais. Talvez incentivem a escolha por posições mais radicais, onde a heterogeneidade dos sujeitos que se pretendem revolucionários seja colocada como positiva.

REFERÊNCIAS

Fontes

AÇÃO LIBERTADORA NACIONAL. Jornal para distribuição em fábrica. Material apreendido. Processo Brasil Nunca Mais 068.

AÇÃO LIBERTADORA NACIONAL. O papel da ação revolucionária na Organização. Maio, 1969.

AGRUPAMENTO COMUNISTA DE SÃO PAULO. Pronunciamento do Agrupamento Comunista de São Paulo. São Paulo, fev. 1968.

ARISMENDI, RODNEY. Informe de balance del Comité Central y resumen de la discusión, a cargo de. XVII CONGRESO DEL PARTIDO COMUNISTA DE URUGUAY. Agosto, 1958.

CASTRO, Fidel. Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer secretario del comite central del Partido Comunista de Cuba y primer ministro del Gobierno Revolucionario, en la clausura de la primera conferencia de la Organizacion Latinoamericana de Solidaridad (OLAS), celebrada en el teatro "Chaplin", el 10 de agosto de 1967.

CORREO TUPAMARO. Estamos em Guerra. Boletim n. 4. Dezembro 1969.

FERREIRA, Joaquim Câmara. *Marighella: vida e ação criadoras*. Ação Libertadora Nacional, nov. 1969.

GUEVARA, Ernesto Che. *¿Que debe ser un joven comunista?* 20 octubre 1962. Discurso en la conmemoración del segundo aniversario de la integración de las Organizaciones Juveniles, 20 de octubre de 1962. Escritos del Che Guevara, Tomo 2, pp. 161-175.

GUEVARA, Ernesto Che, Carta a sus padres. Marzo, 1965.

GUEVARA, Ernesto Che. Carta de despedida à Fidel. Havana, Año de la Agricultura. Lida por Fidel Castro em 3 de outubro de 1965, por motivo da anunciação da fundação do Partido Comunista Cubano.

GUEVARA, Ernesto Che. *El hombre nuevo*. Texto dirigido a Carlos Quijano, del semanario Marcha, Montevideo, marzo de 1965. Leopoldo Zea, Editor. Ideas en torno de Latinoamérica. Vol. I. México: UNAM, 1986

GUEVARA, Ernesto Che. *La Guerra de Guerrillas*. 1960.

GUEVARA, Ernesto Che. *La Juventud y la Revolución*. 09 mayo 1964. Discurso en la clausura del seminario "La juventud y la Revolución ", organizado por la UJC del Ministerio de Industrias, 9 de mayo de 1964. Escritos del Che Guevara, Tomo 2, pp. 308-318.

GUEVARA, Ernesto Che. *Que és un "guerrillero"*. 1959.

GUEVARA, Ernesto Che. *Obras Escogidas*. Santiago: Resma, 2004.

GUEVARA, Ernesto Che. *Obras Escogidas: 1957-1967 la accion armada*. Habana: Casa de las Américas, Editorial de Ciências Sociais, 1970, 1991.

MARIGHELLA, Carlos. *A crise brasileira*. 1966.

MARIGHELLA, Carlos. *Algumas questões sobre as guerrilhas no Brasil*. Havana, out. 1967. Publicado no Brasil no Jornal do Brasil em 5 set. 1968.

MARIGHELLA, Carlos. Carta à Comissão Executiva do Partido Comunista Brasileiro. 1 dez. 1966.

MARIGHELLA, Carlos. *Escritos de Carlos Marighella*. São Paulo: Livramento, 1979.

MARIGHELLA, Carlos. *Mini-manual do Guerrilheiro Urbano*. Jun, 1969.

MARIGHELLA, Carlos. *Quem samba fica, quem não samba vai embora*. Dezembro, 1968.

MLN MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL. *Actas Tupamaras*. Buenos Aires: Schapire, 1971

MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL - TUPAMAROS. Documento n. 1. Montevideo, 1967.

MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL - TUPAMAROS. Documento n 2. 2ª Convención Nacional. Janeiro, 1968.

MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL - TUPAMAROS. Documento n. 2: el problema de la acción. Uruguay, 1968.

MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL - TUPAMAROS. Documento nº 5. Uruguay, 1971.

MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL - TUPAMAROS. *Mensaje público confiado ao Sr. Geodfrey Jackson*. Montevideo, 8 set. 1971.

MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN NACIONAL - TUPAMAROS. *Tupamaros y gobierno, dos poderes en pugna*. Setembro, 1971.

O GUERRILHEIRO, n. 2, Ação Libertadora Nacional. PROCESSO BRASIL NUNCA MAIS 068.

REIS, Daniel Aarão; SÁ, Jair Ferreira de. *Imagens da Revolução: documentos políticos das organizações clandestinas de esquerda dos anos 1961 a 1971*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.

URUGUAY NUNCA MÁ: informe sobre la violación de los derechos

humanos (1972-1985). Montevideo: SERPAJ, 1989.

Bibliografia

ABREU, Alzira Alves de [et al]. *Dicionário histórico- biográfico brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M.. O Tecelão dos Tempos: o historiador como artesão das temporalidades. In: Lígia Bellini, Antônio Luigi Negro e Everton Sales Souza. (Org.). *Tecendo Histórias: Espaço, política e identidade*. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2009, v. 1.

ALDRIGHI, Clara. *La izquierda armada: ideología, ética e identidad en el MLN-Tupamaros*. Montevideo: Trilce, 2001.

ANDÚJAR, Andrea; D'ANTONIO, Débora; DOMÍNGUEZ, Nora et al. (Org.). *Historia, género y política en los '70*. Buenos Aires: Feminaria, 2005.

ARAÚJO, Ana Maria. *Tupamaras: des femmes de l'Uruguay*. Paris: Des Femmes, 1980.

ARAÚJO, Maria Paula. A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

AREND, Sílvia Maria Fávero. Jovens brasileiros nas páginas da revista Realidade: família e trabalho (Brasil 1966-1969). *Projeto História*, São Paulo, v. 54, set./dez. 2015.

BAÑALES, Carlos; JARA, Enrique. *La rebelion estudiantil*. Montevideo: Arca, 1968.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

BARRÁN, José Pedro; CAETANO, Gerardo; PORZECANSKI, Teresa (orgs.). *Histórias de la vida privada en el Uruguay: individuo y soledades 1020-1990*. Montevideo: Taurus, 1998.

BARROSO, Carmen Lúcia de Melo; MELLO, Guiomar Namó. O acesso da mulher ao ensino superior brasileiro. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 15, dez. 1975, p. 52. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/278.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2014.

BARROSO, Carmen Lúcia de Melo; MELLO, Guiomar Namó. O acesso da mulher ao ensino superior brasileiro. *Cadernos de Pesquisa*, São

Paulo, n. 15, dez. 1975.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Brasília: UNB, 1998, v. 1.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983 .

BUSTAMANTE, Regina Maria. História comparada: olhares plurais. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, 2007, p. 3

CAMPOS, Cynthia Machado. Jovens na ditadura e pós-ditadura militar brasileira: escritas em ciências humanas. *História Revista*, Goiânia, v. 18, n. 2, jul./dez. 2013.

CAPEROCHIPI, Macarena Orellana. Utopías generacionales. De la radicalización política a la lucha armada. Jóvenes en el surgimiento del PRT-ERP (Argentina), MIR (Chile) y MLN-Tupamaros (Uruguay). 1960-1970. *Revista Divergencia*, Viña del Mar, a. 1, n. 2, p. 91-110, jul/dez 2012, p. 107.

CASTAÑEDA, Jorge. *Che Guevara: a vida em vermelho*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

Comitê Central do Partido Comunista do Brasil. Declaração sobre a política do PCB. 22/03/1958. *Voz Operária*. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/tematica/1958/03/pcb.htm>>. Acesso em: 27/02/2017.

CONNELL, RW; MESSERSCHMIDT, J. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, jan./abr. 2013.

CONNELL, RW. Políticas da Masculinidade. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

COSSE, Isabella. *Pareja, sexualidad y familia em los años sessenta*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2010.

DÓRIA, Carlos Alberto. O dual, o feudal e o etapismo na teoria da revolução brasileira. In: MORAES, João Quartim de (Org.). *História do Marxismo no Brasil...* Op. Cit.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. Em guarda contra a repressão: as mulheres e os movimentos de resistência à ditadura na América Latina. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24, 2007, São Leopoldo. *Anais...* ANPUH.

- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FERREIRA, Joaquim Câmara. Marighella: vida e ação criadoras. Ação Libertadora Nacional, nov. 1969.
- FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia. *O Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Orgs.). *Revolução e democracia: 1964-....* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (Coleção As Esquerdas no Brasil, 3).
- FICO, Carlos; et all. *Ditadura e democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.
- FORACCHI, Marialice M. *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*. 2a. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.
- FORACCHI, Marialice M. *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*. São Paulo: Editora Nacional, 1972.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no College de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 2013.
- GALEANO, Eduardo. Entrevista ao programa Singulares. TV3, Catalunya, 23 maio 2011.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- GOMES, Angela de Castro (org.). *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas: a esquerda brasileira das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Ática, 1987
- GROPPO, Luís Antonio. *Uma onda mundial de revoltas: movimentos estudantis nos anos 1960*. 2000 . 696 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Madri: Siglo Veintiuno,

2002, p. 17.

LATINOAMERICANA: Enciclopédia contemporânea da América Latina e do Caribe. São Paulo: Boitempo, 2007.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean Claude (Orgs.). História dos jovens: da antiguidade à era moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, v. 1.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Claude. *História dos Jovens*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Vol. 2.

LÖWY, Michael (org.). *Revoluções*. São Paulo: Boitempo, 2009.

LÖWY, Michael. *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.

LÖWY, Michel. *O pensamento de Che Guevara*. São Paulo: Expressão Popular, 1999.

MAGALHÃES, Mário. *Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012

MARCHESI, Aldo; YAFFÉ, Jaime. Violencia política
60: conceptos y explicaciones. In: JORNADAS DE SOCIOLOGIA DE LA UNLP, 5, 2008, La Plata. *Anais...* La Plata: Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Departamento de Sociología.

MARTINS FILHO, João Roberto. *Movimento estudantil e ditadura militar: 1964-1968*. Campinas: Papyrus, 1987

MATHIAS, Suzeley Kalil (Org.). *Sob o signo de Atena: gênero na diplomacia e nas Forças Armadas*. São Paulo: Unesp; Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, 2009.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 16, n. 3, set./dez., 2008.

OBERTI, Alejandra. Testimonio, responsabilidad y herencia. Militancia política y afectividade em la Argentina de los años setenta. *Meridional Revista Chilena de Estudios Latinoamericanos*. n. 2, abr. 2014, p. 85.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Ed. UFMG; IUPERJ, 2004, p. 28.

PADRÓS, Enrique Serra. Como el Uruguay no hay... Terror de estado e

- segurança nacional uruguaia (1968-1985): do Pachecato à ditadura civil-militar. Tese (Doutorado) – UFRGS, Porto Alegre, 2005.
- PANDOLFI, Dulce. O cenário político-partidário do período. Dossiê sobre a trajetória política de Jango. CPDOC-FGV Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Rio de Janeiro, São Paulo, 2004.
- PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe (Orgs.). *Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul*. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010.
- PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe; VEIGA, Ana Maria. *Resistências, gênero e feminismos contra as ditaduras no Cone Sul*. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2011.
- POERNER, Arthur. *O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros*. 2a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- POZZI, Pablo A.; PÉREZ, Claudio. *Por el camino del Che: las guerrillas latinoamericanas 1959-1990*. Buenos Aires: Imago Mundi, 2011.
- PRADO, Maria Ligia. Repensando a História Comparada na América Latina. *Revista de História*, São Paulo, n. 153, ago./dez. 2005
- PURDY, Sean. A história comparada e o desafio da transnacionalidade. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, 2012.
- REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, v. 15, n. 45, set./dez. 2010.
- RIDENTI, Marcelo. O fantasma da revolução brasileira. São Paulo: UNESP, 1993.
- RUGAI, Ricardo Ramos. *Um partido anarquista: o anarquismo uruguaio e a trajetória da FAU*. São Paulo: Ascaso, 2012.
- SADER, Emir. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Moderna, 1985
- SAPRIZA, Gaciela. “Nos habíamos amado tanto”: años revueltos. Mujeres, colectivos y la pelea por el espacio público. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 23, n. 3, set/dez, 2015.
- SARLO, Beatriz. *Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo, Belo Horizonte: Cia. Das Letras, UFMG, 2007.

SCOTT, Joan W. Experiência. In: Silva, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (org.). *Falas de Gênero*. Florianópolis: Mulheres, 1999, p. 21-55.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise. Educação e Realidade, Porto Alegre, n.16(2), jul/dez 1990.

SIERRA, Juan Carlos Sánchez. Virilidad y subjetividad revolucionaria. elementos conceptuales para el estudio del periodismo de oposición en México: la revista Política, 1960-1967. *Ciudad Paz-ando*, Bogotá, v. 7, n. 2, jul./dez. 2014,

SIERRA, Juan Carlos Sanchez. Virilidad y subjetividad revolucionaria. elementos conceptuales para el estudio del periodismo de oposición en México: la revista Política, 1960-1967. *Ciudad Paz-ando*, Bogotá, v. 7, n. 2, jul./dez. 2014.

SIRINELLI, Jean-François. *Abrir a História: novos olhares sobre o século XX francês*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda; GOUVÊA, Maria de Fátima. *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

SOUSA, Janice Tirelli de; GROppo, Luís Antonio (Org.). Dilemas e contestações das juventudes no Brasil e no mundo. Florianópolis: UFSC, 2011.

SOUSA, Janice Tirelli Ponte. *Reinvenções da utopia: a militância política de jovens nos anos 90*. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TRISTÁN, Eduardo Rey. *A la vuelta de la esquina: la izquierda revolucionaria uruguaya 1955-1973*. Montevideo: Fin de Siglo, 2006.

TRISTÁN, Eduardo Rey. La inmediatez de la revolución o la pasión como clave de participación política: los jóvenes uruguayos y la lucha armada en 1968. *Atlante Revue d'études romanes*, n. 4, 2016.

TRISTÁN, Eduardo Rey. Movilización estudiantil e izquierda revolucionaria en el Uruguay (1968-1973). *Revista Complutense de Historia de América*. Madri, v. 28, 2002.

WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. 5 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

WENER, Michael; ZIMMERMANN, Bénédicte. Pensar a história

cruzada: entre empiria e reflexividade. *Textos de História*, Brasília, v. 11, n.1-2, 2003

WOLFF, Cristina Scheibe, FÁVERI, Marlene de; RAMOS, Tânia Regina Oliveira Ramos. *Leituras em rede: gênero e preconceito*. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2007, p. 100-101.

WOLFF, Cristina Scheibe. Feminismo e configurações de gênero na guerrilha: perspectivas comparativas no Cone Sul, 1968-1985. *Revista Brasileira de História* (Impresso), v. 27, p. 19-38, 2007.

WOLFF, Cristina Scheibe. Feminismo e configurações de gênero na guerrilha: perspectivas comparativas no Cone Sul, 1968-1985. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 54, 2007.

WOLFF, Cristina Scheibe. Narrativas da guerrilha no feminino (Cone Sul, 1960-1985). *História Unisinos*, v. 13, p. 124-130, 2009.

WOLFF, Cristina Scheibe. O gênero da esquerda em tempos de ditadura. In: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe. *Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul*. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010, p. 138-155.